ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Sciências de Lisboa

Cosmopólia

...dias, semanas, mezes e annos, que
são os bancos da escola da experiencia.
D. Francisco Manuel de Mello.

1.º MILHAR

EMPRÊSA LITERÁRIA FLUMINENSE, L.DA
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

COSMOPÓLIS

Edição da *Emprêsa Literária Fluminense, Limitada* — Lisboa
Tip. da Imprensa Portuguesa
Rua Formosa, 116. Pôrto | MCMXXII

OBRAS DO MESMO AUTOR

(Edições desta Emprêsa)

Palavras cínicas	(1905) — 29.º milhar
Crónicas imorais	(1908) — 7.º milhar
Lisboa trágica	(1910) — 12.º milhar
Prosa vil	(1911) — 10.º milhar
Gente da rua	(1914) — 9.º milhar
Grilhetas	(1916) — 6.º milhar
Vidas sombrias	(1917) — 6.º milhar
A Avalanche	(1918) — 4.º milhar
Jornal dum rebelde	(1919) — 4.º milhar
Cosmopólia	(1922) — 3.º milhar

Albino Forjaz de Sampaio, *escôrço bio-bibliográfico*, por João Paulo Freire (Mário), 1 vol. ilustrado.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Sciências de Lisboa

COSMOPÓLIA

... dias, semanas, mezes e annos, que são os bancos da escola da experiencia.

D. Francisco Manuel de Mello.

1.º MILHAR

EMPRÊSA LITERÁRIA FLUMINENSE, L.DA
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

AO

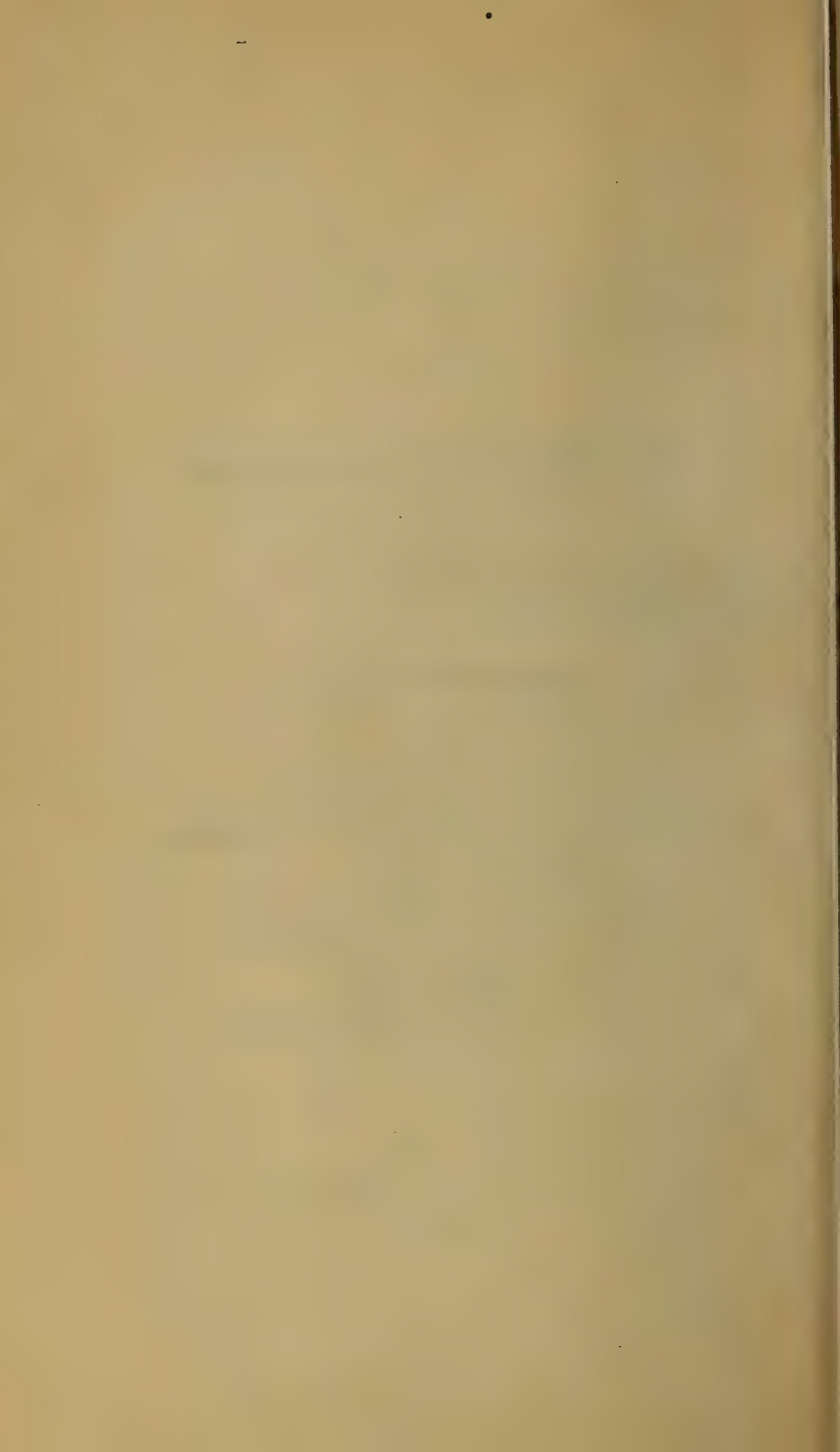
DR. COELHO DE CARVALHO

AO POETA

AUGUSTO GIL

amigos.

O. e D.

O AUTOR.

Guarda-Porta

Cosmopólia. Mais outro volume, leitor. Êste é das impressões por terra nossa e pela terra alheia, impressões que já teem anos porque a gente envelhece depressa e o tempo não se demora connosco. Viagens, peregrinações por êsse mundo de Cristo, Portugal, França, Inglaterra, do mar, da terra, das máquinas, das minas, dos navios, dos campos, das almas, da gente rude e da gente civilizada, dos deuses e das coisas preciosas, dos grandes homens e das misérias da vida, há aqui de tudo um pouco. Eu mesmo, ao reler agora êste livro, me debruço para recordar. Quási todo êle é de antes da guerra e o Paris e Londres que aqui passam são o Paris e Londres de 1913. Há nove anos e parece de há um século! Quási tudo mudou muito. Eu é que não mudei nada. Para mim a vida é a mesma, porque a minha alma na mesma a vê. Quando em 1910 fechava a Lisboa Trágica eu tinha antevisto o bolchevismo, que não é mais

afinal do que o homem à solta. E o homem à solta é uma fera má. Hoje já não vaticino, constato. E não acredito que os que pregam a Paz tenham grande fé na sua doutrina. Êsses faliram ontem, faliram hoje, falirão amanhã. Mas não cessarão de tentar convencer o mundo que eu sou um ser execrando que pregôa o Mal. Mal de mim, eu sou apenas o homem que registra e a sensibilidade exacerbada que sentiu primeiro o que andava há muito no sub-solo das almas.

Êste livro é bom. Não tem perversidades nem vaticínios. Que o leitor o tome e o leia com a despreocupação com que foi escrito, mas também com a comoção com que foi sentido. Isso basta, isso me serve. E como dantes amigos certos, leitor, profundamente amigos...

Fumo & Flama

De Lisboa ao Pôrto

como a autorização dissesse que o cidadão Albino Forjaz de Sampaio podia transitar nas máquinas da Companhia, de 28 a 30, às 19 de 28, vestido de ganga, o chapéu substituïdo por uma boina e por colarinho um cachené escuro, subimos para sôbre a 355, que, rebocando o rápido, nos devia levar ao Pôrto. Acompanhava-nos o engenheiro Melo Vieira que, como nós, deixara o casaco no furgom e trocara o chapéu por uma boina que ao kilómetro qualquer coisa um pé de vento lhe levou da cabeça.

A vida é feita de sensações. E como a vida é uma só, justo é que a mísera criatura seja a pista em que elas doidamente galopam. Subir num aeroplano, descer num escafandro e num submarino,

visitar o fundo duma mina, ser cloroformizado, injectar-se de morfina, opiar-se a gente, são coisas a cumprir para ver como a besta humana arfa, soluça, treme, vibra, se congestiona e liberta da sua materialidade.

Pois às 19, dado o sinal, a pesada máquina subtilmente deslizou nos *rails*. É uma coisa curiosa e muito diversa de viajar numa carruagem o viajar numa máquina. Para nós tudo aquilo é novo. Não se ouve ruído a não ser o vapor arranhando nos tubos com estrépito, o tam-tam das placas giratórias e o solavancar das carruagens. Enfiámos pelo túnel, negro, duma negridão de fundo de poço. Mas já o fogueiro deitou mão da corrente que abre a bôca da fornalha e a porta, uma pesada porta de cofre, se abriu, deixando passar um hausto abrasante de calor. E agora, atlèticamente, silhuetado à luz rubra do forno e à luz pacificada da lâmpada do tecto, como as figuras de Meunier, êle curva-se para encher no carvão do tênder a pá de ferro em forma de calha com que enche a goela hiante do monstro. São quatro ou cinco as pàzadas cheias, a mantença, operação que se repete todo o caminho de espaço a espaço, rítmicamente.

Mal o fogueiro enche a escancarada bôca, o

carvão chia e arde, a língua de fogo lambe a bocaça rubra e lá dentro vai um inferno de triturantes labaredas, de fogo, de calor. E, mestre fogueiro arroja a pá, para, satisfeita a sofreguidão da besta, lhe cerrar na queixada a pesada porta com ruído. E vai à mangueira, empunha a agulheta, volta a torneira da água e um jacto chapinha o tênder inundando o carvão e preservando-o de combustões. O maquinista, sôbre o estrado, vigia o maquinismo, vigia a linha, olha os discos e sinais. E pelos óculos da locomotiva as paralelas da linha estendem-se pela noite fora emquanto a máquina arfa e galopa, arquejante nos seus pulmões de aço, correndo, voando, endoidecendo de velocidade. E, de espaço a espaço, puxado o apito, o vapor sai, silva e vai quebrar o silêncio dos campos adormecidos, dos casais amesendados entre arvoredos, pinhais gementes e verde--negros olivedos.

Agora, fita de luz, dedada de luz na treva, o combóio passa, a galope. Ouve-se só o tam-tam rude da máquina e não corremos, não, nem voamos. É uma loucura, positivamente uma loucura. Deitámos a cabeça para olhar o horizonte mas o vento que passa, cega-nos. O maquinista vai debruçado, atento. O fogueiro não parou na sua tarefa. E como

novamente inundasse o carvão, o vento salpica-nos de pó e água numa incómoda tortura. Aberta a fornalha novamente, o ennovelado do fumo da chaminé e o clarão reflectindo-se nos vidros da guarita do furgom, fazem supor que lá dentro crepita um incêndio. A scena é rembrandtesca, oiro e negro, com figuras de meia tinta, aparecendo e logo sumindo-se na treva. E sôbre tudo isto a trepidação, o silvo estridente da máquina e a ferragem, rodas, alavancas, manómetros rebrilhando, luzindo, faïscando metalizadas scintilas.

O maquinista às vezes, com uma comprida almotolia, desaparece.

Está sôbre a máquina cuidando-a. E é numa ocasião destas que o fogueiro se volta para o engenheiro e trémulo, lhe diz: «Sr. engenheiro, não temos maquinista. Eu não o vejo nem dum lado nem do outro!» A noite é escura e a máquina corre à desfilada, louca. Melo Vieira diz-lhe que inquira, que veja, e toma o lugar do maquinista, que o fogueiro já visiona caïdo à linha feito num bôlo. Mas o combóio segue, corre, marcha. E já eu scismo no pobre diabo, morto na linha a dois, três ou oito kilómetros, quando êle surge com a seringa de lata na mão e um ar de diabo

encarvoado e terrível. E só a fornalha põe uma sanguínea mancha na escuridão. Agora, porque já vamos atrazados, aquilo não corre, vôa. O maquinista é para mim um Deus, mexendo agora num freio, olhando depois uma roda, desprendido e serêno, calmo e tranqüilo, sempre atento, sempre debruçado sôbre a noite, sempre perscrutando a escuridão. E é uma coisa grande ver aquele homem simples cumprir o seu dever sem orgulhos nem ostentações. Estações passam, êle recebe notas, papelinhos, avisos. Agora um disco fechado, logo um combóio que tem de cruzar, mais além dois minutos perdidos. E sempre comendo carvão, a sôfrega chama, a bôca hiante sempre escancarada. Já o tênder vai livre. Quatro toneladas, quatro mil kilos passaram pela pá do fogueiro para o estômago do Leviathan faminto. E devora espaço, corta a noite negra a serpente de fogo penetra o coração da treva e vai, prossegue, caminha sem descanso. A velocidade é mais e mais. Parece que vamos doidos. As ferragens rangem, tudo treme, tudo é silêncio. Só se ouve o ruído do ar que se desloca e vê-se apenas os vultos negros do maquinista no seu estrado e do fogueiro, atentos, ambos negros, ambos soberanos.

E nada mais, não se sabe, não se sente. Tal a vertigem da velocidade que o caminho não se lobriga e tudo aquilo é sonho; luz, máquina gente, paisagens, sombras. Tão sonho que iríamos gostosamente, se aquilo descarrilasse, direitinhos para as profundas dos infernos.

Turismo

COMO tivéssemos diante de nós dois enfadonhos feriados, logo Mântua decidiu abandonar a cidade e ir por aí acima agarrado ao volante do automóvel disfrutar a paisagem e solavancar os rins nas covas da estrada. E assim foi que às 6 da manhã largámos do Rossio, para sem grandes pressas estarmos ao meio dia abancados à mesa do hotel nas Caldas da Rainha a saborear um pãozinho alvo de que o lisboeta tem uma vaga idea de ter comido ali por altura da guerra dos padeiros na serra do Monsanto. Belo pão o das Caldas, excelente povo o de Lisboa que manduca impávidamente tôda a mistela que lhe querem dar.

Portugal é bem um país encantado. Desde as

portas de Lisboa a paisagem de Loures a Ponte de Louza, com o rio serpenteando no fundo do vale e a estrada caracolando sob um céu de anil é positivamente um encanto. Mas se a terra é boa a gente é bárbara. Logo à saïda da cidade, automóvel em plena marcha, o motor resfolgando, pondo em ladridos todos os cães, e em nuvem tôda a poeira da estrada, eis que um maloio adolescente o bispa de lá de cima da ribanceira, onde divagava. E ei-lo que desce à margem da estrada, com um geito concerta a cinta, põe um pé atraz em posição de pastor que despede uma pedrada e prepara os braços. Que demónio iria fazer, pensei. O automóvel avisinhava-se. Êle preparado aguardava-o. E quando perto, o saloio despede-nos por baixo, com o punho em guisa daquelas cabeças de bicha que encimavam os velhos fagotes, um «tregeito de ante-braço e mão» a que chamam um manguito, elucida Camilo nos *Narcóticos*. Ao mesmo tempo despedia um silvo agudíssimo e desandava a rir o alma danada. O manguito seguiu a sua trajectória sempre acompanhado do silvo e como tinha sido despedido com fôrça demasiada, passou por nós silvando e como um projéctil foi rebentar mais longe, não nos atingindo. Famoso manguito.

Sempre marchando, a paisagem vai descerrando os seus encantos. É a cumieira de serras distantes, são lugarejos longínquos, campos de cultivo, massas negras de arvoredo, massas ondulantes de searas. E a estrada ora coleia uma montanha ascendendo em voltas, ora se abisma lá em baixo no vale, desaparecendo entre vegetação. Malveira, Rosário, Tôrres Vedras. Por tôda a parte reclamos aos pastéis de feijão. Devem ser bons os tais pastéis. Depois Ramalhal, Outeiro, Bombarral, S. Mamede, deixa-se a altiva Óbidos, muralhada e imponente, e chega-se às Caldas. Almoçados aqui, vamo-nos a Alcobaça a visitar o mosteiro. Imponente. ¿Ouviram falar nos célebres lenços de Alcobaça? Pois já não há, acabaram-se, gastaram-se todos. ¿Onde os haverá então? ¿Serão os lenços como os pêssegos de Colares e a manteiga de Sintra que só se encontram em Lisboa? Talvez o sr. Forreta tenha, dizem-nos. O sr. Forreta diz que teve mas já não tem. Outro diz-nos que só no museu do sr. Natividade haverá.

Vamos à Batalha. Visitamos o Mosteiro. É inolvidável a impressão de leveza ao contemplar a fachada. Um guarda dá explicações. É homem encanecido no assunto e remete-nos para a *História de S. Domingos,* que eu digo ser de Fr. Luiz de Sousa.

Êle emenda que é de Fr. Luiz de Cacegas, continuada pelo Fr. Luiz. E eu, admirado, ouvi a merecida reprimenda. Passo a vida entre livros, tenho lido algumas vezes a *História de S. Domingos* e fui aprender à Batalha a falar com propriedade bibliográfica.

Lindo o mosteiro sim, obrigatório ponto de passeio a estrangeiros, mas impossível de pensar em tal, a não ser que os estrangeiros tragam também consigo as estradas. Até Tôrres a coisa escapa. De Tôrres em diante a viagem é tragédia, porque as covas são seguidas e o automóvel não marcha, salta. Salta duma para afocinhar noutra, emquanto a gente se agarra e faz de péla no assento. Vamos a Leiria, e como ainda há tempo, proponho irmos a S. Pedro de Muel, uns vinte kilómetros. Vamos. Até à Marinha Grande a estrada é banal, mas da Marinha Grande para lá a estrada, serpenteando por dentro do pinhal de Leiria, é uma coisa soberba, encantadora, extraordinária.

Sobe, desce, circuntorna, volta, até que a meio se junta à emanação resinosa do pinhal o ar fino e gelado do oceano. E agora em declive S. Pedro de Muel aparece, isolada do mundo, quási perdida de todo no convívio humano. Mar que rola e, sobran-

ceira, a casa de Afonso Lopes Vieira parece uma nau das conquistas que vai de velas pandas singrar mar em fora. Em nossa honra a bandeira velha do galeão, o pano esquecido que na *Frol de la Mar,* viu os oceanos e as bombardadas, sobe majestosa. É a Cruz de Cristo vermelha sôbre o linho que o sol fêz creme. E distante, ao longe, o sol morre.

Despedimo-nos e voltamos a Leiria. Há no hotel um criado que ao servir-nos diz: Tomamos morangos? Tomamos café? Tudo no plural o que recorda fesceninas anedotas que todos sabem.

Leiria é bonita com um rio que não leva água e um passeio pequenino onde as elegantes se aborrecem e as miúdas brincam. É bem iluminada a luz eléctrica, coisa que se não pode dizer de Lisboa. As lâmpadas lá não teem moléstia. Não levam a noite a piscar como as nossas, numa persistência tão encantadora que dá vontade de as quebrar à pedrada.

* * *

Sete horas da manhã. De Leiria a Alcobaça, de Alcobaça a Nazareth. Linda praia, caramba. Uma venda à direita chama-se *A Condenada,* um barco

que dorme na praia é o *Guerra Junqueiro* e espreitamos para dentro do barracão dos Socorros a Náufragos. Lá está o *Senhora dos Aflitos*. Descarregam peixe homens e mulheres. Os garotos caçam o que os cabazeiros deixam cair, andando à babugem. Um pescador vem até nós. Diz-nos na sua pitoresca linguagem que o mar é bom. Apenas quando o mar está «engeitado» (por agitado) é que mete mais respeito. Fala da guerra. Quere a fortaleza artilhada porque assim, diz, a povoação, está à mercê de qualquer inimigo. Chama ao Mântua o «arrais do leme» do automóvel, pois que é êle quem dá a direcção àquele barco. É engenhoso o falar, simpático o velhote.

Vamos a S. Martinho do Pôrto. É uma praia sem oceano. Praia para gente pacata, e sítio para quem gosta e teme o mar. Vamos a Alfeizerão. É por aqui perto que está uma ponte de tábuas que diz pouco mais ou menos que «por ser perigoso se deve ir devagar e sempre junto às guardas da ponte.» Devagar hein! Livra. Depressa, depressa que se cair já a gente esteja em Óbidos, caramba. Estão à espera que ali se despenhe um automóvel cheio de gente para a mandar concertar.

A estrada tem aqui e ali montes de pedra e

trabalhadores. Mas há léguas de covas sem vivalma nem pedra. Vamos almoçar a Tôrres Vedras. E visto que andam para aí sempre a falar de turismo saibam que nos apeamos à porta do Hotel Natividade, o melhor da terra. Perguntamos a uma criada se não há com quem nos entendamos. Indica-nos bruscamente dois malcriados, um dêles o cozinheiro que nos diz que aquelas não são as horas de comer, que não há nada, que mais isto e mais aquilo, repontão, ameaçador, que não é nosso criado para ter comida e não sabemos que mais.

Não sei se a Propaganda recomenda êste hotel. Se não recomenda recomendamo-lo nós pela má criação do pessoal. Se recomenda saiba o leitor que onde o tratem com sete pedras na mão mais carroceiralmente não há. Um farmacêutico indicou-nos uma taberna. Pois não tivemos razão de queixa. Abundante, barato e bem temperado, o almocinho.

Às 7 horas entrávamos em Lisboa com 390 a 400 kilómetros andados, sem uma *panne*, sem uma câmara de ar furada. Que resistência não é precisa para aturar estradas como as nossas! Quanto à perícia de Bento Mântua só direi que ela é igual ao seu talento de dramaturgo.

Já lá vão dez dias. Que saudades do passeio, da paisagem e do pão alvo. Não há dúvida. Portugal é bom. O pão também é bom. Mas hão-de ir comê-lo às Caldas ou a Leiria, e é preciso que o não sonhe o sr. ministro do trabalho.

A Mina

ERAM duas e meia em Coimbra quando o automóvel se pôs em marcha. Companheiros Aboim Inglez, Jorge Nunes, o médico Adelino Silva, Soares Franco e eu. Minutos depois Coimbra ficava-nos para traz, e a tôda a velocidade, com a mão serêna de Soares Franco ao volante, a gente galgava Sernache, onde nasceu Nun'Álvares, a Condeixa, que os franceses saquearam, Venda Nova e Pombal. A estrada é quási recta, os campos são lindos e há na nossa retina tôdas as belas paisagens que costumam sair da paleta dos pintores. Há árvores, há poeira e há sol. Loureiros, ciprestes, laranjeiras, nogueiras, um pinheiral ao longe, uma seara ondulante, um olival a verdejar, tudo velozmente passa, se apaga, se confunde, para de novo perpassar e desaparecer de

novo. Grandes casas brazonadas, gente que sacha, que ara e que monda, que rega, que alporca e que estruma, gente que cava, gente que labuta. Ao longe o esfumado dos montes topetando o céu. E num plano distante um ribeiro que serpeia, a mancha ruiva de dois bois que puxam e ruminando scismam, com grandes olhos perdidos e leais.

O automóvel, estrada fora, vôa, trepida, ronca, buzina. É um meteoro. Uma carroça cheia de palha foge e transida encosta-se à regueira. Mais adiante um grande tronco parece um canhão enorme a caminho dum cêrco, ajoujando as juntas de bois que o puxam trôpegas. Pombal! Estamos a 40 kilómetros de Coimbra e a 27 de Leiria, cheios de pó, cheios de sêde. O combóio que passa, estrupidando ferragens, dá-nos um alto que permite emborcar uma droga morna e torpe a que na terra chamam gazoza. E, deixando à direita a estátua do vingativo marquês que durante muitos anos foi o dono de Portugal, a gente abala furiosamente deixando atraz de si a fita da estrada que parece vir desdobrar-se muito igual e muito branca da caixa do motor e uma raparigaça que envolta em poeira nos grita *Eh diabos!* como se um turbilhão à solta passasse em suas tropelias. Garotos ajoelham, os

montes desaparecem para aparecerem vales, a estrada trepa, coleia, contorna, desce e prespectisa longes que são maravilhas, paisagens que são encantos. Depois de Pombal vem Arranha, Barracã, depois Boa Vista, Leiria por fim. E a gente passa as pontes do Liz, olha lá em cima sobranceiro à praça o castelo, êsse castelo que é uma das maravilhas castelãs do torrão e vai meter gasolina e beber cerveja. A praça, rodeada de arcos, é bonitinha e Leiria tem assim o ar batráquio duma cidade que se aborrece ao sol, santo nome de Deus!

Pois fizemos já os sessenta e sete kilómetros que nos distam de Coimbra, com uma câmara de ar esvaziada e alguma fome. Viajar abre o apetite e comilão por natureza, a natureza ainda mais nos torna. São 4 horas e dista ainda de nós 17 kilómetros a Charleroi portuguesa, como lhe chamou um colega, ou seja o nosso portuguezíssimo Pôrto de Mós, onde fica a mina de Soares Franco e Aboim Inglez, que nos é destino.

De Leiria seguimos para Azoia e vamos a passar ao lado de cima da Batalha quando uma roda do auto, que seguia vertiginoso, proclama a sua independência e desligando-se do *chassis*, segue por uma ribanceira acima, sem temor porque ficássemos

ali de *fricassé* entre gasolina e sucata de automóvel. Mas não tendo nascido para caminhar sem volante, breve caíu exausta e breve voltou para o eixo. Mas... mas depois da rebelião eixo e roda ficaram incompatíveis. E a passo de jumento, com todos os cuidados, lá fizemos o caminho até S. Jorge para obliquar para a mina, caminho de Pôrto de Mós. E, era ver como se ririam os bois de charrua e os cavalicoques mazelentos e filósofos se nos topassem coxos, caindo aqui, levantando-nos acolá, como avião que perdeu uma asa ou peixe a quem rataram as barbatanas. Não encontrámos nenhum por acaso e bom foi para que o progresso não tivesse a sua exautoração da vilanagem animal.

* * *

Foi assim que trôpegos, vagarosos, avistámos a mina. Primeiro uma linha férrea para vagonetas. Depois um telheiro e carvão. Logo os edifícios e maquinismos. Já tinha ido ao Pôrto, na máquina do rápido, mas nunca descera a uma mina senão com o espírito analista de Zola, e as rubras páginas de Severine. E vou primeiro ver o barracão onde uma máquina de fazer *briquettes,* monstro

vindo de Inglaterra, faz 18 quadriláteros de carvão por minuto. Ronca, fumega, volteia, silva, sobe, desce e deixa cair nas mãos do rapaz que atento os colhe, os *briquettes* que uma vagoneta leva para o depósito. Vamos ver a máquina com a sua bôca rubra de caldeira, e os depósitos de carvão, barracões enormes, negros, onde se empilha o miolo da mina, arrancado a braço e a picareta. E como chegou o momento, vamos descer. Mas vamos primeiramente ao escritório vestir umas calças de oleado, umas botas impermeáveis, um casaco de mineiro, pôr na cabeça uma boina espessa e no braço o gancho do candil de acetilene. As botas estão-nos curtas e os dedos dobram-se à chinesa. As calças rangem um rangido irmão ao duma *madame* que passasse vestida de sedas. E meio mineiro, meio *apache*, aqui nos pomos nós a caminho, de lampeão aceso para que o sol que morre nos possa ver ainda, exóticos e franzinos, a caminho do desconhecido. À frente Aboim Inglez e o engenheiro Oliveira Soares, creio eu que êle se chamava, depois o Jorge Nunes e eu na cauda a ver o que sairia dali. O que sairia em impressões, é claro, porque eu registo e sou o primeiro sensacionista espectador do que se passa dentro de mim. Tenho-me muitas

vezes surpreendido a admirar-me e a odiar-me. E quantas conversas, quantos raciocínios, quantas disputas eu comigo próprio travo!...

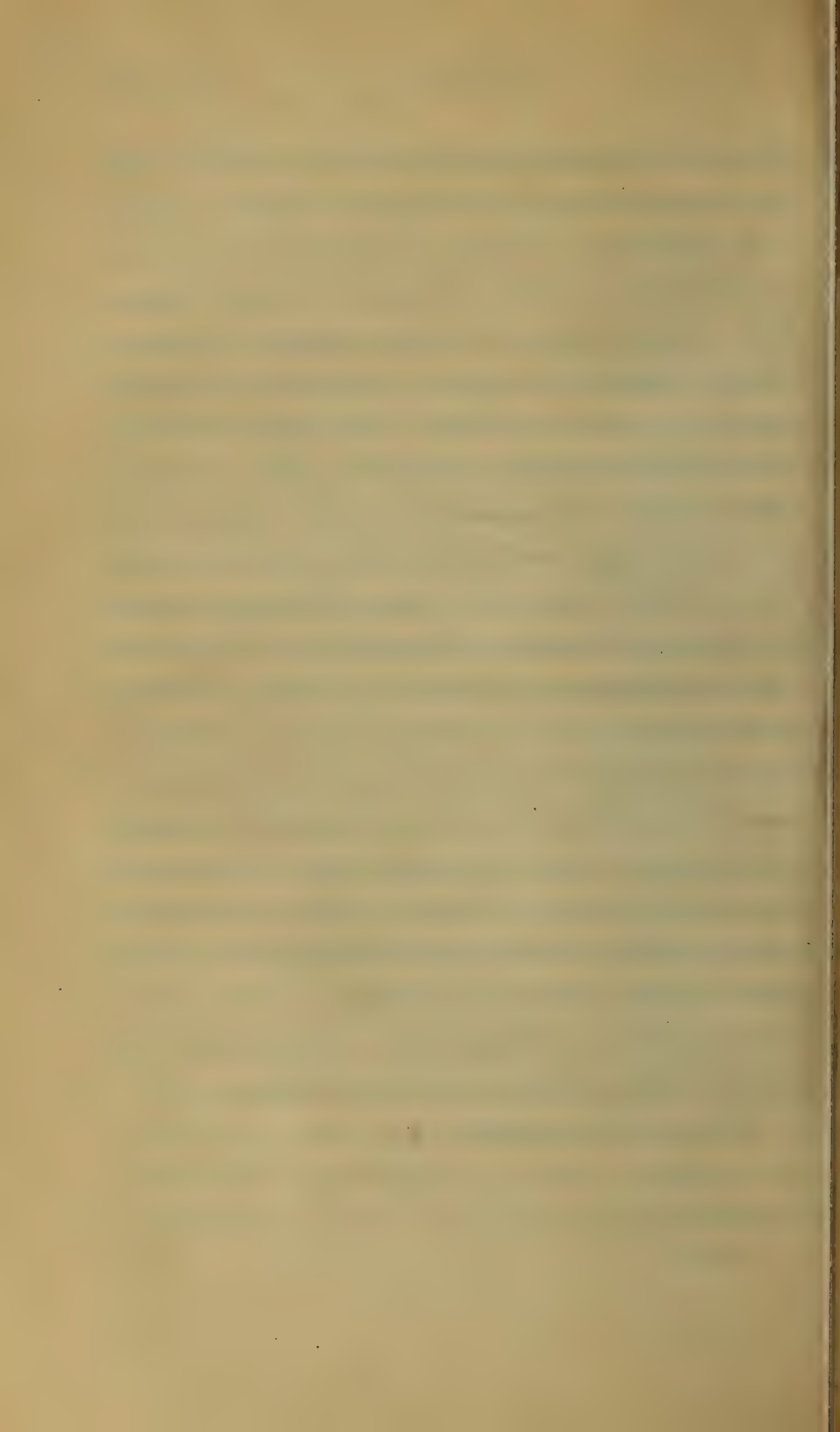
Cá estamos na entrada do poço, uma cova negra com uma escada a prumo, de madeira. E colocado o candil no braço, aqui começa a descida agarrando-nos afincadamente aos degraus tintos duma lama gordurosa de carvão amassado, muito viscosa e escorregadia. Negro, uma negridão de buraco maldito, visto à luz crepitante do acetilene. Desce-se, desce-se sempre, e, quando os pés nos tocam em terra, o solo escorrega. Agarramo-nos à parede. São os toros de pinho da entivação húmidos, negros e cheios da mesma gordura. Aqui temos que fazer ginástica, ali de nos baixar, mais além de, a gadanho e joelho, nos içarmos e assim vamos percorrendo as galerias compridas, corredores escuros e silenciosos onde não há outro ruído senão o da luz que murmura e o da madeira que range. Estamos a 10 metros de solo, mas descidas mais escadas é já a 28 metros da luz do sol que nos encontramos. Há água, chapinha-se uma greda oleosa e escorregadia e na madeira ao cimo há grandes animálculos de neve, florosos, algas algodoadas, muito frias e muito níveas. Faz frio. Uma linha corre ao longo

do caminho e lá ao fim, à luz das lâmpadas, uns homens negros cavam e esfurancam. A trechos o carvão mostra-nos o seu reflexo metálico e uma ou outra topada diz-nos que é preciso ter em conta o teto. Andamos, andamos muito, que a mina é enorme e vamos ter à outra abertura, onde trabalha uma jaula elevatória. O céu visto cá de baixo é uma obreia clara. Um sinal para cima, um apito, ferros que rangem, a pàzada de ferro da jaula que se mexe e encostados uns aos outros sob o gotejar húmido das paredes que distilam e chovem e choram, aos soluços, aos solavancos, aos tropeços, a mina expele-nos para o ar livre por meio da sua engenhoca de ferro.

E estamos de novo com horizontes, com árvores, com sol, um sol morrediço e despedidor. É interessante a mina, mina pacata e tranqüila, onde uma boa centena de operários ganha o seu pão sem que os jornais acordem a malta citadina com a notícia duma catástrofe de emparedados vivos. E de charrete, emquanto de Leiria um novo automóvel não avançava, no chouto dormente dum cavalo folgado, a gente chega a Pôrto de Mós e à mesa. Jantar de abade, manducado religiosamente, com devoção, até se lhe tocar com o dedo. Despedidas

ao dr. Silva e a Aboim Inglez, que ficam, e aqui abala a gente a caminho de Santarém para apanhar o rápido que passa às 11 e 59. São dez ou pouco menos e há ainda a fazer cincoenta kilómetros, dez léguas das que a velha mediu, tendo ainda para atravessar a serra de Minde, famosa a todos os respeitos. Estrada fora, com gana, com pressa, a tôda a velocidade, larga-se Pôrto de Mós e entra-se na Serra. Estamos agora em Serro Ventoso a 6 kilómetros. Bem pôsto nome. Aquilo não é vento é furacão, que parece que tudo vai pelos ares. Os faróis apagam-se e dão que fazer para acender. Faz um luaceiro de prata, neblinoso, argênteo. É um deserto em roda, paisagens de grandes penedos, onde em fitas de animatógrafo há assaltos de facínoras e lutas homicidas. Mas aqui há apenas o Silêncio, o luar e o vento. Mendiga. Mais quatro kilómetros. É meia dúzia de casas vistas vertiginosamente à luz duma ou outra lanterna, duma ou outra porta escancarada. Depois Carvalhos, depois Alcanede. O tempo urge, redobra-se a velocidade. Às vezes as molas dão-nos esticões de quem nos julga péla. É uma cova da estrada que não considera as molas. Agarramo-nos e, fugindo às covas, sirenando ao desconhecido,

adivinhando as carroças que viajam no escuro, tudo foge, trepida, passa. As árvores são traços, a estrada é um relâmpago. Estamos em Tremez, e a hora avança. Faltam quinze kilómetros. Soares Franco vê o relójio, apalpa o relójio, consulta o relójio. Há um momento em que se desanima. O rápido passa e a gente terá de ir até Lisboa no auto. É uma idea, como se vê, mas uma idea nada sorridente para quem tem cento e vinte kilómetros de estrada portuguesa no assento, nas costas, nos rins e nos bocejos. Depois de Tremez, Rameira, depois de Rameira, Santarém. E as árvores fogem, as casas desaparecem, os muros evadem-se, a estrada encolhe-se até que ao entrar na estrada que leva à estação de Santarém se ouve ao longe estrupindo, roncando, apertando os freios, o monstro de goela rubra, que nos levará à Lísbia amada. E como uma avalanche, o auto irrompe, a gente precipita-se, iça-se, instala-se, tomba no conchêgo amável dum grande vagão, os freios lassam, o vapor silva, o monstro arranca, fumega, parte, e, arquejante, vem trazer-nos à pacatíssima estação do Rossio.

É uma hora da noite...

A Fornalha

vapor *Pôrto* chamou-se outrora *Prinz--Heinrich* e é um bem lançado paquête de duas hélices e 6.636 toneladas. Mede 454,3 pés de comprimento, pertencia à Norddeutscher Llóyd de Bremen e fôra construïdo em 1894 nos estaleiros de F. Schichau, de Dantzig. As suas máquinas eram de 5.000 cavalos de fôrça e o navio, avariado e velho, ia para a Alemanha sofrer grandes reparações. Mas o destino dos navios, como o das criaturas, está escrito, e fomos nós quem tivemos que o reparar. Encarregou-se disso a casa Parry & Sons e o engenheiro e meu querido amigo António Mendes Barata, o mesmo que conseguiu arrancar o *Desertas* ao deserto de areia, na Costa Nova, onde êle apodrecia.

Devido a êle eu pude ver por dentro e de perto, funcionando na sua viagem de experiência, as máquinas complicadas que fazem mover o monstro.

* * *

Vestido um fato de macaco, que é como quem diz um fato inteiriço de ganga, vamos até à máquina. Desce-se por uma escada de ferro, onde o corrimão polido parece de prata fôsca. Desce-se, não. Agarra-se a gente aos varões, e, levantando os pés dos degraus, deixa-se escorregar até lá abaixo como fazem os bombeiros e os garotos. Estamos em cima dum sobrado de grelha de ferro, debaixo do qual há máquinas, lâmpadas e homens, e aos lados tampões onde hastes de ferro grossas como colunas se erguem e baixam e baixam e sobem sem descanso.

Desce-se mais um lanço de escadas e estamos em plena máquina que atravanca tudo. Desce-se ainda e então é sobrado negro, de ferro, onde há óleo e água. Ao meio, um corredor estreito entre as duas máquinas. Oficiais atentos às alavancas, que as há em todos os feitios e aos manómetros onde os ponteiros saltam oscilantes. Ao centro os quadros que transmitem as ordens da ponte. Lá em cima,

sob o sol que fulge, o oficial de serviço desloca um manípulo. Uma campainha dá o seu retimtim e um ponteiro diz cá em baixo o que êle quere. Manivelas vão e vem, a máquina barulha, o vapor arfa, range, chia e uma gôta de água ou de óleo vem lentamente e molha a gente e molha o chão.

Ao cimo, um globo eléctrico dentro da sua gaiola de fio de ferro, derrama uma luz leitosa, opaca, algodoenta. Muitas lâmpadas eléctricas dão uma luz metálica, cirial, que tira coruscações azul-pântano do aço e faz rebrilhar o cobre doirado, areado, polido dos maquinismos. O dorso duma máquina pintado de verde parece um reptil a tôpo, erguendo-se para o céu. Há no ar uma nuvem de vapor nevoeirosa e uma harmonia de barulhos, infernal. Uma haste enorme sobe, desce, vira, para mover as duas enormes peças da manivela. Ao lado, cadenciosamente, outras duas hastes esfregam-se ora para cá ora para lá e vão mover duas mós de ferro que se ocultam dentro dum tanque onde há água e óleo, um líquido viscoso, negro, com olhos baços a sobrenadar.

Por sôbre as nossas cabeças passam tubos grossos que lembram serpentes e um varão de ferro compassadamente entra e sai, sobe e desce,

num tubo de metal como se fôsse um fagote tocado por uma criatura invisível. Um depósito de óleo chora sôbre êle pingo a pingo a sua lubrificante lágrima.

Ao nosso lado há máquinas, condensadores, tubos, alavancas, ruïdos. A um canto uma lâmpada de azeite fumega. E uns homens vestidos como eu, untam, pintam, limpam, azeitam, em pé, de rastos, de cócoras, os braços, os dentes, as goelas do monstro, que espreguiça movimento e tem epilepsias de velocidade.

Agora atingiu o zénite o movimento e o ruïdo. Tudo aquilo mexe, sua, pinga e fumega. Tudo aquilo ronca, grita e range, trepida, barulha, retine. Há ferros que latejam, ferros que remordem, ferros que apitam, que sibilam, que piam como aves esquisitas, outros que teem o sonido dum chicote de muitos rabos de aço cortando o espaço.

O vapor escape faz um pff sibilante. Chia. Uma alavanca manobrada por um homem atento faz estremecer tudo, e de tudo isto vem um gigantesco tamtam onde todos os barulhos se amalgamam. Ao passar perto dum tubo, êle tem um assôpro como um gato que se assanhasse e a gente tem a sensação de que o vapor morde. Não morde,

queima. Vejo-o eu na carne dum camarada a quem a água fervente pôs a roséola vermelha de um sinapismo.

Ao fundo uma pequena porta dá para um túnel-corredor que leva às caldeiras. Vou até lá. É escuro o caminho, até que se desemboca no átrio da fornalha. As caldeiras alinham-se com suas bocaças rubras. O calor é enorme e parece aumentar de momento a momento quando os fogueiros manejam ferros e puxam, empurram, revolvem, remexem e espevitam pedaços de carvão em brasa, bocados de fogo que deitam um hausto do inferno e choram miríades de lágrimas rubras nas grelhas, babando ígnea baba vermelha, sanguinolenta, em brasa. Por entre as caldeiras há um corredor que a gente passa curvado, dobrado em dois, trotando. Leva a outro estádio do inferno, a outra mansão do fogo e da labareda. Os fogueiros em camisola, escorrem suor e às vezes a chama vem até cá fora, hostil, indomável, lamber a chapa. A luz dá tintas rubenescas aos corpos untados dos homens que, na sombra, teem projecções de ciclopes. Ali não há descanso, ali não há sossêgo. Quer o vento uive, quer o sol torresme, quer os elementos em fúria cá fora esgadanhem suas mãos convulsas, ali é sem-

pre inferno. Ali há apenas fogo e ferro. E carvão vai, carvão vem e some-se e desaparece na goela hiante do monstro. Uns homens dão lugar a outros homens, as chapas teem revérberos sinistros, o calor asfixia.

Há só duas tintas: o negro do ferro e o vermelho do lume. Tudo arde, parece uma cela da penitenciária do inferno. Ferro, lume, nada mais. Lá dentro, na fornalha, o carvão crepita, estala, ruge. A chaminé, lá em cima, turbilhona fumo, o vapor do apito uiva como um grande e tristonho animal ferido. Cá em baixo é o inferno, é a vida.

Para que lá em cima, no grande salão de jantar, Vatel condimente e no lindo salão-império Haubigant perfume e Chopin delicie, para que o *steward* seja dándi, o parqué espelho e o céu puro, há, ó gentes, por debaixo de vós, que nem o suspeitais, homens escorrendo suor, revolvendo a baba de fogo do inferno. Há criaturas que só conhecem a música dos ferros e das brasas, criaturas que passam a vida alimentando o monstro imundo que vós só conheceis como um instrumento luxuoso de progresso e prazer.

* * *

Vou ao camarote despir o fato ennodoado, e lavar-me. Venho até ao convés impecávelmente limpo, subo à ponte. Deliciam-se-me os pulmões no hausto de ar puro que os dilata. Lá em baixo o mar é calmo e Lisboa, que se avista ao longe, é uma linda cidade. Bandeiras tremulam na adriça, o navio arfa um pouco, os oficiais vigiam e em frente, no castelo de proa, o contra-mestre dá grandes passadas. O piloto da barra vê os enfiamentos, passa o campo de minas e o sol, um sol pálido, scintila no capacete de cobre da bússula. A chaminé desennovela o seu rôlo de fumo, os cabos de aço que a escoram tremem, vibram, ondulam. A querena corta a água num *chap* efervescente de espumas. É glauca, azul carregada, a água que lá em baixo salsuja a carcaça negra do costado. É imponente tudo isto.

Anoiteceu. Lançou-se ferro com ruïdos sibilantes de vapor e grande ranger dos elos da amarra no escovém. O grande barco ficou imóvel. Vamos jantar. Fala-se, brinda-se, um oficial faz música, uma das adoráveis pequeninas de Mendes Barata

canta e tudo é delicioso. Olho as minhas mãos que uma gordura negra impregnou e nem a água, a pedra, a escôva e o sabão conseguiram desencarvoar. Olho as minhas mãos esguias, finas, aristocratas, mãos de poeta, mãos femininas, brancas, macias, sem calos. São as mesmas ainda que em soirées e banquetes teem apertado as mãos triunfantes dos dominadores do dinheiro, da política, da arte e teem levado aos lábios a mão grácil de ideais mulheres. Não parecem as mesmas. Embora. Quero-lhes mais assim. Parecem as mãos dum dêsses diabos que lá em baixo, nas profundezas do forno, sua, labuta, trabalha. Lá em baixo, no sub-solo, na labareda, na fornalha, no inferno...

Que, quer em terra, quer no mar, quer perto da miséria, quer junto do milhão, só o inferno é que é verdade. O céu, êsse é uma utopia, uma ilusão, uma bebedeira...

Na Boa Vista

---

casa de Vicente Arnoso, a da Beira, quem de Lisboa a demandar, tem que tomar a linha da Beira Alta até à estação de Oliveirinha. Depois, em carruagem, são duas fartas horas de solavancos e paisagem onde os olhos poisam num repoisar e numa inquietude de ave solta e escape que vê o mundo pela primeira vez.

A estrada serpenteia, branca de poeira, entre pinhais e entre a barroca funda dos rios, entre terras de cultivo e entre casareus perdidos. Dum lado, surriba acima, um pinheiro sacode a sua cabeça de poeta triste. Do outro desce-se a pique por entre calhaus polidos, alvaçudos como crânios de gigante, para as águas revoltas do Mondego que lá no fundo do vale serpenteia, límpido, mur-

muroso, cascatante, aqui água de bica, ali cachão de barrela, mais além espraiando-se em pacífico lençol, água tranqüila a que se vê o fundo em seixos e terrinha branca e que vai em direcção ao mar com a ingenuidade e a crença dum emigrante que, confiado, buscando fôsse a felicidade a longínquas terras. Depois no seu chouto primitivo o *char-à-bancs* corre a estrada e desenrola a fita kilométrica do seu piso. E agora é a Ribeira de Ceia que lá no fundo murmura, gargoleja e foge.

Quando à noite a lua sobe, todo o quadro toma lampejos fôscos de prata em fundo de negridões sinistras, paisagem de sonho e de mistério como só existe nos grandes «films» de maravilha ou como só sabem sonhar os corações histéricos de desejo e de balada. Mas as pilecas trotam e a gente chega a casa do Camilo, ferreiro e grande agenciador da vida, que é a um tempo o Cristofaneti da região e o guarda porta que baixa a ponte para que a civilização passe.

Larga-se o *char-à-bancs* e toma-se uma carrinhola que, tropeçando aqui e ali, com a incerteza dum ébrio e a impavidez dum *tank* de combate, nos leva à entrada da quinta. Dois kilómetros mais, e a casa senhorial surge em tôda a sua

imponência. Vê-se a larga varanda pilastrada e olha-se a linha sinuosa do horizonte. Em frente, longe, onde a vista morre, vê-se o Bussaco. Que, dominadora como uma águia esta casa olha quatro serras. Da banda do norte dorme a mancha arborizada do Caramulo e Montemuro. Do lado sul são as cumiadas cobertas de neve da serra da Estrêla que a circuntornam até ao Oriente. Do seu terraço, como acampamentos de vassalos que lhe venham em romaria pagar tributo, avista-se o casario branco e a telha vermelha das vilas modernas e a mancha pardacenta das vilórias rústicas de que só a noite dos tempos sabe quem as fundou. E é Canas de Senhorim e Ervedal, Nelas, Vila Verde e o Seixo, a Senhora do Castelo do alto da sua penha tendo aos pés Mangualde. Depois para o outro lado do quadrante é Gouveia, Aldeias da Serra, Valezim e S. Romão e lá longe a ermidinha da Senhora do Destêrro, a mesma ermidinha que a pena melancólica de Silva Gaio deu vida saudosa nas páginas tristinhas e piedosas do *Mário*.

Como policromia a paisagem, neste abril ventoso, é severa e linda. Ao longe o céu, em sêda clara e tons algodoentos. Depois, a linha dos montes em cinzento. Depois ainda, em escalões dum

grande exército da côr, o verde negro das matas de pinheiros, o russo loiro dos carvalhos, o cinzento-pombo dos castanheiros, o ferrete das pastagens, o oiro das messes, o negro das terras de milho que ainda não dão flor, o verde claro das oliveiras.

E, quando a aragem passa, a messe ondeia como um mar de turqueza e as velhas árvores centenárias vibram, compondo poemas que o vento, desgrenhado e louco, corre a dizer ao seu amor distante.

Tão curiosa esta Beira! À porta de casa, um cipreste, perfila-se, grave e hierático. Mas não tem o ar fúnebre do cipreste citadino, não. Ao lado há sempre um cruzeiro ingénuo, que nesta casa da Boa Vista, mãos profanas derribaram e o sentimento do dono da casa piedosamente ergueu.

Cheguei hoje, ólho a fila de salas apaineladas e acolhedoras, salas de museu onde sabe bem viver, mergulho os olhos, comungo a Beira. Piedosamente fala-me o vento, as águas murmuram-me, o sol afaga-me. E, como um avaro mergulhando até à axila os longos braços em dobrões, eu revolvo com o olhar todo o panorama, bebo o ar, a luz e quedo-me extático como um sapo tonto e poeta, gal-

vanizado, trôpego, sonhador. Estou como o nostálgico que vê o mar pela primeira vez. Tão grande o mar!

. . . .

O Lucas caseiro manda prevenir o senhor conde de que vai matar um porco. E eu fico abalado. Um assassínio! Abala-se-me o sentimento do eterno e do sagrado que a paisagem me infundiu. Só a horas do jantar a víscera comparece para brigar com o sentimento. E eu, lembro-me, que o homem ainda não injecta vida, nem prescindiu da tripa. O porco é, com o bacalhau, a grande alma. É o lombo, o presunto, o chispe, a orelheira, a calombra, o entrecosto; são as alheiras, as bandas, os torresmos; são os chouriços de carne, de sangue, de bofe, as farinheiras, são os mil pitéus deliciosos que, em bruto se guardam naquela arca cheia de sal que está lá em baixo na cozinha e que pendem da latada, ao fumeiro.

O porco! Mas é um poema! E eu, de bem já com a consciência, vencida pela tripa, digo com os meus botões que o porco merece a morte. E surpreendo-me na arena do meu desejo, como as patrícias romanas aos gladiadores do Coliseu, de polegar voltado para baixo impiedosamente. E de todos

os refolhos do meu estômago, cem mil vezes, um assoïsse de quermesse pincha, uiva, grita, brada, ulula: À morte o porco! À morte!

. . . .

Pois um homem foi ao chiqueiro e laçou o animal renitente pelo focinho. Outros homens preparam entretanto um carro de bois, metendo-lhe sob um eixo um calhau, o que deu à carreta um declive suave. Depois sete ou oito deram ajuda ao do chiqueiro aferrando pulsos musculosos à corda que o porco persistia em puxar para traz grunhindo desesperadamente. Durou a luta minutos, que logo a matula caíu sôbre o bicho, um porco enorme, e lhe açovacou o esfôrço, deitando-o sôbre o carro, subjugando-o e ligando-lhe a corda do focinho ao varal emquanto êle esperneava. Debalde grunhiu, debalde chamou tôdas as fôrças. Nada lhe valeu. Vendo a inanidade do seu apêlo e da sua revolta começou gemendo baixinho, num chôro, num lamento. Fechou os olhos.

Entretanto preparou-se um taboleiro. Uma criada veio com um grande alguidar e uma colher de pau. O carrasco avançou com uma grande e aguda faca e arregaçou a camisola forte. Então o espectáculo tomou foros de apoteose.

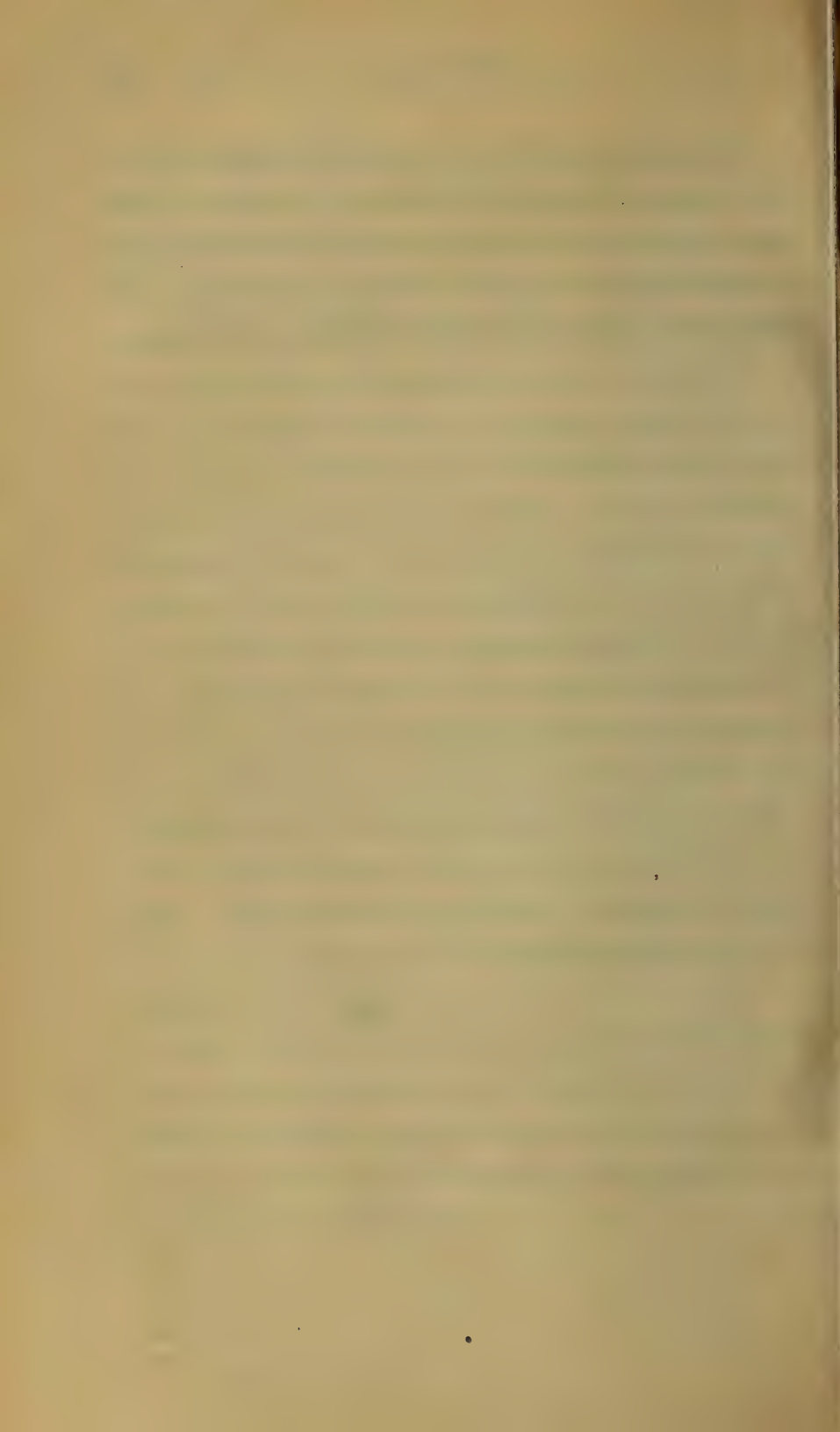
Vieram todos os cães. Veio o *Grijó*, o *Farrusca*, a *Cagança*, a *Filene*, veio emfim a frandulagem dos cães, lebreus e podengos, a raça vil, a canalha, a escória. Os grandes cães de gado, cães da serra, cruzados de raposa ou de lôbo, transfugas do instinto carnívora, êsses ficaram molemente a carcereirar as ovelhas e as cabras.

O *Febo*, no seu desdém de grande S. Bernardo dormia à sombra das roseiras do jardim. Veio o perú abrindo em leque a cauda, como um padre litúrgico e grave, vieram patos espantadiços, e galos regatões. Mas tudo isso se safou à formiga deitando de môlho moncos, penas e bicos, anonimando-se na ausência, não fôsse a faca ser cega e a morte epidémica.

Pois o animal fechou os olhos e resignou-se. Assim esteve um instante. O carrasco persignou-se, passou o gume, raspando, na banha da pescoceira a barbear. Depois deu um lenho como quem abre um queijo ou um melão. A muralha de carne fendeu e o animal estremeceu todo. Abriu os olhos, tentou um derradeiro esfôrço. Mas a corda começava a cortar-lhe a tromba arreganhada e a matula a um — *segurem-no, raios!* do carniça aferrou-o de todo. Pelo buraco feito, de ponta, sumiu-se a faca.

O animal grunhiu, berrou, uivou, gritou num brado único, o último. E a mão do homem, numa epilepsia de chacina, começou a revolver, na ferida, o ferro. Um repelão de sangue golfou. Primeiro incerto, depois em torrente. Em baixo o alguidar ia-se enchendo e a rapariga no seu vai-vem não o deixava coalhar. A mão do homem estava vermelha. O porco estava morto. O homem tirou a faca devagar, e limpou-a sem pressa e sem remorsos. Entretanto tinha o bicho sido conduzido para a padiola e já de roda se começavam a juntar gavelas de palha para fazer o fogaréu com que o haviam de chamuscar. Depois, de volta ao lume dêsses improvisados archotes dois ou três homens começaram a bater-lhe, espancando-o com a chama, que, crestando-lhe a cabelugem, queimando-lhe todo o pêlo o deixou branco como um pano de linho alvo. Após, chamuscaram-lhe os pés e mãos, arrancando-lhe as unhas que os rafeiros apanhavam no ar, lambareira, sórdidamente.

Mas a pouco e pouco a animação esmoreceu. Espectadores e actores debandaram e só ficou o animal estendido, morto, e um ou outro cão, da raça dos cães vis que lambiam uma ou outra pinga de sangue que empoçara...

Ao longe o cume da serrania tinha tons saudosos, tinta violace, côr da túnica do Senhor. E em frente, num disco de oiro, além da lomba azulada dos montes, o sol, como a liteira dum príncipe que parte para o exílio, sumia-se lentamente, devagar...

Em "destroyer„

FAZ hoje precisamente um mês. O *Douro* por falta de carvão, largara de Leixões e viera fundear entre o Bicalho e Massarelos, quási sob o muro ameiado e a ramaria verde do Palácio de Cristal. Aí o encontrei quando às 8 horas me dirigi a bordo. Às dez, pouco mais ou menos, o comandante, Magalhães Ramalho, instala-se na ponte, emquanto o imediato, Meireles, vai p'ra vante assistir à manobra de suspender ferro e virar e o pilôto, com as suas grandes pernas, anda de lado para lado, vigiando. Mas eis que o cabrestante começa de virar e a amarra arrasta os seus fuzis na chapa de ferro do convés. Marinheiros ajudam a corrente a sumir-se no paiol e não tarda que o ferro tenha só as unhas fora do escovém e a

gente esteja a caminho do Oceano. Efectivamente, lentamente o *Douro* volta sôbre si, anda, pára, recua até que por fim se põe a caminhar em direcção à barra. As grossas e atarracadas chaminés turbilhonam fumo. A gentana que prega, aplaina e calafeta, no estaleiro à esquerda, parou a sua música de martelo. No cais, à direita, há carros eléctricos que passam, bois que ruminam e mirones que seguem curiosos e nostálgicos a silhueta do navio que parte.

Na água plácida do rio, um corredor sinuoso e lindo, o *Douro* não trepida, não balouça. Assim desliza suave até que, próximo da areia das Pedras Altas, as hélices se tomam da epilepsia da velocidade e o navio começa de estremecer e baloiçar, açoitado da lufada larga que atravessou o Oceano para vir beijar a costa, revolver a areia e sacudir a cabeleira dos pinhais dormentes.

A onda é agora mais empolada e o paisanismo marítimo que connosco vai, começa a desverticalizar-se e a ensaiar passos de fantoche agarrado aos varões do corrimão. Há caras aflitas com a transição da água morta do rio, para a água batida, embaladora do mar e há pessoas que recolhem, se anonimam em sítios que se não topam. Eu não. Eu

fico ou sob a ponte, ou a vante, no castelo da peça, preso da fascinação que o mar exerce em mim. É uma lazaronice de alma contemplativa, que devaneia e sonha à ritmia mole da vaga, quando não ensaia conjecturas huguescas do Homem com o Oceano.

O mar tem um tom glauco que um cerraceiro leve sinistriza. A cidade avista-se à ré com a tôrre dos Clérigos dominando. Mas tudo isso se adensa, se esfuma, se apaga e a gente metido ao mar já mal vê a costa. A máquina dá agora o seu maior esfôrço e a proa impulsionada a 22 milhas, abre, retalha, escorcha a superfície abismal e misteriosa das águas, que se erguem em montanha, que refervem, mugem e veem até cá acima abrindo-se em espuma, ressoantes, lassas, revoltosas. Às vezes a proa afocinha e então a ladeira líquida abre em alvo lençol deixando pastadas de água gemedora no convés, quando se não ergue num repelão de chicotada e fica goteirando nos cabos de aço da amurada. Outras vezes, como um cavalo indómito, ergue-se na crista das vagas e cai desamparada como se o próprio esfôrço a cansasse. Mas não. Lá atrás, as gargantas da chaminé deixam passar uma espécie de cabeleira de fumo, que orvalha de

água e carvão o barco todo. Fogueiros, atravessam o navio sumindo-se rápidos e o barco balança da pôpa à proa e de bombordo a estibordo. O vento vozeia no cordame de aço dos mastros e da T. S. F., e um chuvisco frio, gelado, cocega as águas e faz recolher os espectadores. Então, ao longe, começa a formar-se à crista da vaga um borbulhar de espumas indiciativo de tempestade. Mas logo, porque o *genus irritabile* do velho Neptuno durma, um sol pálido, convalescente, esfuranca as nuvens e vem pôr na imensidão do oceano scintilas de metal doirado que se acendem e logo desaparecem. Estamos defronte do farol de Aveiro. Vê-se tôda a linha da Torreira aos limites da Costa Nova, terra vermelha de areia, que, desdenhoso, apressado, sem que o intimidem as rugidões do mar, o nosso *destroyer* deixa para trás.

As colunas, os grossos veios das hélices propulsam em estremecimentos e brusquidões súbitas, intervalados raramente pela dormência dum mar folgueiro. E o navio encabrita-se, arfa, ondula ou tomba, quando não dá ao malaventurado passageiro a sensação de que o estômago se lhe despega, a tripa se lhe esfria, a cabeça se lhe entontece e tôda a pele do tórax lhe ressuma suor às bagadas, o

que o faz despejar do bucho tudo o que nas últimas horas armazenou.

Ao longe um veleiro parece uma gaivota branca e enorme que pousasse. Um vapor aparece no horizonte e no horizonte morre. Um cardume de toninhas pincha e brinca mostrando os dorsos acastanhados. E um marinheiro põe-se a contar as façanhas do navio, de como êle, como um molosso fiel arreganhava a dentuça dos canhões, comboiando mercantes, de como o capitão, que a gente vê agora vir da ré com uns grandes óculos do ofício por causa do fumo, é valente, e de como morreu, levada por um balanço a última cadelita de bordo, antecessora do *Douro,* um cão negro que já arqueia as pernas para se escorar como qualquer marujo. Pois foi levada e deixou uma ranchada de canitos, que a maruja alimentou a biberon.

Estamos defronte das Berlengas. O mar irisa-se, corusca, espadana e à tôna de água há scintilas de turquesa. A mancha da terra, carbonosa, indecisa, pardacenta, é agora panorama definido e animado. Foram-se as bétas de côr soturna do céu, foi-se do espinhaço das ondas a babujem fria e ameaçadora das espumas. O mar é um lago imenso, sem turvações de ira, sem o desejo de piratar navios.

A onda é mole, balanceadora e bamba. Só a proa fende e levanta cachões de espuma, só fica no ar o redemoinhar do fumo e à ré a esteira branca, a estrada momentânea que a passagem do barco deixou.

A Ericeira. Ao longe avista-se Mafra. Depois a Praia das Maçãs e ao alto, Sintra, até que surge o espectro adamastoriano do Cabo da Roca. A viagem, pezadeliforme para muitos, está a acabar. Para mim, que não enjôo, para mim, vagabundo que sonha ao embalo doce da vaga, queria que se eternizasse. O céu toldado de fusco fêz-se claro, a minha alma entre o céu e o mar tornou-se maior um pouco.

Dobrou-se o cabo Raso. Um grande paquête inglês parece imóvel. Ante-ontem por esta altura demandava a barra um transporte com tropas do C. E. P. A soldadesca cobria todo o barco e logo nós tirámos dos lenços e até que o barco se fêz pequeno tudo foi acenar e sufocar a comoção.

Cascais. As edificações do Estoril, S. Julião, o Bugio, Caxias, os fortes, a tôrre de Belém. Quantas vezes os caravelões e as naus da Índia...

E acabou o sonho delicioso, infelizmente, porque já o *Douro* quási não balança e está em frente do arsenal, amarrando à boia e apitando a pedir rebocador...

Ao puxar da rêde

EZ horas da manhã. A lancha deixou o riacho de águas mortas que sonolento banha Aveiro e entrou no Canal da Cidade. Depois ladeou a Ilha de Morte Farinha largando à esquerda a Costa de S. Jacinto. Deixada ao largo a Senhora das Areias e acordando os écos dos fundos baixos com o ruïdo da sua helicezinha, foi atracar à ponte da Torreira, a famosa Torreira do S. Paio de lindas mulheres. É um sítio pitoresco esta Torreira, perdido do mundo, longe do convívio, terra de varinas queimadas do sol e de rudes, bronzeados pescadores.

São 11 horas. Longe, nos armazens das companhas ondulam bandeiras, sinal de que se trabalha. E a gente, desentorpecidas as pernas prepara-se

para começar a ascenção à serra de areia que a Torreira é. Uma das suas vertentes dá para a ria e aí o gentio piscatório edificou as suas casas de madeira pintadas de diversas côres. O casario vem subindo connosco a lomba, para ao alto se modificar.

Agora são vilas, *chalets,* o teatro da *Assembleia*, imponente, casas de pedra e cal, apalaçadas, dos grandes industriais do peixe. Depois a outra vertente escoa-se para o mar e novamente aparecem as casas de madeira do homem da faina marítima, primitivo senhor e dono do lugar. Quando chego ao alto não tenho no corpo trapo enxuto e busco em volta um retalhinho de sombra onde descansar da locomoção difícil dum kilómetro de areia. Mas não há, e eu compreendo, sinto, a etimologia do nome: Torreira. Bem pôsto, sim senhores!

Lá em baixo o mar vem babar espumas numa sarja algodoada que tem irisações, ao sol. E a matula que assembleia, espera que a rêde apareça, que já o punho das cordas da *arte de arrastar* vem lentamente aparecendo. E a cada corda, dez ou doze pescadores puxam. O mar vem, envolve-os, cobre-os todos de clara espuma. Êles vão saindo das águas, içando, trazendo a sirga da rêde que longe, muito

longe, se não vê. Já há uns metros de corda na praia quando do monte descem de corrida as juntas de bois que hão-de ajudar os homens a puxar a rêde. E os bois descem impetuosos como se viessem repelir, furiosos, alguma invasão. São 12 juntas, seis a cada cabo, a cada manga. Mas chegados cá a baixo, o condutor com um movimento rápido volta-os, enrola o cabo dos bois ao cabo da rêde com um nó de pescador e êles aí vão, debaixo dum sol que queima, a passo lento, costa acima.

Já do mar sairam, retezados, negros, gotejantes, os cabos e o *claro* da manga começa a aparecer. Os bois vão e veem. A primeira junta, correndo, toma o primeiro lugar depois da última e assim sucede a tôdas, num torvelinho de tourada, numa azáfama de trabalho. Pescadores metem, ennovelam paus na *manga* da rêde e puxam. Tudo aquilo iça, tudo aquilo faz fôrça, tudo aquilo manobra. E a rêde a pouco e pouco vem. Agora já as cordas estão em terra. Os *claros* das mangas já estão longe dos bois e já a *mizena,* o *regalo* e o *caçarete,* com suas boias de cortiça se estendem à luz queimante do sol. Dois barcos vareiros na praia não dão migalha de sombra valedora. O casco queima, a areia arde e longe no mar parece mar-

char um esquadrão de lanças refulgindo ou desfilar um exército de pirilampos. O mar é lindo, azul, muito azul e o horizonte não tem fim. Ouve-se apenas a voz rude do mandador rítmica dizer, *puxa! puxa!*, música bárbara de inédito encanto, e o estalar da areia sob a pata dos bois e os pés dos moços que correm de cima a baixo para buscar a rêde.

Esta, é agora das enormes fitas negras, pelo monte acima e a *alcanela* a última parte da *manga* que se liga à *bocada* sai do mar gotejando, chovendo, sacudindo água que os homens sobraçando-a chapinham sem cuidado, absortos na faina de colhêr às mãos o largo saco da rêde para ver que tal foi ganha a vida.

Os bois e os homens, às carreiras não teem parar e começam agora saindo das águas as pontas do crescente que é o *cabo da bocada.* Os esforços então vão ao máximo. Agora é o frenesi, a loucura. E num derradeiro esfôrço a bôca arrasta-se na areia e das *alegras á cuada* todo o saco apareceu. Há um ah de alívio. Tudo pára e tudo faz círculo em roda da imensa rêde dentro da qual o peixe se agita, espadana, ondula deixando as escamas nos fios e tentando debalde escapar-se.

O mandador vem e abre a bôca da rêde que é esbeiçada em roda e vê-se então em prata fôsca, scintilando ao sol tôda a sorte de peixe numa loucura de movimento que é digna de ver-se. Os dorsos ondulam e são peixes grandes que se inteiriçam com o lombo dum azul delicioso ao lado de navalhas e sardinhas pequeninas que bailam as convulsões do estertor.

E sôbre tudo isso carangueijos repugnantes passeiam como grandes aranhas, buscando escápula. Mas já um claro se abriu nas gentes circunstantes que começa a tarefa de mudar o peixe para o local onde se há-de leiloar. E uns homens, com umas rêdes transportadas a dois, rêdes que lá chamam abreviadamente *chalavar* (de *enchelevar,* seu nome técnico), começam a tirar do saco tôda a pescaria. E vão e voltam a fazer montes de peixe pela praia, até que a rêde de todo se esvazia.

— *Vinte! Vinte e um! E dois! E três! E meio! Vinte e quatro! Vinte e cinco!*

Como ninguém mais desse foi aquele monte arrematado ao Joaquim Ministro ou ao Manuel Vareiro por vinte e cinco escudos.

E o peixe espadana, salta, ondula e tem coruscações de aço fino e prata fúlgida. O sol esbrazeia.

Ao longe o mar docemente arfa. E lá em baixo, na praia, as ondas, umas após outras, num grande farfalhar de espumas, lentamente morrem. Abafa-se. E' meio dia.

O Vale do Corgo

JÁ quando a gente, em Vila Real, tornejando o cemitério branco e pequenino, que no alto do monte parece quási tocar o céu, mergulha a vista até onde a vista alcança, sente, confrangedora e respeitosamente, a pequenez do Homem perante a Natureza. Depois, a caminho da estação, quando passa o piso da ponte sob o qual, raivosamente, o Corgo vai de longada, fica extático e pára, bebendo, sôfrego, a inédita beleza que o quadro nos apresenta.

Já na estação, e a estação é como qualquer outra, a sensação é diferente e o panorama não nos entremostra o que será. Mas o combóio chega, cinco vagons e uma pequena máquina, vagons entestados por um varandim e que sôbre os *rails* jogam

e bamboleiam que há quem na travessia enjôe, tão picado é o mar e tão agitado o balanço. Mas o combóio silva, os últimos adeuses adejam no ar como pombas demandando o poiso costumado, e a gente segue a beber, com os olhos, as maravilhas que a linha vai coleando, linha única em maravilhas, linha que, no cinema, dir-se-ia mais scenogràficamente disposta do que do natural fotografada. E são de entontecer os encantos, pelo bizarro, pelo inédito, pelo delicioso que lhe dá o campo e a fraga, o precipício e a relva verde, o trecho de horta debruçado sôbre a torrente rugidora ou o simulacro de olival ou de pomar, arrancando pela encosta. Antes de *Aveledas,* a primeira estação que nós encontramos, o Corgo corre lá em baixo, na ravina de dois elevados montes, cachoando com furor. Ouve-se cá em cima, sobrelevando o arfar da máquina, o catadupar das suas águas, que escoam na brenha e pulem a rocha, gorgolejando rugidos, mugindo gigantescamente o seu líquido desabafar. Mas a linha coleia o monte, que tôda ela é uma serpente, enroscando-se e desenroscando-se, e uma volta faz-nos perder de vista o rio, que mais adiante aparece, prateado, fulgindo ao sol. Na lomba dum monte distante um exército

alpino de pinheiros sobe a encosta e do cocuruto agita a sua cabeleira verde-negra. E uma ou outra cazinha mostra a sua mancha clara ou cinzenta, conforme a fizeram do roludo penedo da região ou a ataviaram com a sua veste de cal branca e o seu beiral vermelho. E como a linha corre em S, a gente vê, do alto, a estação onde vai passar e que lá em baixo tem um pitoresco inexcedível. Chama-se *Carrazedo,* e um disco que tem perto parece, com ela, um brinquedo de crianças. Paramos um minuto e de novo o nosso combóio passa. A cada volta, cada horizonte; a cada kilómetro, novas maravilhas se perspectizam e descobrem. Ou é uma fonte múrmura que deixa manar o seu fio límpido entre arbustos felizes, ou o vulto clássico e curvado dum cavador que pára um pouco e soergue o busto para ver passar, cá em cima, o *pouca terra* apressado, ou ainda uma hortazinha miniatural que dá couves que mais parecem vassouras verdes que alinhadas fôssem pelo cabo.

A lomba dos montes desce às vezes sôbre o abismo em degraus de gigante e uma ou outra árvore sonhadora debruça-se para segredar ao Corgo as suas confidências de trágica paralítica. E o Corgo, impotente para remediar a desventura da

pobre árvore, escrava das raízes, cachôa com mais furor, encabrita-se como cavalo indómito, e, saltando de penedo em penedo, desfaz-se em espuma violenta e algodoada, para, d'aí a pouco, correr, já esquecido, límpido e serêno em águas plácidas, através das quais se vê um fundo de pedras cinzentas ou areias claras.

Uma terrinha manda os seus cães e os seus garotos a ver passar o combóio. Os cães amarelos são fortes e nervosos, os garotos, embuçados n'esta tarde fria, traçam, à sua volta, um halo de cálor, que, vaporizado, fumega. O relvedo está coberto de geada, e, agora, o vale lá em baixo alarga e a água espraia-se e retouça como animal que tem pasto longo e farto. Já era tempo, que o pobre Corgo há muito caminhava encurralado entre penedias, rompendo os pés pelas fragas.

Defronte do apeadeiro de *Povoação,* os montes erguem-se em trono para o céu. E sempre às voltas, o combóio sinua, passa, torna a passar, ora mais acima, mais abaixo depois, como se fôsse orgulhoso de nos ciceronar os olhos num tão nababesco amontoado de riquezas. O rio novamente espelha ao sol, e, como a paisagem encantada é fria neste frio dia de dezembro, a gente, olhando-o, torna-se gar-

gantão e viandeiro e sonha com espumejantes pichéis de vinho e com as saborosas trutas que êle deve conter.

O combóio arfa e a gente, debruçando-se, ora lhe vê a máquina, tôda coifada de fumo, fumo pela chaminé, fumo pelas juntas, fumo pelas válvulas, fumo pelo atrito do rodado sôbre os *rails,* ora lhe vê a cauda. A côr da paisagem muda de instante para instante, e ora é verde claro, ora acinzentada e triste como a côr das águas do Corgo, que não deixa nunca de nos acompanhar e que promete dar--nos o último beijo e ser a nossa sepultura, se por acaso, dentro da gaiola do vagon, nos despenharmos sôbre êle.

Ao longe, defronte, há uma casa branca, marinhando, a prumo, pelo pendor do monte. E não sabe a gente como ir a ela, como lá descer, ou como, da ravina profunda onde a água corre, até lá subir.

Mas a paisagem amplifica-se e adoça-se. O monte é menos agreste e a rocha humaniza-a o verde da relva, onde, aqui e além, um ou outro boi pasta. O rio alarga-se, espraia-se; de fio rugidor é já toalha líquida e serêna. Um moinho mede água sem descanso. O céu é menos próximo da terra e o combóio entra de correr à desfilada, galga pontes,

passa quintas e parece apressado de nos levar ao seu destino. Mais um pouco e, com o *tam-tam* das placas giratórias, ao alto o dístico da *Vacuum Oil Company* e ao lado um poste de luz eléctrica, em forma de báculo, pintado de verde, estamos na estação da Régua. Foi um sonho? Foi. E os versos de António Nobre lembram:

> «Que é dos pintores do meu país estranho
> «Onde estão êles que não veem pintar...»

O pior inimigo...

HÁ criaturas felizes que todos os anos deixam a sua vida da cidade e vão calma e tranqüilamente digerir para a província, pastando os olhos na mudez pagã dos horizontes, abrindo os pulmões ao ar puro dos campos, amorenando a pele ao sol e deixando longe o pensamento. Outras não. Para onde vão levam-se a si. Levam o cachoar de suas paixões, os seus ciumes, os seus rancores, os seus desgostos, e então adeus descanso, adeus quietude rejuvenescedora. Eu sou dos segundos e por isso é que tendo partido na têrça-feira para o norte, aqui estou de volta, metendo novamente os braços ao trabalho, não tendo encontrado aquele sossêgo de espírito ambicionado... porque me levara a mim.

Um grande médico meu amigo, criatura sensitiva e intelectual, foi, como eu, para fora repousar. Repousar! Abro a sua carta e leio: «Vou-me até Lisboa. É aí que me dou bem. E só atormentado de afazeres, vociferando a cada momento contra tanto trabalho, contra tanta maçada, é que me sinto bem, porque não tenho tempo de ficar em *tête-à-tête* comigo.»

É isto exactamente. O nosso pior inimigo somos nós mesmos e isso já Bartrina o disse em versos inesquecíveis:

> Se eu quisesse matar
> O meu maior inimigo
> Tinha que me suicidar.

¿Pois de que me serviu a mim transportar-me ao campo se eu ia comigo, se eu não me podia abandonar? ¿Se eu ardia lá a mesma febre consuntiva que aqui me devora, se o espírito irrequieto nunca tem descanso? Depois há espíritos doces, embriagadores, que só sabem ver delícias e flores, músicas e perfumes. O meu não! ai de mim. Êle vai luciferinamente a todos os recantos da minha alma e escuta as pancadas do meu coração. Aga-

chado na sombra, espicaça-o, verduga-o, tortura-o. E anda, anda estradas sem fim, arrasta-se, cabriola, uiva, tortura-me e deixa-me exausto. Penso, penso contínuamente:

> Tôda a dor pode suportar-se, tôda!
> Mesmo a da noiva morta em plena boda,
> Que por mortalha leva... essa que traz.
>
> Mas uma não: é a dor do pensamento!

Disse-o António Nobre. Pois é a dor do pensamento que me devora, que me mata.

E o meu pensamento torturante compraz-se em cevar-se na dor de pensar. Uma idéa é remirada de tôdas as formas qual delas a pior. Um vestígio transforma-se num crime, uma suspeita é uma afirmativa, de maneira que tudo é tormento. O meu espírito faz solilóquios infinitos. O meu coração sangra e dilacera-se. Não há descanso, não há quietação. E ai de mim: Os meus olhos não vêem a paisagem, os meus sentidos são apenas escravos de mim mesmo. Eu vejo apenas, sinto apenas, palpo apenas o meu pensamento. Quero às vezes fugir, libertar-me, tenho mesmo pensado, acari-

ciando a Browning que nunca me larga, em me evadir. Quero não pensar, chamo a minha vontade que é poderosa e lanço-a no prélio. Consigo meia hora de tranqüilidade. Chamo gente, discuto para me aturdir, ando léguas para me estafar, para ver se êle me deixa, se me concede tréguas. A Vontade diz-me às vezes que o venceu. Eu sorrio. E minutos depois a luta recomeça no meu cérebro, que parece estalar. A nuca dóe-me, as fontes marulham latejando, a vista tateia os objectos.

O pensamento é dono, o pensamento é senhor, o pensamento é tirano. Pensar é talvez o mesmo que cocaïnizar-se, morfinizar-se, eterizar-se a gente. É um vício. Mas ai de mim, ai de mim que não consigo fugir-lhe, que não consigo que êle me deixe das suas garras.

Maupassant, quando já louco escreveu o *Horla,* conta que se queria libertar do *Outro,* o outro que vivia consigo invisível, que o atormentava, que o perseguia. E mandou fazer uma casa fechada, esperou que êle estivesse e escoou-se pela porta entreaberta, lançando-lhe fogo. Sorria beatíficamente crendo-se escapo, crendo-se liberto. Sorria embevecido crendo que uma vida nova lhe abria os

braços, quando, gelado de pavor, o ouviu também rir, a Êle, ao outro, que nunca o abandonava. É o meu caso, é o caso de todos nós.

De dia, sol pleno, êle sai connosco a passeio e vai e vem e monologa e discute, companhia fastidiosa que de noite, em noite de insónia, se nos torna insuportável. É que muitas vezes de tanto pensar a gente fica exausto. ¿Mas pensar em quê, em quem? Pensar no vago, pensar no tormento, pensar na tortura.

Às vezes a gente diz a si próprio: «Não. É ignóbil. Não pensarei mais. Essa tortura acabou. Agora sou livre, quero ser livre. Terei fôrça. Quero, quero, quero. Não pensarei. Isto é ignominioso, isto é torpe.» Dois minutos depois, olhando os nossos olhos, o maldito pensamento hipnotiza-nos e vai-nos tranqüilamente sugando a vida. Outras vezes as paredes do cérebro parecem estalar, os ouvidos zumbem, a vista vacila e presa de excitação a gente ou se abandona e sofre ou reage e sofre ainda. E reconhecemos alfim que não há quem nos faça sofrer mais, que não há quem pior nos queira do que nós mesmos.

Em certos momentos dizemos: ¿Para que pensar, para quê tanta labuta? Pois não findará tudo um dia?

Pois não teremos depois descanso? Baldadas razões. O pensamento continua girando e regirando como um animal feroz preso numa jaula e por mais que a gente o queira não escutar êle sempre nos massacra, êle sempre nos agarra, êle sempre nos tortura. Sossêgo? Qual! Descanso? Onde? E desolados, sombrios, vergados ao pêso de tal coisa, a gente volta à cidade para se aturdir, para encher o dia como quem apressadamente enche um saco, para não ter tempo de se escutar, de *lhe* ouvir os sombrios monólogos que não acabam nunca. Cá, a gente busca o esquecimento e vive, vive a galope, aturde-se, os dias passam e tudo vai no turbilhão. Na solidão desolada do campo o pensamento amplifica-se e paira como um corvo que se refastelasse na nossa pobre carcaça...

. . . .

Voltei. Aqui, atormentado de afazeres, vociferando a cada momento contra tanto trabalho, contra tanta maçada, é que me sinto bem, *porque não tenho tempo de ficar em tête-à-tête comigo.*»

Cosmopólia

(1913)

De bordo

QUANDO a proa alta endireitou à barra, as chaminés golfando fumo negro e as hélices turbilhonando a água, o paquête enorme era pequeno para conter a saudade da terra portuguesa. Depois a terra foi-se apagando e só me ficou o coração debruçado na janela dos meus olhos para ver se avistava além ainda o casario branco da cidade.

* * *

A vida de bordo tem sempre um prólogo caricatural que é dos conselheiros e encomendistas. Uns querem por fôrça que a gente enjôe e para o enjôo aconselham desde o limão e do bacalhau cru

até à «sombra duma oliveira». Uns que se deve ir comido até lhe tocar com o dedo, emquanto outros são de parecer que não; que devemos ir em jejum absoluto. Os encomendistas são os furiosos. Quási todos querem uma capa de borracha. «E como aquilo lá é barato, põe tu o dinheiro que eu depois cá to dou». Seria preciso uma fortuna, um paquête, e que a alfândega não tivesse ali sete olhos e vinte e cinco mãos para ver e multar.

Mas o prólogo é o menos e eis-nos em pleno Oceano. Contra a afirmativa de vários entendidos viajar por mar é uma coisa deliciosa. Olhar a grande superfície do Oceano onde o sol agoniza e mergulha aurifulgente; olhar a água que o paquête corta e que o cinge em brincantes carícias de espuma cachoante, nívea, como se a água tivesse alma e ela viesse arabescar um infinito sonho de ternura e de volúpia; ver depois lá em baixo a água negra, onde há reflexos metálicos, de dorso de peixe e lâmina de espada, atrai e perturba. Depois parece que a alma do mar nos vem dizer que há no seu âmago infinitas maravilhas, rendilhados sonhos de poeta, cavatinas, baladas, orquestrações misteriosas e fúlgidas, magas, devaneantes. E uma vontade muito grande de ser só, absolutamente só, para um dia

lhe pedir o sono eterno. E os ventos soturnos diriam às ondas procelosas prosas de beleza que para si a minha alma guardaria avaramente. E a volúpia cariciosa da espuma seria tão fugaz como as minhas ilusões.

Estamos em Vigo. O convés enche-se de negociantes. Um que vende pandeiretas, outro *mantones* e mantilhas, castanholas e aços de Toledo. Há quem vá a terra. Perto de nós o *Frisia* leva ou traz emigrantes. Depois o *Cap Finisterre* apita e aqui vamos caminho da Biscaia, temido mar para o qual um grande amigo de Lisboa me tinha garantido um formidável enjôo. E há vapores que passam, gente que lê, bébés que correm, cansativos que se amesendam nas suas cadeiras, comilões que levam o dia a manducar *sandwiches* de tudo quanto há, e até lindas mulheres que riem, namoram e tocam ao piano essas canções cosmopolitas que vivem um dia e todo o mundo sabe. Palra-se, ri-se e tudo é delicioso.

Tudo não. Na Mancha o céu e o mar enchem-se dum negregado nevoeiro, que não se vê absolutamente nada. Parece que navegamos entre algodão em rama. Na ponte os oficiais prescrutam, e, como a navegação se torna perigosa, a máquina pôs o navio a meio andamento. Não se vê mais do que a proa. De ins-

tante a instante o apito uiva, grita, atrôa os ares. Ao longe outro apito, outro uivo responde. E um instante há, em que o sangue arrefece e o coração parece parar: é quando quási sôbre nós vem o rouco som do vapor de outro paquête. Mas apitando, apitando sempre o navio que se não vê passa na neblina e é quando mais longe se ouve, que a gente respira alfim. De tôda aquela gente que brincava e ria a maioria recolheu aos camarotes e há muita enjoada.

Uma portuguesa grácil, alta como um junco, com umas mãos fuseladas de santa dos primitivos, estendida na sua cadeira vai lívida e tem um panorama de abandôno e resignação nos olhos quietos. E o nevoeiro espessa-se, a humidade camarinha-nos todos de vapor. E é nessa ocasião que um brasileiro se lembra de vir perguntar aos sete ou oito que estávamos sôbre a ponte, se haveria «pirigo», ao que o Mântua responde que vá fazendo testamento. Lívido, agirafado, quási morto, sumiu-se, que ninguém mais lhe pôs a vista em cima. Outro para animar as artes, recorda o caso do *Titanic*. Lembra aquele que querendo distrair um amigo lhe perguntou o dia em que morrera o pai. E lá em cima o paquête uiva, apita sempre.

Tarde já, o tempo aclarou. Havia oito navios no horizonte, oito concertistas de apito naquela «matinée» de temores. Agora à tôna da água peixes brincavam, mostrando-se, sinuando, ennovelando-se pitorescamente. E a bruma do entardecer desceu mostrando o sol que morre arrastando nas águas o doirado manto do seu clarão. Antes de fazer a *toilette* para jantar, a minha alma scisma. E fitando a esteira do paquête, lembra a terra, que ficou distante. Mas o toque de jantar sôa. É o primeiro sinal.

A sala de jantar é uma coisa imponente. A orquestra abre prelúdios na fantasia de «Sansão e Dalila», de Saint-Saëns. Os homens de casaca ou *smoking*, as senhoras vestidas a rigor, flores, muitas flores, luz discreta, tudo aquilo prólogo duma *féerie* encantadora. À nossa mesa tudo portugueses. Eu, Mântua, Manuel Rui e os comerciantes Marques e Silva, Augusto de Aquino e Moreira. Na mesa ao lado, uma família alemã manduca, manduca sempre. Em frente, uma francesa linda mostra uns dedos cheios de anéis e os lábios cheios de carmim. Distante mais, uma argentina de olhos como dois carbúnculos, onde ardem dois fogaréus de vício, olha scismativa o criado, um mocetão de Hamburgo,

côr de fiambre, com um bigodinho dom juanesco que parece pintado a chá.

O marido é gordo, apresuntado, cara de estúpido. E ela, a argentina bem tratada, compara certamente. Oh *steward* Romeu! Mas pensará isso? Daí sabe-se lá no que pensam as mulheres... Aquino levanta um brinde à *Lucta* e ao seu director. O champanhe espuma e recordam-se as famílias. E entretanto a orquestra ataca *Danse du Paraguay*, de Valverde. Tôda aquela gente se electriza com a música sensual e saracoteantemente canalha. O maestro tem uma apoteose.

Joga-se, conversa-se, fuma-se. Ao longe passa um grande paquête iluminado. Um inglês de grandes óculos de tartaruga, óculos de autêntico Topsius, não larga um livro que foi buscar à biblioteca. Corre lá fora um arsinho frio, navalhante. Amanhã estaremos em terra..

Depois Southampton com seus fortes blindados e os seus navios de guerra em linha de batalha. Depois Boulogne-sur-mer com suas docas e atracadeiros. À saída encontramos um português que vem do Rio, em 2.ª. — Então? viagem boa?

— Boa? Venho incomodado com os mortos.

— Com os mortos?

— Imagine que antes de chegar a Lisboa morreram dois passageiros que eu vi deitar ao mar.

Vinham já doentes. Outro atirou-se. Tinha a mania da perseguição. Puseram um companheiro guardando-o mas êle quis esfaqueá-lo e alta noite desapareceu. No outro dia procuraram-no sem o encontrar.

Mas de quem eu tive mais pena foi dêste último, o que foi deitado ontem, não viu? ¿Não reparou quando o barco afrouxou a marcha e tôda a gente veio à amurada? Pois era o velho que amarrado a uma tábua e coberto com uma bandeira se sumia nas águas. Ia fazer uma operação. Deixou uma filha de 16 anos, sósinha, chorando que metia dó. Uma senhora da 1.ª diz que a toma para dama de companhia. Ora a pequena tôda a noite a chorar incomoda, percebe?

* * *

Quási tudo assim. A tragédia estava ali connosco, separada apenas por uma grade e a gente não soube, não deu por ela. E quem sabe em que

infinito mar de amargura se debatia o coração da pobre pequena emquanto a argentina sonhava talvez carícias de serpente ao ritmo canalha do *Paraguay*...

Paris

ARIS! E só esta palavra diz não sei que estranhos mundos de sonho, de volúpia, de enternecimento.

Dizem os franceses que Paris é o cérebro do mundo. Não sei. Mas é com certeza o coração. Em Paris é que se sente bem a vida cachoar, refluir, estalar em catadupas de lágrimas ou desabrochar em gargalhadas. E todos os povos do mundo têem a idéa de que Paris é a grande *cocote,* a licenciosa barregã, de espírito vivo e azougado champanhe, com quem se passa as noites de folia e os dias de prazer. E há milhões de almas sonhando Paris, endeusando-a, desejando-a com amor, com frenesi como se deseja uma mulher amada que vive em outro continente.

*
* *

Foi há dias, descendo os *boulevards* que eu pensei um pouco neste Paris de fadas. E vi desfilar ante mim todo o Paris que de há muito eu já conhecia. O Paris de Hugo e o Paris de Balzac; o Paris de Daudet e o Paris de Zola. Tôdas as figuras que eu conhecia de velhas, amortecidas páginas, percorreram o *boulevard* de novo, de novo viveram e se animaram. E eu estava num mundo de pessoas conhecidas. De novo a Safo segredava amor ao seu João; de novo os lamentos de Gervásia enchiam os meus ouvidos; de novo Vautrin filosofava dos homens e das coisas. E havia ruas de velhos livros a que eu tinha vontade de ir procurar certas pessoas que só viveram na imaginação dos artistas. Havia bocados de conversas, frases inteiras que voltavam de novo à memória...

E o Paris de sonho agrandava-se, era um mundo enorme, um vortilhão sem par. Não! Paris não era a *cocote* impudica que se embebeda com champanhe e mostra o colo nu aos forasteiros.

Paris era a cidade eterna, cheia de beleza e de aspirações, cheia de arte, cheia de luz, cheia de sonho.

* * *

Mas logo, por incrível mutação de scena, eu vi, porque Vautrin com a sua voz singular me segredava, outro Paris. E a cidade, sob o sol que mal se mostrava e a multidão em marcha, apareceu-me fátua, fútil, versátil, e hipócrita. Tudo em Paris nasceu para viver um dia. As suas mulheres? ah! mas há cinqùenta mil, um milhão em fila empurrando-se para tomar logar. Os seus grandes homens? Estão no Panthéon, acabou-se. As suas obras de arte? ¿De que vale, que uma multidão de loucos, alquimistas de nova espécie, consuma a vida para dotar o mundo com alguma outra obra prima? Paris não se importa, Paris não saberá. Um dia; ser o homem do caso do dia é tudo. Depois como a um boneco mimado primeiro, e espatifado depois, Paris o deitará ao esquecimento. É preciso Rodin? Pois seja Rodin. É urgente Bonnot? Pois que Bonnot surja. ¿É indispensável um guerreiro, um

músico, um facínora? Tranqüilizemo-nos. ¿Paris precisa disso para seu entretenimento ou para a sua digestão? Pois te-lo há.

Mas pobres loucos! Viverão um dia e por êle pagarão um mundo de angústias. Lembram-se de Eiffel? Recordam-se de Lesseps? Pois não esqueçam o Panamá. Lembram-se de Duperdessin? Pois para conquistar Paris, ou é preciso ser tão grande como êle ou como êle tão fútil. Ou ter cinzelado o «Penseur» ou voar de cabeça para baixo. E Paris, que toma o aspecto duma rainha que matasse os seus amantes após uma noite de amor, ergue-se ante meus olhos, corre docemente a meus pés o Sena e começam ao longe farandolando luzes, como uma esfinge, como um eterno sacrário do mistério e do desconhecido.

*
* *

Mas agora que a noite desceu de todo e uma borboleta volita azougada em tôrno dum globo de luz eléctrica, eu vejo outra Paris. A Paris que o forasteiro não conhece, a Paris da qual o forasteiro não suspeita. É a Paris que sua, que soluça, agoniza e sofre; a outra, não a que nos cafés caros escuta enlevada a música peregrina, ou tem *fauteuil* na

Ópera. É a Paris das velhas cortesãs que veem para a rua buscar a sua moeda, dos vendedores de bustos que dão por duas moedas de prata ou de cobre um lindo busto de mulher de cartão ou gêsso: a dos estudantes de magra pensão que vivem de prodígios e teem botas rotas ou cambadas, e, sei lá! a de tôda uma multidão que finge que ri, ou passa anónima, labutando, arrancando à outra Paris egoísta os restos do pão duro com que se alimenta. E nesta imensa cidade cheia de luz, neste imenso vortilhão de desejos, de esperanças, de ambições, quem sabe, quem poderá saber o que será amanhã!? Talvez que a Fortuna passe à sua rua e se condôa... Talvez que um capricho do Destino fade para dormir o sono eterno no Panthéon quem em vida não teve um sótão e pediu abrigo aos portais e aos bancos do jardim, talvez...

Tenho ante meus olhos o átrio do Luxemburgo. Há um grupo de duas figuras *O frio* que quando lá fui me não deixou passar adiante. São duas figuras transidas, fato coçado, estômago em jejum, frio no ambiente, frio no bucho, frio nos ossos, frio na alma.

Depois uma árvore, a ramaria duma dessas companheiras dos vagabundos, abre em docel e

quando venta e chove ela chora lágrimas em fio, sôbre o bronze que gela. E parece que as figuras se mirram mais, parece que os bustos mais se achegam, as mãos procuram o fundo dos bolsos, os dorsos se alcachinam, para fugir às mãos coléricas da ventania, à tortura fustigante das cordas de água que as varejam, da ramaria que as hissopa. Alma pujante de artista que lhes deu vida, que soube encontrar no Maelström que é Paris, a vida que se não vê, a vida que se não sabe, a vida que o Baedeker não cicerona, como eu te quero!...

Passam agora dois pares, muito conchegados, beijando-se. Mais adiante um rancho de estúrdios busca certamente o *Moulin rouge,* ou o *Tabarin,* para se aturdir. E eu penso em que coração de artista, estará a esta mesma hora, debatendo-se esta mesma angústia de dizer Paris, de evocar o oceano de delícias e amarguras que é esta grande cidade, Templo da Arte, felina amante dos artistas, esfinge singular que nunca ninguém logrou compreender!?...

Os tesouros de Paris

NÃO cuide o leitor que eu, ambicioso, conservando na alma a visão dos tesouros aladinescos, lhe vou, à conta disso, falar dos diamantes da coroa, na fulgência do seu Regente que dizem valer uns quinze milhões de francos, ou no brilho ostentoso do Mazarin, seu irmão miúdo. Ou que por sombras me quero referir ao oiro e prata do tesouro de Notre Dame que um guarda, com cara de beleguim e barretinho de sêda na careca, nos mostra, fanhoseando num tom de pregoeiro de leilões. Não. Isso pouco me importa e os colares de pérolas dos mais célebres joalheiros da *Rue de la Paix* ou da *Avenue de l'Opera* só me conseguem merecer atenção se o colo onde se acolhem é de alguma linda mulher, uma dessas

imperatrizes da carne, que os mendigos tomam como deusas e em cujos olhos vivem as esfinges do Bem e do Mal.

É dos tesouros de Arte que Paris encerra, e Paris é tôda um tesouro. Dê-se o leitor a palmilhar da casa de Vítor Hugo, à Malmaison, a casa de Josefina, a ver desde a preciosa colecção de espadas do esculturado museu de Cluny, aos imortais e ao Danton e Luís XVIII em cera do museu Grévin, a admirar os prodígios da cerâmica de Sèvres, a beneditina tarefa de trabalhar um Gobelin; desde as maravilhas navais do museu de marinha aos troféus dos Inválidos, dos quadros da Sorbonne às paredes do Panthéon e daí ao Luxemburgo e ao Louvre e diga-me depois se Paris não é tôda um imenso museu, um tesouro inteiro apenas distribuído pela cidade.

Porque, se sente dentro de si a saudade de não ter assistido às tempestuosas sessões da Revolução e visiona ainda o perfil de Mirabeau bradando da tribuna: «Silêncio às trinta vozes!» dirige-se ao museu Carnavalet; se lhe apraz scismar um pouco ante a vanidade dos deuses toma o caminho do museu Guimét; se, porém, tem garotos e os quere distrair, se não lhe apetecer levá-los ao Buttes

Chaumont pode dirigir-se à rue Pierre-Charron e mostrar-lhes o museu Galliéra com tôda a sua riqueza de casas, polichinelos, soldados, petizes, automóveis, o demónio!

*
* *

Mas como as garotas ficaram *lá abaixo,* que é como o português que vive em França chama ao seu distante Portugal, atabalhoando assim o *lá-bas* dos franceses, vamos nós dizer da estatuaria. Poupará o leitor aqui a transcrição do que sôbre ela disse o nosso conhecido Padre António Vieira. Lembra-se?

Pois é essa mesmo. E vamos até ao Petit Palais. Ora há um *Devant la Mer,* de J. M. Boucher que interessa. É um grupo, êle e ela, de olhos perdidos na imensidade. É de óptima expressão aquele olhar. Mas a gente passa e depois de ter admirado *Le rapt,* de Suchetet vai quedar-se embevecido diante dessas duas formidáveis coisas que são *Le Remords,* de Aimé Octobre e *La têmpete,* de Raoul Larche. *Le Remords* é um homem que foge, correndo, busto dobrado, as mãos tapando a cara. Sôbre êle como uma nuvem que tivesse tomado forma humana

uma mulher envolta num longo manto curva-se para o olhar. É a essa imagem que êle foge, caminha, galopa sempre, perseguido pela visão que abre ao vento as dobras do seu manto como duas grandes asas de anjo de extermínio. Prud'hon tem no Louvre um quadro *La Vengeance et la Justice divine poursuivant le crime* que sendo a mesma coisa não tem a arte dêste grupo enorme. Que eu entendo por Arte o poder que uma obra tem para acordar em nós o sentimento que lhe corresponde. Prud'hon é vistoso, decorativo, Octobre é enérgico, evocador.

Mas, mal refeitos ainda, mal arrumados os nervos eis que *La tempête* está na nossa frente. É um corpo de mulher de feições revoltas, bôca gritante, mãos enclavinhadas, correndo com os cabelos à fúria dos tufões. Marcha sôbre bustos contorsionados, mãos súplices ou agadanhantes. E em baixo no socalco há ondas em procela, conflituosas vagas açoitadas. É uma coisa grande, rugidora, formidável. Parece que aquele grupo animado vive e não tarda a tempestade a passar com todos os seus mil haustos furiosos. Seng-Gehi-Mkah-sgro-ma, a deusa da destruïção que, com sua cabeça de leoa e a cabeleira em chamas, se venera no Museu Guimet, ao pé desta figura de mulher é um frágil brinquedo.

Eu já disse ao leitor de *O Frio*, de Paul Roger-Bloche que está no átrio do Luxemburgo. Pois aqui temos nós *La Faim*. Uma mulher esquelética, curvada, estende o peito, mirrado, à bôca dum petiz. É dum realismo flagrante e saibam os senhores que êste cavalheiro, êste Roger-Bloche, é um intenso fazedor de dramas mudos, esculturados. Podemos ainda demorar-nos uns instantes diante da *Manon*, de Bastet, findo o que vamos até ao Luxemburgo.

Temos Rodin que farte. Eu gosto infinitamente dêsse pequenino mármore que o mestre denominou *La Pensée*. Essa cabeça saindo dum bloco informe não comove, não aterroriza, não espanta. Mas pára-se e pensa-se. Tem uma grandeza misteriosa. Há um grupo de Jean-Turcan, *L'Aveugle et le Paralytique* cheio de poesia. O busto do moço vigoroso, a expressão de quem cumpre um fado; o busto do velho, inerme, a expressão de decrepitude melancólica que é o tom da velhice infeliz. Há no átrio um grupo de Lefebre, *Jeunes Aveugles*. Vale a pena ver.

E passa-se por uma *Parisienne*, de Dejaen, que não tem interêsse por artificiosa, por *Les deux Douleurs*, de Rivière, que não logrei compreender, por um curioso retrato eqúestre de Tolstoi e um busto de Sarah Bernhardt, excelente casal de cabotinos,

até que se pára diante dos *Oursons jouant,* de Victor Peter, porque é um grupo de-veras interessante. Tenho muita curiosidade pelos ursos e considero-os muito porque os acho sérios, pouco sociáveis e amigos de se dar ao respeito.

Não lamento, pois, as horas que passei admirando-os no Jardim Zoologico, de Londres e no Jardim das Plantas, de Paris. Tenho até uma viva saudade do grande urso polar dêste último, um urso imponente, majestoso a quem eu admirava o garbo e uma vizinha de ocasião desejava a pele.

Chegamos finalmente à *Bacchante,* de Moureau Vauthier. É um lindo corpo de mulher, não haja dúvida, uma verdadeira obra de arte na carne e na pedra. «*Bendita sea tu madre!*» E da *Bacchante* evola-se um hino à beleza, à graça, uma hossana de louvores à vida que tantos tesouros e riquezas encerra. Soberba, preguiçosa, negligente, nua e bela aquela bacante é bem a imagem de Paris, a cidade-esfinge, bela e perdidora...

Divindades bizarras

TALVEZ o leitor, mesmo o que por muitas vezes calcurriou êste velho Paris, se não lembrasse nunca de conduzir seus passos ao Museu Guimet, um edifício que sita entre a rua Boissière e a Avenida de Iéna, fronteiro mesmo à estátua de Washington. Pois se o não fêz, perdeu o leitor ocasião de ver uma das mais interessantes colecções que pode imaginar: a colecção dos Deuses orientais.

O Homem para tudo ter inventado até inventou os deuses e por vezes não deixou de ser pândego de-veras na fabricação dêsses brinquedos. Fabricou-os de sonho, de pedra, de cobre, de madeira e de barro. Deu-lhes jerarquias e vestiu-os a seu sabor. À sua imagem e semelhança os formou o homem e não Deus quem assim formou êste. Mas

quando os quis fazer terríveis deu-lhes a tromba do elefante como a *Ganeça,* o deus da sabedoria, ou cabeça de leão com cabeleira de chamas, como a *Seng Géhi-Mkah-Sgro-Ma,* a deusa da destruïção. E até entre os gregos *Chem,* o deus fálico, tinha cabeça de bode e *Kneph,* cabeça de carneiro.

Mas o homem foi mais longe. Inventou *Cristo* e fê-lo ressuscitar mortos. Crucificou-o. Para não dar aos deuses só a sua imagem deu-lhe um pouco da sua alma febril e violenta. E fêz um Cristo colérico, azorragador, exactamente como já fizera Deuses iracundos e terríveis que tinham sempre sôbre os mundos um chicote de ventos e uma ameaça de tufões.

Depois de ter inventado os Deuses, o homem distribuiu-lhes cargos. Encarregou *Júpiter* de formar ministério. Êste por seu turno escolheu *Neptuno* para a marinha e *Plutão* para a Justiça. A *Ceres* deu a Agricultura, o Fomento, a *Marte,* a Guerra, a *Minerva,* a Instrucção Pública. E fêz isto com a mesma fúria distribuitiva com que havia dado na velha Índia o céu e as nuvens a *Indra,* o fogo a *Agni,* a lua a *Soma,* a aurora a *Ouchas,* o sol a *Sourya,* as riquezas a *Kouvéra,* o amor a *Kama* e a *Vichnou* a jurisdição suprema.

Como tivesse feito esta aluvião de deuses entendeu fazer com que êles casassem uns com os outros. Brincava às famílias. Casou *Lakchmi,* deusa da Beleza com *Vichnou,* e *Parvati,* deusa da Terra com *Siva.* Aldrabou que *Karttikéya,* deus da Guerra era filho de *Parvati* e *Siva,* como inventou que *Júpiter* era casado com *Juno, Mercúrio* filho adulterino de *Júpiter,* e *Apolo* irmão de *Diana.*

¿O vento arrancava-lhe as árvores, levava-lhe os fatos? O vento era um Deus. E até tinha um filho, outro Deus, *Hanoumat,* com cabeça e rabo de macaco. ¿O sol crestava-lhe as searas, trazia-lhe insolações? Pois o Sol era um deus, como deusas eram a Noite e a Aurora.

Desta feição de nomear compadres nasceu que cada um indicava para a sua regedoria um do seu partido. Os japoneses indicam como o deus das riquezas *Daikokou,* os indus *Kouvéra,* os gregos um grego, os esquimós um esquimau. ¿E nós, isto é, os católicos não temos uma Santa Luzia para os olhos, um S. Marcos para o fogo, um S. Aldrede para as tosses, Santa Rita para outra qualquer coisa? ¿E não era *Tsú-i* entre os budistas o protector dos exames?

Mas êste museu Guimet é o mais acabado museu do que o homem tem inventado em matéria de reli-

gião. ¿¡Se os senhores vissem um *Jig-Byed Vab Youm Techoud Pa,* o deus vencedor da morte com 10 cabeças, sendo uma de touro, tôdas coroadas, 34 braços e 16 pernas?! Há ali deuses para fazer chorar os petizes, deuses para pôr em peanha no gabinete de trabalho, porque são curiosos, e deuses para deitar ao lume, porque são monstruosos. *Rdo-Rjé P'ag-mo,* deusa de qualquer coisa, vista de frente, com os seus braços em curva, parece uma lagosta; alguns há que dariam carrancas de chafariz, outros exóticos castões de bengala. O que não havia ali! Deuses persas, indus, chineses, japoneses, tibetanos, cambodgianos, o diabo...

Pobres Deuses, pobres brinquedos em que as almas se comprazem. Que tormentos êles não teem passado!

«Um viajante conta que na China, o vulgo, se não alcança o que quere, depois de muito rogar às imagens, revolta-se contra os Deuses impotentes e cobre-os de injúrias, como por exemplo: ¿¡Ó cão! filho de cão! pois damos-te um lugar esplêndido num esplêndido templo, adoramos-te e tratamos-te bem, oferecemos-te perfumes, e tu, a-pesar-de todos estes cuidados, és tão ingrato que recusas o que te pedimos!? Em seguida prendem uma corda à imagem,

apeiam-na do altar e arrastam-na pela lama e pelas imundícies das ruas. Se no entanto acontece que o seu desejo seja satisfeito, logo o levantam com grande cerimónia, lavam-no, enfeitam-no, põe-no no seu nicho e pedem-lhe perdão do que fizeram».

¿Ora, quantas vezes não tem sucedido à imagem do nosso Santo António estar de cabeça para baixo, ou de môlho, num poço, até que satisfaça o que se lhe pediu?

Donde se conclui que, tanto Deuses como mortais, todos estão sujeitos a precalços. Cada um no seu ofício e a cada um os ossos dêle. É bom ser Deus, mas há quem prefira ser andador das almas. E a gente, quando sai dêste museu, tem a impressão de que saíu da galeria de arte dum manicómio.

Os Deuses? ¿Mas que tem a gente com a vida alheia? Vivamos sem êles, para que êles nos esqueçam. E se há deuses indolentes, bemfazejos, que não fazem obstrucionismo, outros há vingativos, ferozes, luciferinamente perversos. Deuses verdadeiramente levados do Diabo!

Deuses? O mais soberbo não vale sequer um sorriso de qualquer das Vénus do Louvre. Sabe já

o leitor que somos pelas deusas. Sempre são mulheres e diz-nos a doce Maria dos nossos sonhos que as mulheres nem sempre são más. Concordamos. Mas devemos declarar que a mulher quando é boa, não é mulher é... deusa.

Paris que se diverte

Mais do que para ver museus e admirar o recheio precioso dos Trianons; incomparávelmente mais do que para ver a colecção de armaduras dos Inválidos ou o granizo reliqual do Terror, do museu Carnavalet, as torrentes de mundo que de todos os lados confluem a Paris vão para se atafulhar de gôzo, sorver o aturdimento a mãos plenas. Paris é a grande luz em que centenas de almas-borboletas anseiam queimar-se.

É certo que encontramos o estrangeiro diante da Vénus de Milo ou de *La Pensée,* de Rodin. É certo que o topamos embasbacado ante a *Convenção Nacional* do Panteon, ou ante essas duas coisas formidáveis do *Petit Palais* que são *Le Remors* e *La tempête,*

é certo; mas quási sempre com o ar mazombo de quem, muito a seu pezar, cumpre o fado de andar peregrinando o Baedeker. Mas, mal a noite veste à terra o seu redingote de sombras, eis que o bom amigo inglês, saxão, russo ou marselhês, napolitano ou alfacinha, consultada a lista de diversões do *Matin,* que só comprou para isso, busca onde ir encher o papo de gôzo, luz, feeria, scenário, luxo, mulheres, aquele pandemónio, feito por um Deus-*gavroche,* que êle sonhou, aquele mantear de coisas belas que êle tanto acaricia. E como vem sedento, ei-lo que se queda, olhos engenebrados de admiração, alma extática, pobre pacóvio que caíu num viveiro de sanguessugas, que dele mais não querem do que o sangue aurífero que lhe pletoriza a bôlsa. Irá pois ao *Moulin-Rouge* ou ao *Ba-ta-clan.* Irá ao *Luna Park;* irá ao *Magic City.* ¿Ao *Moulin de la Galette* ou ao *Bal Tabarin?* E vai conhecer o Paris que se diverte, julga êle. O Paris que se diverte, santo Deus! Como isto é irrisório! Ainda se fôsse o Paris que diverte os outros!? Paris não é a *coquette* parisiense, não. Paris é o polvo com rosto de mulher, o polvo de cêntuplos braços para pinçar o *sou,* o *franco,* o *luís,* a *pourboire.* Mas... vamos com êle ao *Moulin Rouge.*

Entremos. Representa-se uma revista qualquer, onde o revisteiro logrou maneira de fazer entrar várias coristas em posses plásticas, grupos de carne que à luz das lâmpadas parece desejável. Uma *cocote,* pintada, com olheiras, encarrapitada no alto duns tacões inverosímeis, enfia no seu o braço nu e segreda-lhe que tem uma imperiosa vontade de atravessar a sala e ir beber um *bock.* Ah! Um *bock!* como recusar? E é que vão. Êle abre a cigarreira. E logo ela com um ar que lhe vai a matar, estende dois dedos, dois compridos dedos de róseas e aguçadas unhas e tira, não um cigarro: tira três, vezes há em que deixa apenas dois... para amostra. Mas já à volta dos pombos uma criatura com um cestinho volteja. Diz-lhe que compre um ramo de rosas «para a senhora». Que compre *cigarretes* perfumadas, que compre bombons, que seja gentil, que «a senhora» sempre tem uns desejos de dar uma dentadinha nos bombons!... Pato sentimental de estrangeiro! Se não tiveste a coragem espartana de recusar, recusar sempre, recusar até à última, sorrindo — recusar as flores porque flor é a senhora, recusar o chocolate porque faz mal ao estômago, — verás «a senhora» aceitar e guardar sob qualquer pretexto. Custou-te seis francos. Pois

logo, longe das tuas vistas, o que compraste, flore
ou bombons, voltará para o cabaz da vendedora
a tua gentil companheira receberá metade d
dinheiro que deste. É, como vês, um rico negócic

Mas não; o *Moulin-Rouge* aborrece-te. É sábadc
Vamos, pois, ao *Bal Tabarin*. Respira-se. Custa
bilhete 5 francos. E logo à entrada serás assaltad
por uma dúzia de gentis porteiras que por isto
por aquilo teem quatro mil mãos para te arranca
dinheiro.

Ah! mas é a loucura, o *brouhaha*, a con
fusão. Gente, muita gente, mulheres decotadas
homens ensemokados, estúrdios, famílias respeitá
veis, o diabo. Agora a música lá do alto romp
com uma valsa. E a vertigem sobe, assalta, rolа
referve ao som do estalar das rôlhas, do ruïdo da
matracas, do perpassar das serpentinas, do roçaga
das sedas, até que ofegantes, valsistas e músico
param para limpar o suor e esgotar mais uma taça

Agora, num parêntesis de barulheira, serena
mente, do teto desprendeu-se um balão, dêsse
que as lojas dão de brinde nas compras de cinc
escudos para cima. E logo uma legião de criatu
ras se precipitou para o apanhar, empurrando-se
esmurrando-se, com encontrão e pisadela de ressus

citar um morto. Um consegue tocar no balãozito mas para o arremessar mais longe. E lá vão todos de tropel até que o globo rebenta dispersando a turba. Agora desce um boneco seguro por uma guita, boneco de cartão com que um homem oculto no alto negaceia a multidão. Um, consegue apanhá-lo às mãos e, pisado, moïdo, vai em triunfo levá-lo à costureirita que para lá levou. E ela, babosa, olha em êxtasi o prémio, julgando-se quási rainha.

Na escadaria a multidão comprime-se. Do balcão, uma alemã acha imensa graça a que as suas serpentinas batam no alvo. E mostrando uns dentes de carnívora gentil, arregaça as mangas de sêda. O domador, cara de oficial superior, dormita. E ela tôda é derreter-se com um flamante francês, cabeça de cabeleireiro de montra, que sustenta rija a batalha.

É uma hora da noite. Começa o famoso cortejo, uma das atracções de todo o Paris. Carros desfilam. Um com grupos de bacantes, outro com mulheres imitando as obras primas da estatuaria antiga, outro com as Vénus de Montmartre, outro com as Ledas e Afrodites de tôda a França. E os carros dão a volta à sala, por entre nuvens de

fumo, do ruïdo das conversas e do matraquear qu
não cessa nunca. A música executa uma marcha
E a multidão acompanha em côro, entoando com
música uma canção do *boulevard:*

«Mariette, ma petite Mariette,

....

E os carros passam, passam duas, três, sei
vezes, sempre ao falsetear da cantiga famosa
Cônscias da sua impudicícia, as mulheres estátua
sorriem. O estrangeiro delira. E é quási sempr
certo, quando de manhã recolhe ao hotel, ir de braç
dado a duas cavalheiras que não caminham equili
bradas, guiado por um cocheiro bêbado, a quen
êle, não menos bêbado, deu de gorjeta vinte fran
cos por um. E acha que gozou imenso e que
Tabarin é o paraíso. E como não há-de ser, se êl
vê e ouve ainda, ouve eternamente aquele cortej
e aquela música tão buliçosa da

«Mariette, ma petite Mariette...»

Da Inglaterra

(CARTA ÍNTIMA)

Meu caro amigo:

NÃO, decididamente eu não venho dizer-lhe que descobri a Inglaterra, mas não posso deixar de lhe confessar a minha admiração e o meu entusiasmo por esta nação enorme, por êste espantoso povo. E v. não imagina como eu me daria bem nesta Londres ideal e como a êste meu *facciosismo* é cem vezes mais simpática a multidão da *city* do que a multidão do *boulevard*. Ora imagine que o meu ideal seria viver dez mezes em Londres e dois em Paris. Paris é a loucura, a lufa-lufa, a maluqueira em marcha; Londres é a máquina, o método, a ordem. E eu, homem de método e de ordem, acho Londres a terra ideal.

É claro que o ponho de pé atraz contra tôdas as histórias aforísticas que v. conhece a respeito de

inglêses. Mas não deixo de lhe relembrar aquela dos elefantes. Como é possível que v. não recorde, eu conto. Uma Sociedade de Geografia ou Academia de Sciências, da América, oficiou às suas congéneres de Berlim, Londres, Paris e Lisboa, comunicando-lhe que abria concurso para a melhor memória que elas ou sócios seus lhe enviassem e que haveria um prémio avantajado para a que o júri achasse digna dele. Recebido o ofício em Londres, logo um sócio marchou para casa, emalou a roupa, aprontou as armas, aprestou o *kodak* e tomou passagem no primeiro paquête para ir estudar *de visu* a terra e os animais que tinha de descrever. Em Berlim, o sócio nomeado para redigir a memória dirigiu-se à Biblioteca e pediu tudo quanto lá havia sôbre a especialidade.

Em França a Academia reuniu. Foi nomeado um *monsieur*. Quatro dias antes do prazo expirar, foi ao Jardim das Plantas. Correu, viu, cheirou, e nada. Perguntou ao guarda e êste disse-lhe que animais dos que êle procurava não tinha na ocasião.

Quanto ao português, êsse, coitado, foi à Brasileira, sentou-se, pediu café e cana e como não conhecia nada do caso e achou que nem valia

a pena estudar, fêz sôbre os elefantes um longo artigo de cór, que leu a vários amigos e que sub-intitulou: «Um interessante aspecto da questão». Quando, no prazo marcado, se abriram os envelopes, para se conceder o prémio viu-se que a Inglaterra enviara uma monografia clara, concisa, cheia de dados e recheada de magníficas fotografias; a Alemanha quatro fólios sôbre o elefante, desde o dilúvio e tudo quanto autores antigos e modernos tinham dito sôbre o assunto. Só de citações tinha cada página, página e meia.

A França, onde quási todo o saber é de almanaque, como tinha ido ao Jardim das Plantas e não havia lá paquidermes, respondia paradoxalmente: Não há elefantes!

Quanto ao que Portugal respondera, verificou-se que a memória enviada pelos nossos compatriotas, de elefantes só os tinha no título: «A influência do elefante na política», e o ilustre criaturo que a preopinara falava de tudo, desde os aeroplanos até ao fabrico dos botões, sem que ao de leve tocasse nos paquidermes.

É interessante a história e ela marca o carácter de cada povo. Activo viajante, consciencioso, trabalhador, o inglês; erudito, maçudo e livresco, o

alemão; fútil, *blagueur,* paspalhoso, o francês; hábil em tornear os assuntos para não vencer a mândria, parolante e madraço, o português. Isto vem provar só que o único povo que ascende sempre é o inglês e na peugada dele o alemão. V. chega à gare do Norte por exemplo. Encontra logo a barafunda, trens, carroças, automóveis, cocheiros descompondo, fregueses berrando, coisas do arco da velha. Pois bem. V. transporta-se a Charing Cross e vê a ordem absoluta. Parece que tudo foi manobrado pelo mesmo pulso e não ouve barulheiras, não vê aquela confusão que faz Paris uma coisa adorável para quem só aspira a estar constantemente a abrir a bôlsa para pagar a prestações a ilusão de que se diverte à bruta. Que depois v. entra por exemplo num paquête francês e num paquête alemão: no primeiro tudo fala, tudo parece que nasceu falando. Os tripulantes vestem cada um de sua feição e o barco anda ordináriamente mais sujo que no segundo onde tudo guarda as palavras para quando elas são precisas e cada um se ocupa nas suas ocupações.

Depois v. em Londres não vê o ajuntamento em volta do rato morto tão freqüente em Paris; vê cada um ter, como todos teem, uma determi-

nada porção de tempo e distribuí-lo o melhor que pode; vê em resumo o inglês falar pouco o que é um evidente sinal que a vida alheia pouco lhe interessa. Ora eu compreendo que nós, homens do café, nos sintamos bem em França, onde há barulho, onde a chiada é uma instituição patriotica e onde tudo mendiga um *sou* sem vergonha nenhúma na cara. Compreendo. Mas eu por mim, amigo dos parques e de que me deixem em paz, eu que sou capaz de gastar estúpidamente um dia caminhando sem trocar vinte palavras, eu que gosto de beber, de comer muito, de fumar cachimbo, eu que gosto da chuva e do nevoeiro, de quem me não mace e das coisas ditas só uma vez, eu viveria maravilhosamente em Londres. Duas vezes por ano atravessaria a Mancha e iria divertir-me, mentir, gozar, falar sem descanço e fingir que comia, a Paris. Iria ver Montmartre, passar a vista pelos museus, aguardar as costureiras dos *ateliers*, contender com as *trotteuses*, falar calão com os cocheiros e fechar uns dias a bôlsa dos *pourboires* para ver más caras e ouvir invectivas, outras vezes escancará-la para escutar lisonjas e ouvir coisas de veludo a afagarem a alma... da bôlsa para que se não esqueça. V. lembra-se dos músicos do *Titanic?*

¿V. lembra-se do dia dos anos riais na guerra do Transwaal em que o bombardeamento foi de doces e bombons? ¿Pois, meu caro amigo, como não quere v. que eu adore uma terra onde cada um está onde deve estar, faz o que deve, vale o que vale e não tem precisão de fazer barulho para fazer notar a sua pessoa? E v. vá até Paris se quere ver a loucura organizada mas não deixe de vir até Londres para que leve saudades dêste deliciosíssimo Hyde-Park donde rabisco estas linhas.

Sarah Bernhardt

Eu nunca tinha visto essa miraculosa Sarah e melhor fôra que nunca meus olhos a encontrassem. Não quis o destino que no Ginásio, no D. Maria ou em S. Carlos eu tivesse a minha alma sob o cutelo do seu gesto e o seu verbo semeasse no meu coração a seu belo prazer o terror, a cólera, a piedade, o desespêro ou o desdém, a alegria ou a mágua. Não quis; e foi em Londres, neste 15 de setembro do ano da graça de 1913, que me foi dado ver «a maior de tôdas», como na sua idolatria pegajosa lhe chamava êsse pobre Silva Pinto. Mas não quis ainda o destino que eu visse a grande actriz. E foi a sombra da sua sombra quem ali no palco do London Colyseum esfalfadamente me arrastou todo o 3.º acto da «Teodora».

* * *

Ah! ¡como a imaginação me fantasiara aquela figura delgadiça e serpentina, e com que prestigioso anseio eu sonhava a sua voz triunfal tornando as palavras em encantados mundos! As suas *tournées* à América, as suas *Memórias,* o seu quási divinatório busto do Luxemburgo, tudo isso se amplificava, subia, alargava-se a ponto de quási se perder nas nuvens a visão provável da sua figura de parisiense ossuda que um bemfazejo Deus dotara dum poder quási sobrenatural. E pouco antes eu vira no teatro da Comédie des Champs-Élysées, de Paris a evocação risonha da sua meninice na revista «En Douce». «Uma *soirée* há 50 anos» se chamava o quadro e entrava gente que de há muito o mundo consagrou. Emile Loubet, Jules Claretie, Alexandre Dumas e Sarah que a uma casa de burgueses vem dizer uns versos da sua mocidade. A *charge* é feliz e mademoiselle Fonteney que a imita, faz o seu papel com verdadeira arte. Mistinguette que tôda quebra a seguir num langoroso tango com um feliz Newalt não consegue apagar a

doce evocação daquela *soirée*. E Sarah, segundo prémio de comédia do Conservatório (oh ironia das classificações), Sarah que o burguês de 1862 viu debutar na Comédia Francesa, essa Rosina delicada era na minha imaginação uma grande actriz, um insubstituível poder de domação das almas.

*
* *

Mas não! A ilusão desfêz-se e a Sarah que o programa me anunciava entre um Romanoff, célebre «*apache* violinista», e «the famous dramatic soprano» M.me Jeanne Jomelli, entre uma comédia famosa em que Marie & Billy Hart prometiam espancar tristezas e não menos engraçadas fitas de animatógrafo, essa não era a que eu sonhara.

Esta é uma pobre velha às portas dos 70 anos, mumificada e pelancosa, caiada e lantejoulante, ostentando uns gestos cheios de ruïna e uns dedos faïscantes de anéis.

A sua dicção parodia o fogo das paixões e só infunde piedade a pobre mulher que na alagartada

veste de imperatriz bizantina se arrasta, ofega e a custo simula a figura a que Sardou deu vida.

Ah! bem disse Sienckiewiz «que cada um arrasta dentro de si a sua tragédia». E eu dei-me a scismar um pouco na tragédia daquela criatura ao ver todos os dias o espelho ocultar-lhe um pouco da graça, o olhar amortecer, as rugas invadir a cara, a alma abandonar-se ao desespêro... Não. Rica, cortejada, imperatriz de vaidade, mimada da sorte, esta mulher não é sem lágrimas ardentes que vê dia a dia tudo sumir-se.

E penso em que infinita amargura encherá os seus dias, em que desolação povoará as suas noites.

O público vai não já para a ver. Vai por piedade. As palmas com que a acolhe, ela bem o sabe, não são para ela, são para a outra.

E a pobre tem nos lábios pintados, tem no rosto horrorosamente rejuvenescido um sorriso trágico, uma careta dolorosa, riso por fora, sombrio esgar por dentro.

E como não pode, para a sua vaidade, deixar de ser a Sarah, ela maquilha-se, ela com ardor arranja-se e vem.

Hoje a «Teodora», amanhã a «Samaritana», no

outro dia a «Morte de Cleópatra», depois a «Dama das Camélias».

Sim, a pobre Margueritte feita por esta pobre morta deve ser triste. Ah! como eu compreendo bem essa ânsia de viver ainda, de ser ainda grande, que a faz ir, numa suprema mendiguez de aplausos, de terra em terra como um pelotiqueiro que precisa de esmolar para comer!...

E eu tive dó, uma infinita piedade pela pobre mulher que, santo Deus! sei lá se apartou um pouco o pensamento dos almofadões onde o seu corpo se aninha e se naquele momento em que a sua bôca diz as tiradas mais vibrantes ela não sente antes vontade de pedir que a libertem das dedadas de ferro do seu reumatismo e da suprema angústia da sua intraduzível agonia.

Deve, deve ser um poente horrível a sua vida. E quando o pano corre e ao fundo o seu corpo no escuro teatral duma porta, aparece, eu ao ver essa alma amarfanhada pergunto a mim mesmo se ¿não seria a Morte bemfeitora suprema arrolando êsse esquife de saudades sôbre o qual a Noite farandola terrores e rega de lágrimas? ¿¡Ou se não seria bem melhor ela debruçar-se sôbre a água escura do Sena até que a esfinge da água lhe

segredasse o bálsamo para tanta dor e, qual nova Ofélia, a levasse distante à mansão da Felicidade?!

«... êsse convento
Que há além da Morte e que se chama a Paz».

Pobre criatura afinal; miserável destino o nosso! A Sarah! De quantas ilusões é feito o Sonho e como é brutal às vezes o despertar!...

O cemitério dos cães

FAZIA um tempo delicioso em Londres. E nós, engulida a refeição matinal, eis-nos a palmilhar aquela sem fim *Oxford street* até *Hyde-Park, Cumberland Gate*. Era domingo e no recinto da entrada, armados uns tronos, alguns apóstolos prègavam. Um, era porque o único alimento racional é a fruta. E tinha a bancada tôda cheia dela. Outro ao lado, porque a única religião verdadeira era uma ratona religião de que era êle o Deus, papa, sacerdote e único prosélito. Outro ainda porque o voto foi dado ao homem, rei dos outros animais, para que o desse à mulher, — para ver se assim ela se calava dez minutos. E havia de tudo.

Calcurreámos uma rua e fomos sentar-nos ao lado duma *miss* que lia, emquanto um fedelho bochechudo se entretinha a jogar o eixo com as grades, apanhando como recompensa por cada salto um trambulhão famoso, na erva. Era teimoso o petiz, e linda a *miss*. Começávamos a pensar a sério na vida, admirando as passadas rítmicas, regulares dum casal de inglêses, quando eu propus a Bento Mântua seguirmos, para obliquar em ângulo obtuso para a porta Vitória. Iríamos ver *The dog's cemetery*. Mântua acedeu e fomos. Fomos, mas não atinámos com êle sem importunarmos uma inglêsa velha que costurava, quando não lia algum trecho do Novo Testamento ou alguma lúbrica, frascária leitura.

É pequenino o cemitério, com sua multidão de jazigos de vários tamanhos para cães de várias raças. Ah! o ridículo da sentimentalidade! Oh! a epopeia que é êste cemitério!

Dividido em talhões, é curioso com seus mármores e suas legendas enternecidas. Há-as simples, nome e data apenas, comovidas e discretas, e há-as meridionais, palradoras exageradas e pretenciosas. Há-as como esta: «*Pilku, au revoir*», e como a que reza:

To the
Beloved
memory of
«Orphie»
most faithful devoted friend
Who left us sorrowing
August 22, 1897
Au revoir chéri!... si Dieu vient

Santo nome de Deus! O que não dizem aquelas tumbas, rodeadas de flores e com um jardineiro engalanando-as constantemente: «Ao meu queridíssimo Tótó, ao meu adorado, ao meu estremecido bibi, eterna afeição, constante lembrança, gratidão sempre viva». Parece uma pessoa de família! Lá vimos o mausoleu dos bichos Tippo, Noley, Ponto, Daisy, Frollo, Schneider, Cyp, Runty, Cib, Jack, Dick, Bob, Jock e uma multidão de famílias conhecidas e respeitadas, de-certo, nas artes e nas letras, nas sciências, nas indústrias, no exército, etc. Oh! uma geração, muitas gerações de ilustres cães, ali dormem o sono eterno, esperando o toque da trombeta para uma alvorada de alegres ladridos. E veremos não as almas reunirem-se aos corpos, mas os cães a suas donas. A trombeta se tocar é para todos. E os cães não são menos, de-certo, do

que a infinda quantidade de burros que se julga nessa hora com direito à ressurreição.

Mas nem só cães ali repousam. Gatos, gatinhos e gatorros também podem ali encontrar na morte doce abrigo. Assim reza a seguinte inscrição na língua de Camões, que entre inglêsas, alemãs e francesas, lá se ostenta:

Á
Doce
memória
do nosso
querido gatinho
Bibi
1901.
também
«Crocodilo»
1910

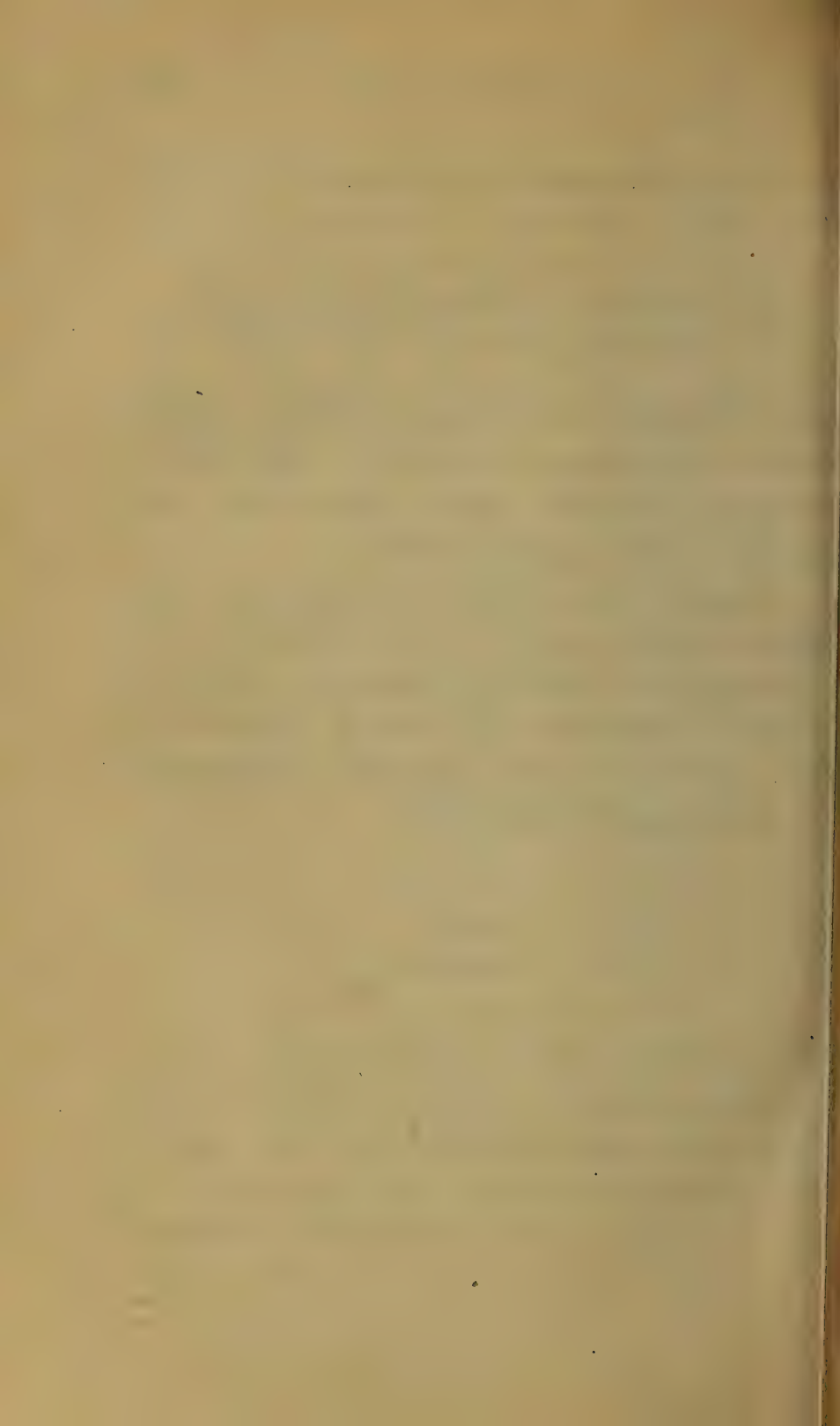
Nini
Silvino

É o tributo amistoso de duas crianças portuguesas a dois gatos de estima. Também o pequeno Portugal deu o seu contingente. Que em Portugal um cemitério de cães e gatos é ainda uma coisa a explorar. Um negócio da China.

E tanto desgraçado para a vala! E tanta bôca sem pão!

> «Os reis são reis e os homens cães, em vário estado:
> Ou cães de caça, ou cães de fila ou cães de gado...»

disse Junqueiro. ¿Mas quantos milhares, quantos milhões de homens não invejam a esta hora a sorte dos verdadeiros cães? ¿«Cães de caça, cães de fila, ou cães de gado»? Talvez.

Mas cães que passam fome, curtem frio, fustiga-os a chuva e nascem, vivem e morrem sem ter entrevisto nem sonhado um pouco de carinho, um pouco de abastança, um pouco da felicidade em que nasceram, viveram e morreram pródigamente, os seus colegas do Hyde-Park...

O mar

NÃO sei se sabem como eu amo o mar estremecidamente. Amo-o quando êle vem desfazer-se em espuma lambendo a areia; amo-o quando êle brincando com a rocha, espadana e salta; amo-o quando em noites de tormenta encapelado, ruge, cachôa, impreca, açoita e blasfema. Amo-o sempre. Não acredito do homem senão na sua maldade, não creio da mulher senão o seu egoísmo. Dos deuses dispenso o seu poder. Mas creio e acredito no teu poder, oh mar, Oceano bravoso e irado, mar tranqüilo e adormecido. Acredito no teu poder e acredito que sejas tu um dia o vingador, vindo por aí acima sepultar a terra, amortalhando a sua torpeza na toalha espúmea da tua cólera. Mar infinito! E eu bemdirei o instante

em que as tuas mãos líquidas tomarem o meu peito para levarem o meu coração a descansar emfim do cachoar das paixões terrenas. Ó mar!...

*
* *

Como gostaria de ser marinheiro não o sei eu explicar. Gostaria de, como o infante D. Pedro, correr as sete partidas do mundo, cambiar moeda de todos os países, comer manjares exquisitos, aspirar perfumes bizarros, beijar mulheres de tôdas as raças. O bizarro atrai-me. O singular e o inédito deslumbram-me. ¿Como se amará em japonês e que sabor terá um beijo colhido de lábios melancólicos, à luz duns olhos nostálgicos, sob a fôlha do lótus sagrado? ¿Como será uma noite de tormenta, o mar bramindo, o vento uivando e o barco, maravilha dos homens, gemendo e saltando assustado? Mares, céus, terras e mulheres desconhecidas... Escutar, pela noite escura, o côro encantado das ondas a perorar ao infinito por tôda a imensidade...

* * *

Gosto de ir até ao mar olhá-lo e entendê-lo. Gosto de o ver espelhento, manso, tranqüilo e gosto de o ir ver quando o ciúme ou a cólera lhe agita o coração convulso. Gosto do mar. Gostaria que nada me prendesse à terra. Nem afeições, nem o amor, nem amizades. Gostaria de ser livre, inteira, absolutamente livre. E embarcar. E ir até à Austrália. Viver dentro dum navio e só voltar a terra para ter saudades do mar. Saber de tôdas as ondas os longínquos segredos, ouvir de todos os ventos os clamores soturnos, escutar de todos os temporais as maldições e as pragas. E um dia um dia esplenético e terrível, o mar galgar a amurada, enfurecido rebentar trovejante no convés, subir à ponte, açovacar o turbilhão de fumo da chaminé, para nos levar a todos a repousar no fundo sagrado das águas.

Vítor Hugo diz que a tempestade é um bando de piratas. Nuvens, trovões, chuva, ventanias, ondas e rochedos são todos cúmplices. Pois bem. Que tomem o meu coração de refens. Não o resgatarei. E meus lábios em prece abençoarão o momento

em que as mãos do velho Neptuno tomarem o meu corpo. O mar! É preciso ser triste para o compreender, ser poeta para entender o seu queixume eterno. A borrasca, a noite, a ventania rezando no cordame, as ondas entoando o seu cantochão! A tormenta...

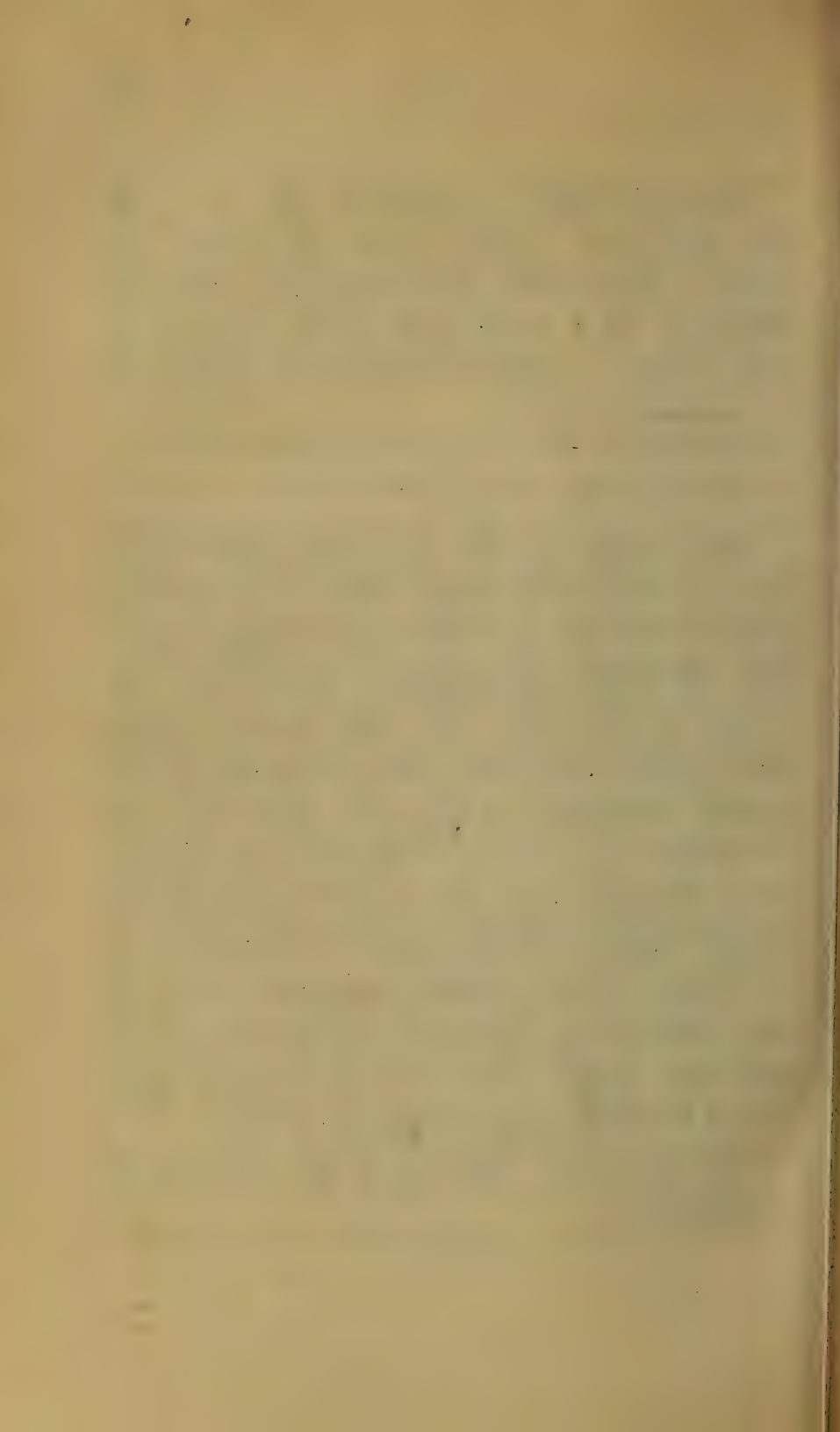
Depois, quem morre no mar não tem sepultura. O verme não o roerá, e as águas, batendo-o constantemente, levar-lhe hão segredos da terra. Plantas marítimas tecerão o sôbre-céu do seu leito de areia. E o aço da enxada do coveiro não perturbará nunca a quietação dos seus ossos. Não irão acordá-lo as paixões dos homens, nem o perturbará tão longe e tão esquecido o esquecimento da amante que ficou. Não lembrará, ninguém o importuna, ninguém poderá perturbar a sua paz. Morrer no mar!...

Quem morre e crê irá tranqüilamente apodrecer perto dos seus. Se o espírito é imortal constatará um pouco que pobres dos mortos, de quem ninguém se lembra. E a ingratidão perturbar-lhe há o sossêgo eterno. Quem morre no mar, sem número de coval, nem malva-rosa florida assinalando-o, sabe que não irão, que não poderão lá ir. E crê. Crê que os vivos são gratos, são grandes e são bons.

Oceano secular, companheiro do sol e do luar, gémeo das estrêlas, irmão das rochas, dos ventos e das nortadas, amo-te, quero-te, admiro-te. Entende a tua a minha alma, sabem dos teus os meus soluços, e quando o teu coração se turva de ira, entristece o meu...

* * *

Mãos dadas, do alto da rocha, olhávamos o mar. E o mar, velho amigo, cofiou a sua cabeleira branca e veio até nós, falar a sua linguagem encantada. Foi então que nostálgico, olhando os olhos negros, eu lhe disse: «Era bom morrer. Longe. Muito distante. No oceano azul, mar glauco, infinito, perdido, longínquo». As suas mãos apertaram mais as minhas e a sua voz nostálgica disse apenas: «Sim». Passaram anos. Mar infinito! Porque não nos tomaste logo ali? ¿Porque não nos arrebataram as tuas níveas ondas? ¿Porque me deixaste viver mais estes dois anos de infortúnio e de incerteza? Para quê, meu amigo! ¿Para que eu soubesse quão vário e fementido é um coração de mulher?

Mar impiedoso. Como se eu não receiasse vir a adivinhá-lo...

A saudade

NUNCA, como hoje, ao entardecer, quando para lá da barra o sol em brasa se afogou nas águas, eu senti lancinantemente a saudade da terra estranha, dos lugares percorridos, da vida que já foi vivida e distante vai impiedosamente. Horas scismei e scismou a minha recordação revendo novamente mares e Oceanos, tardes de prazer e noites de vendaval. Na minha retina apareceu novamente a quermesse da Puerta del Sol, o Sena e a fila marulhenta do Tamisa, as pradarias de Greenwich, o mar soturno de Dover, a vida pacífica de Boulogne-sur-Mer, as feiras de Saint-Clou e as excursões até ao castelo sonharento de St. Germain-en-Laye. Depois Bruxelas, a pequena Paris, a Coruña, o paraíso pequeno...

Vejo outra vez a despedida do Tejo, o afastar da costa, Vigo. Vejo outra vez a solidão da minha cabine, embalada a sonolência do tam-tam da máquina e ao chape-chape das águas. Vejo-me outra vez embrulhado no *couvre-pied* ou no sobretudo, deitado na ponte, olhando as estrêlas e o fumo ennovelado das chaminés, a rever o dia e a recordar os olhos azevieiros daquela argentina que olhava o criado, comparando-o com o marido. Aquele, o *stward* hamburguês, loiro e alto, elegante na sua casaca de alamares dourados, êste, adiposo e bronco, aos empuxões ao peitilho engomado da camisa, onde uns diamentes piscavam brilhos à luz adormecida das lâmpadas. E a francesa nostálgica que nos perguntava se a gente já lera Musset? E tinha uns olhos felinos e doces, daqueles olhos que a gente não sabe se imanam a Morte, como das águas podres dum pântano. Tragou-a Paris por uma das portas da gare *du Nord,* raptada burguêsmente por um *fiacre.* Era linda, essa garôta companheira, de olhos de mais brilho que o das pedras que lhe constelavam os dedos, afuzados, rosados, faiscantes.

. . . .

Só quem nunca viajou desconhece o prazer

infinito de sentir que a Vida é mais alguma coisa que comer para digerir e o mundo um pouco maior que ir de casa para a repartição, e do jornal para casa. Sim. A certa altura vem a Saudade libertar a nossa alma da escravidão a que a condenaram os *boches*, tirando a Paris o ar folgazão e fazendo Londres mais severa ainda.

Viajar é um dos grandes dons da vida. ¿Ora quanto daria o leitor para ter estado ontem em Versailles, a recordar e navegar por entre o verde belo dos jardins? Sim. Entrou hoje comigo a Saudade. Desejei Paris ardentemente, amei com fúria os seus domingos, o seu labutar, a sua vida da noite, as suas cem mil mulheres que passam a todos os momentos. Londres apareceu-me cheia de nostalgia. E é que se soubessem como eu desejava tornar a ver uma feia sufragista que vendia o órgão da classe à porta de Peter Robisson, de Oxford Street, um dos inúmeros Grandelas de lá e como eu me sentiria feliz se pudesse debruçar-me agora sôbre o corrimão de ferro que circunda a cova dos ursos, por causa do majestoso urso branco! Eu sei que são puerilidades, que é uma ilusão recordar. ¿Mas não é tudo na vida ilusão e não são puerilidades todos os castelos de Espanha

todos os sonhos e tôdas as ambições que a nossa mente se compraz em formar?...

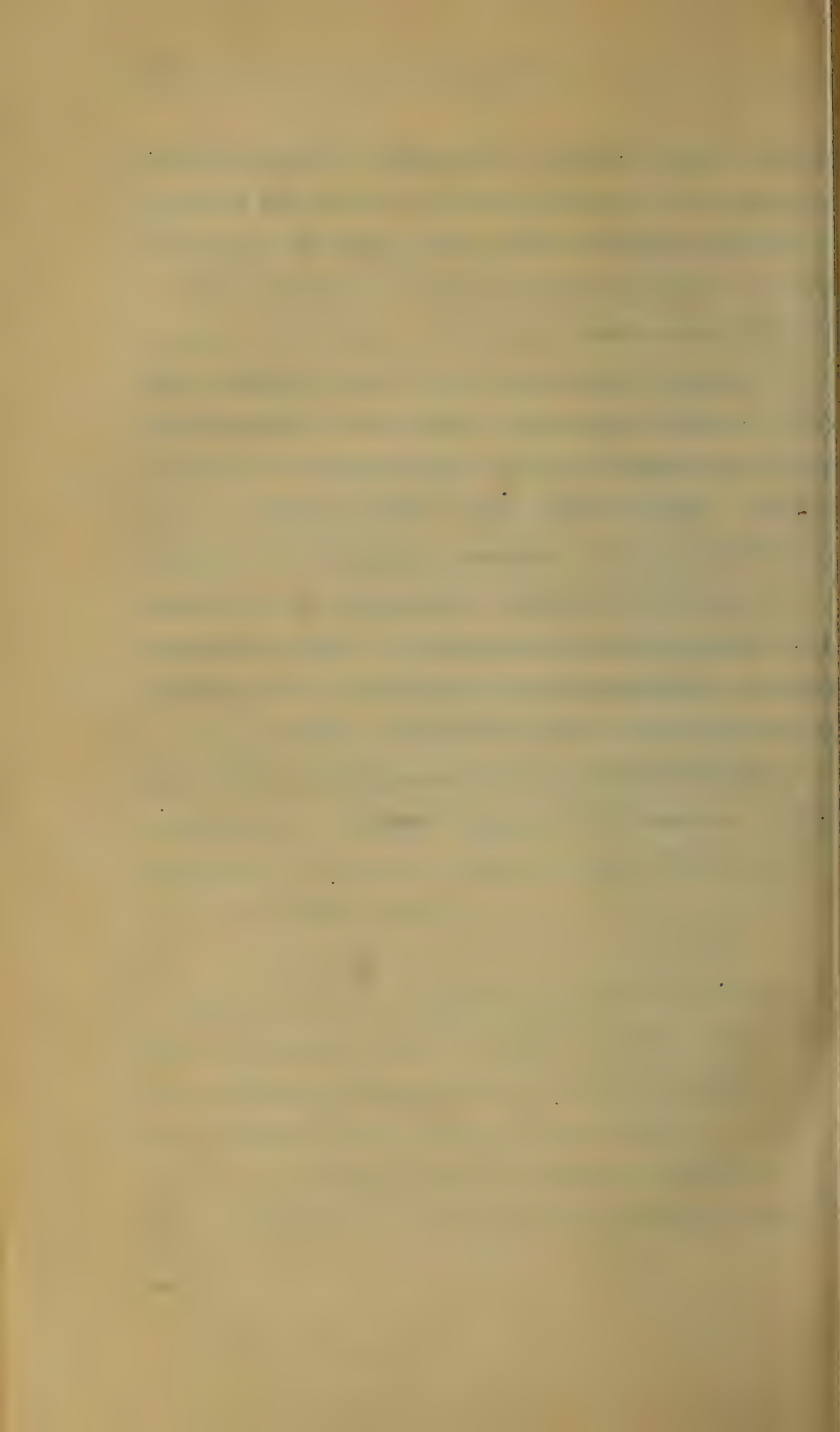
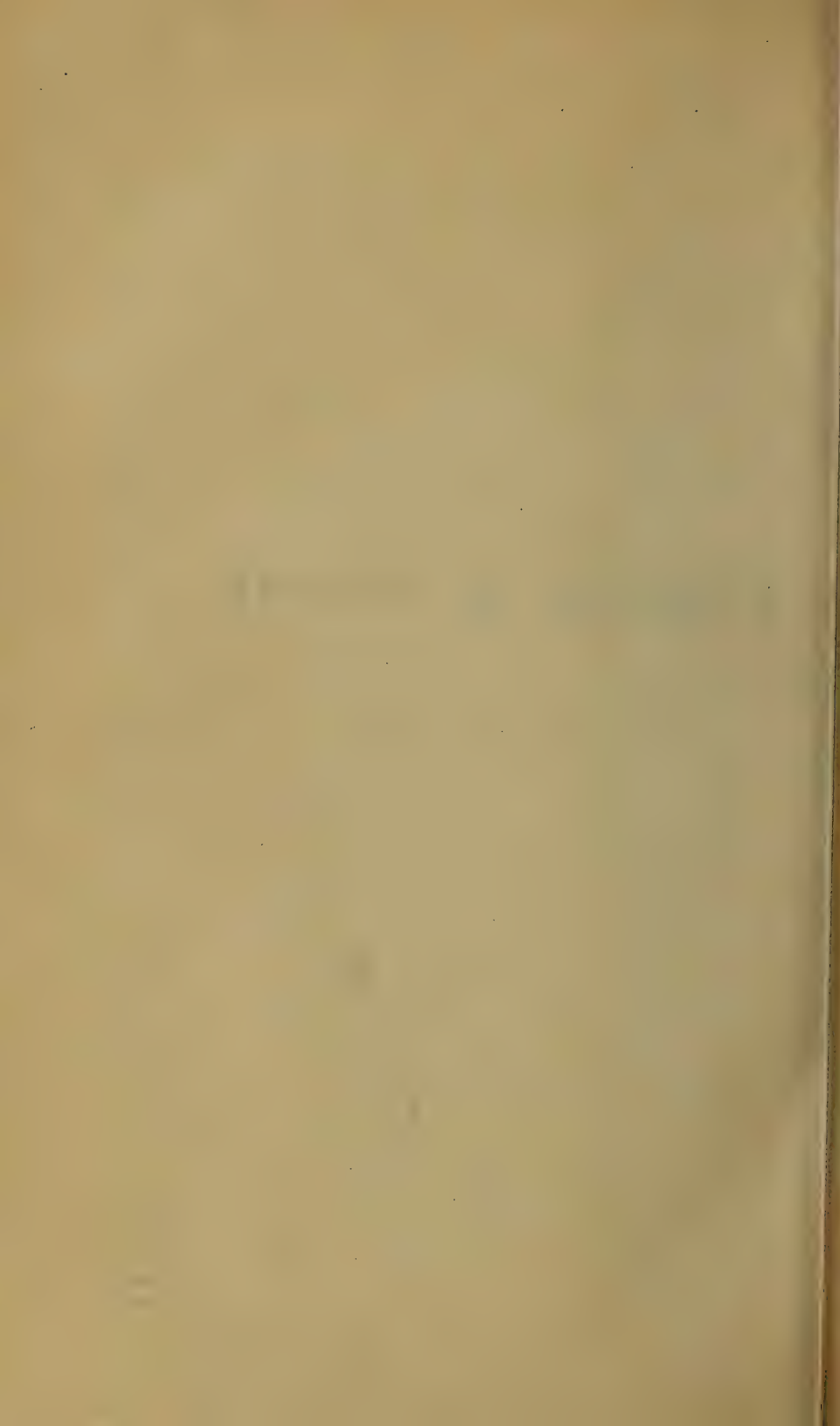
O dia sombrio em que pela primeira vez entrei na Notre-Dame, e vi o tesouro, as vestes ensangüentadas do bispo e o barretinho, calcanhar de meia, cobridor da careca do homem que o mostrava, parece-me ser de ontem. A farândola dos divertimentos, essa é que se apagou um tudo nada. Poucas saudades do Paris que se diverte. Muitas do Paris que trabalha e circula. Menos das Mimis que vão cirandar para o *Moulin de la Galette,* das *gigolettes* que na *Tête de cochon* valsam os apaches, ou dos estrangeiros que vão abrir a bôca de espanto à uma da noite, nos sabados do *Bal Tabarin,* do que das excursões ao museu do Luxemburgo, e das sestas no Parque Monceau, ir ver um ou outro mármore do Rodin ou uma ou outra tela dos delicados do século dezóito...

. . . .

Paris aparece-me agora envolta na neblina do sonho. Distante trôa o canhão e ainda rudes botifarras alemãs calcam, por direito de conquista, o solo sagrado da França. O mar não é seguro, minado e contraminado, torpedeado e açoitado por tôdas as fúrias do homem. E na minha pungente

saudade não disse de todo adeus a essas terras saudosas. Até quando? Sei lá. Até ao dia em que de todos os peitos aliados saia o grito de desopressão. O tumor germânico, feito de sangue, aço e metralha, foi de todo estirpado.

E amante apaixonado da Paz, geradora de tôdas as ideas fecundas, voltar aos *boulevards* a saudar essa data ou o seu aniversário. O Sena, o Tamisa, aquela mulher que passou, sorriu e que a multidão perdeu, sorrindo e passando. O Oceano! E até aqueles bocejantes domingos de Londres, Hyde-Park de dia, animatógrafo à noite, até êsses dias me aparecem agora adoráveis e me entram ganas de, ansiosamente, os tornar a viver!

Viajar! E dizer que há dinheirosas gentes que nunca passaram do Campo Grande!...

Figuras de ontem

Marcelino Mesquita

MARCELINO Mesquita morreu! A morte arrolou finalmente a carcassa, o espólio terreno do que foi o maior autor de todos os tempos do teatro português. A sua alma, essa ficou, essa deu êle ao Diabo que o condénou a escrever peças para esfolar uns patacos, e essa, êsse Diabo negro imortalizou-a, que está sangrante, vívida, cheia de entusiasmo ou cheia de ternura, cheia de galhardia, e sempre formidável de comoção nas palavras de tôdas as peças que escreveu. Muitas foram. E se a algumas o tempo cegará os caracteres, outras há que mais rútilas ficarão. Mas querem nomes? Para quê? Êste nome só — Marcelino Mesquita tudo diz. É a *Dor suprema,* e a angústia avassaladora transborda do palco para a alma presa

dos espectadores. É o *Envelhecer*. O *Envelhecer!* Como aquilo é humano, santo Deus! São os *Peraltas e sécias,* a espuma feita renda, a graça tornada flor. É a *Pérola,* o *Regente,* o pesadêlo das *Almas Doentes,* a *Leonor Teles,* todo um mundo de gente que sofre, ama, soluça, ri, impreca, blasfema e luta. É todo um teatro único, formidável, sem par, todo um teatro que não tem desde mestre Gil até nós quem, mesmo de longe, lhe possa medir a sombra.

Que o tal Gil tinha talento e o Garrett, padre-mestre de veteranos tinha geito, não sofre dúvida. Mas o certo é que o tempo, bicho roedor impiedoso, já lhes deu a carcoma, e só arqueològicamente a gente os venera. Admira-os não porque os sinta, mas porque é preciso admirar alguém e se assim não fôsse lá se ia a história literária do país. Bem sabemos que é preciso admirar. Bem sabemos que é preciso mobilar o passado. Mas quantas vezes, como o tal russo de que fala o Eça, a gente parafusa em que de todos os livros que os livros citam, com louvor apenas cinco ou seis se salvam. O resto é belo? Talvez. Mas não sei porquê, a gente a abrí-los e logo o mofino dum bocejo a sorrir, os olhos a piscar e nós pensando: Oh caramba! Mas é uma estopada!

Pois o tempo dobará o seu novelo e a obra de Marcelino não irá com êle à sepultura. E não irá, porque êle é humano, e tudo na sua obra é profundamente sentido. Marcelino morreu! ¿Os senhores já repararam como esta geração é pobre, falhada, miserável? Morreu Augusto Rosa. ¿Onde vem o actor capaz de daqui a anos ser o que êle foi a dentro do palco? Morreu o Vale. ¿Os senhores descortinam aí o cómico sem pinchos hilares, o histrião sem palhaçada torpe, a quem o Riso tivesse transmitido o sceptro? Isto que se dá com os actores dá-se com tudo. Os velhos vão morrendo, é inevitável. Não há quem, dignamente, se encaminhe para os substituir. ¿Dos autores quem temos nós? ¿Quem temos que no teatro saiba agarrar, dominar, manietar, ser dono do espectador? ¿Quem temos que com quatro ou cinco personagens saiba tomar o drama humano ou a comédia humana e tão intensamente a ungir de sentimento que nos transfunda a comoção? Ninguém. Nenhum actor novo se apresenta, e se alguém tem com Marcelino pontos de contacto, êsse alguém é Bento Mântua, como êle violento, como êle cheio de ternura, como êle cheio de talento. Mas, caso único, não vemos que uma geração venha chegando e se apresente para substituir

a geração que passa. Há muitos actores é certo. Publicam-se inúmeros livros. Mas dos actores não fica um. ¿Que papéis típicos, que maravilhas de interpretação à memória descuidada das gentes se apegou? ¿Que prodígios de arte conserva a resenha da nossa vida teatral de hoje?

Com os livros o mesmo. ¿Onde estão os livros que dessem alguma coisa nova à humanidade sequiosa? ¿Onde estão as páginas inesquecíveis, as fôlhas da antologia que o hoje que parte tem fatalmente que legar ao amanhã que chega?

Quando uma árvore tomba é que nos parece desproporcionada e enorme. É quando um escritor morre que se lhe mede e inventaria a obra. E então sem piedade o nosso fôro íntimo faz-lhe justiça relendo as páginas com que o coturno do seu génio ou a setinosa mão da sua ternura nos esmagou e nos afaga, ou deixando-lhe os livros na quietação das estantes, não tentando reanimar o que é língua estranha para o nosso sentimento. Poeta, dramaturgo, prosador, em tudo Marcelino foi grande. Como poeta é ler êsse *Grande Amor,* feito quando êle quási já tinha a obrigação de estar gá-gá. Pois é enorme, cheio de amor, cheio de côr. De mais é o seu amor, o seu amor de velho, que quere e tem

direito a ser amado, mercê do talento espantoso que tinha lá dentro do caco. Que explêndidos versos! Como êles cantam, como teem música, como são bem o coração rasgado em tiras!

Condições de vida amarga fizeram-no romancista histórico, fizeram-no prosador, fizeram-no jornalista. Só uma coisa não conseguiram: — que êle não fôsse sempre o Marcelino Mesquita, o supremo criador de almas, o delicado, o maravilhoso lavrante de corações.

Relanceando um olhar sôbre os seus livros eu vejo que todos êles teem algo de prestadio. ¿Pode dizer-se isso de todos os que, em nossos tempos, Deus ou o Diabo levou? Não. Marcelino morreu! Sim. Dizem que sim. Valha a verdade não sei. Que êle morreu... Perguntem-no a todos os que até hoje teem sentido, sofrido, chorado, o seu monólogo da *Leonor Teles,* e êsses somos nós todos; perguntem-no aos que ainda pelo voltear dos séculos terão que o recitar chorando, se êle morreu.

> Êle há tanta mulher! Mas porque fantasia
> Entre tantas, só uma a nossa simpatia
> Distingue, escolhe e quer!...

Não. Marcelino morreu de-certo, mas vive demais

nas nossas almas, para que o possamos esquecer. E tudo o que a gente não pode esquecer—triste verdade às vezes—tudo o que a gente não pode esquecer não morre nunca...

O actor Vale

ÊSTE José António do Vale, artista cómico, que meia dúzia de amigos, por dever de ofício, acaba de deixar na cidade morta do Alto de S. João, foi, é banal dizê-lo, um dos grandes sacerdotes do riso em Portugal.

A vida passou-a só êle o soube como; só êle podia dizer quanto da fundagem turva do desgôsto tinha cada um dos seus esgares e como às vezes a mão férrea da dor lhe amordaçava as horas mais serênas...

Vale, *sacerdos magnus* do riso, ia jurá-lo! nunca soube rir. Fazia rir os outros, não ria. Era êsse o seu ofício. E pouca gente sabe quanto é doloroso fazer rir por obrigação, fazer rir para comer. Não! Vale não riu. Há anos que lhe conheço a máscara;

vi-o em tôdas as suas criações; e tenho ainda na retina a sua figura cómica, emquanto no ouvido escuto ainda o ruïdo convulsionado da multidão que o ovacionava...

*
* *

Depois a sua figura apagou-se. Deixou o tablado. A última vez que o vi representava êle *A mania métrica* ou algum dos muitos monólogos do seu repertório. A sua máscara, vincada apreensivamente, não tinha cómico. Era uma pobre máscara de agonia, onde havia tragédia — a doença, cujos progressos êle podia ver ao espelho — a afonia, a falta de dinheiro, todo o inferno a puxar-lhe à sirga a vida para traz! A voz era um sôpro. Ninguém se riu. Êle próprio, espectro do que fôra, reconhecia que, foreiro à morte, ela estava ali, fitando-o nos olhos, a demandá-lo, a espoliá-lo, a roubá-lo.

Começou então uma coisa cruciante, que eu não sei descrever. Emmagreceu. O fato bambo solavancava-lhe no corpo. A máscara alongou-se-lhe, o que se dá sempre nos taciturnos. A esfera da roleta, de conluio com o Destino, inimizara-se com êle. O público, a quem êle já não fazia rir, não o conhecia já. E então dava lástima vê-lo no vestíbulo do

Ginásio, olhando o público, cosendo-se com as paredes, parecendo olhar com olhos sobrenaturais um passado glorioso que morrera. Vivia talvez de recordações. Sonhava. Que eu não sei se a Quimera, para lhe tornar mais atroz a expiação, negaceava ante o seu espírito a idea duma cura, a idea dum regresso à vida. Não sei. Mas sei o *quantum* de sofrimento amassado em lágrimas lhe custava aquela inspeccionante carantonha ao espelho, sei! Sei que se o Demónio se arvorou inquisidor não podia encontrar no seu arsenal mais inquisitorial tormento...

Êsse pobre Vale, que as mercenárias mãos do cangalheiro ageitaram aos sacões dentro da sua salgadeira de pinho ou de mogno, não era, não podia ser o Vale, ante o qual algumas gerações riram perdidamente. ¿Pois que tinha de comum essa pobre e desolada carcaça com o actor glorioso, um dos pilares da nossa arte do teatro? ¿Pois era aquele montão de ossos, de nervos, de músculos, de tendões, já devorado em vida pelo gusano, o homem que nos servia a anestesiante ambrosia do riso? Santo Deus! pode lá ser!

Não. Vale tinha morrido há muito. Morreu no dia em que se apartou da scena. Ter sido o ídolo

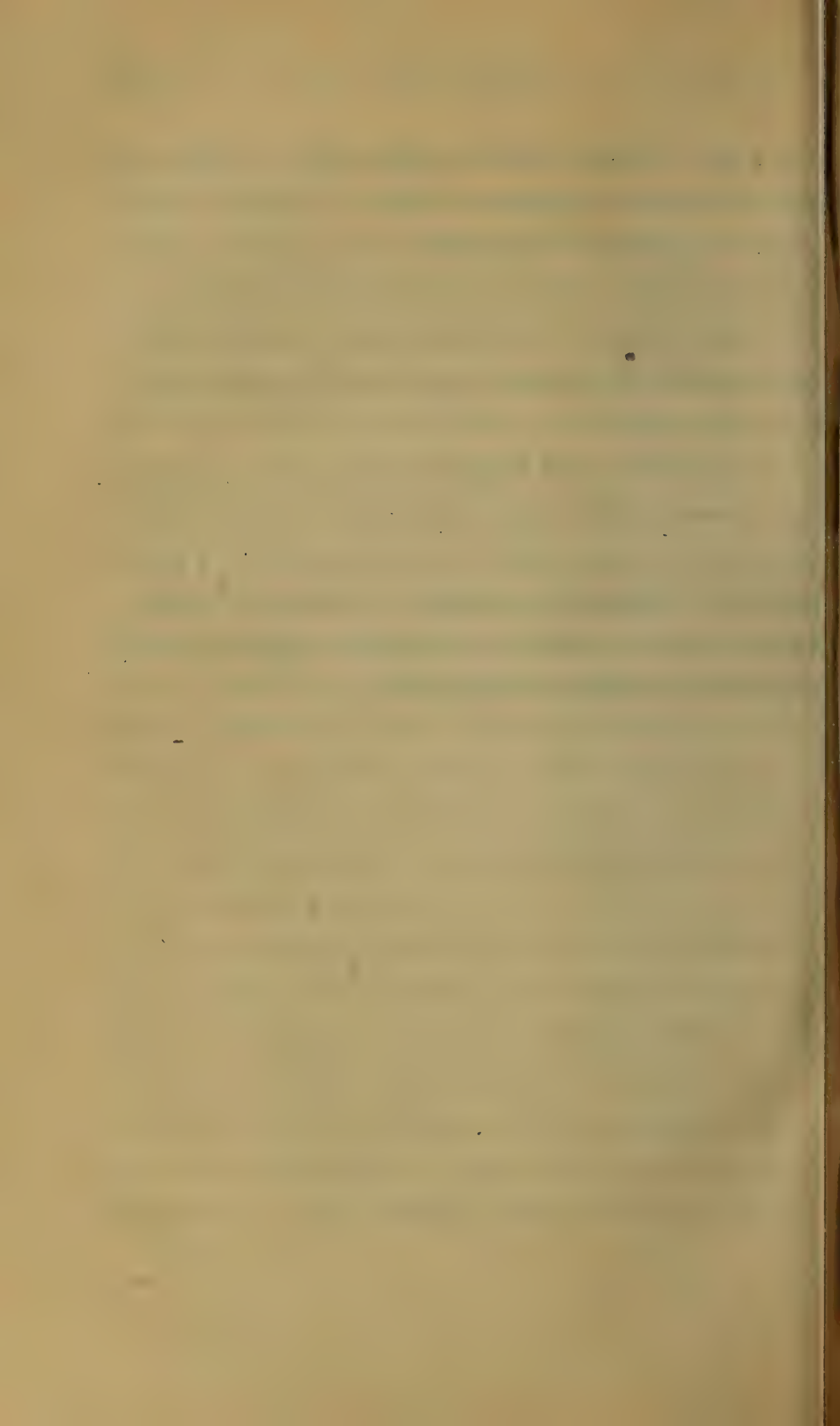
da multidão, vê-la passar aclamando-nos e vê-la depois indiferente, quási motejante, quási cruel! É por isso que eu acredito que do actor Vale já nada ia no caixão. Para não saber isso era preciso não ter visto, não ter idealizado o seu riso nos últimos tempos. Creio que se não pode idealizar nada mais apoquentador, nada mais torturado...

* * *

Em Portugal não existe o culto do trabalho alheio. Portuguezinho valente ou se aborrece ou diz mal do próximo, quando não concilia tudo a um tempo, fazendo as duas coisas. Para êle é indiferente que um ou outro artista morra, ou mesmo que morram todos. Não se lhe dá. Por isso os artistas teem quási todos aquele *rictus* de resignação que já o Camilo lhes atribuia.

Ora pense-se um pouco neste caso:—Um grande actor morre. Êsse homem que intimou com um mundo de grandes figuras, que tutejou centenas de criaturas gloriosas, que foi o enlêvo de tôda uma cidade esquecida, jornalistas, actores, comediógrafos, não deixa um vintém em casa, não tem nos bolsos do colete, se lhos virarem, com que fazer cantar

um cego. Filhos, se os tiver, ficam com o nome do pai, de quem já ninguém se lembra. ¿Pois que interessa às gerações de amanhã o sr. A, actor que fêz rir a seus avós, ou o sr. Z., escritor glorioso que os soube comover? Os dêsse tempo morreram. Os que chegam não querem saber disso. Depois, artistas! Ora, ora...

E está tôda uma tragédia nessa pobre carcaça que passou a têrça-feira gorda à luz de dois círios, emquanto no teatro, onde êle tanta vez fêz rir à gargalhada, a multidão impiedosa se divertia, arremessando sacos de milho e povoando o espaço com a caprichosa aranha das serpentinas...

Estrêlas cadentes

MORREU a Maria Vitória! ¿Sabe o leitor quem fôsse a Maria Vitória? Pois era uma criaturinha elegante e alegre, gingona e de resposta pronta, cabelo preto em bandós fadistas, olhos aveludados, azevieiros e convidativos, que vestia de rapaz à maravilha, falava calão sem ter andado no Berlitz, aparava o fado sem ir abaixo das pernas, e cantava-o com um beliscar, um saracoteio canalha que sacudia o interior e que nos deixava crentes que depois do Fado, só havia a Morte! Pois saíu há uns dois dias duma rua ignorada — rua Neves Piedade — o seu entêrro. Quatro gatos amigos, dois gatos pingados de obrigação, algumas pàzadas de terra e pronto. Maria Vitória, sucessora dinástica da Júlia Mendes, morreu. Não deixou nem

testamento nem sucessora. Que vai esçasseando muito êste género de criaturas, que atiram pela janela fora o seu dinheiro, a mocidade, a alegria e até os homens. Criaturas ao pé das quais ninguém é pobre e que são precisas, são necessárias, são indispensáveis. Onde elas estão está o esquecimento. Distraem, divertem, enchem a ceia, a sala, aquelas horas, que passam como elas passam afinal. Depois, a gente envelhece, esquece-se, elas esquecem. Os que as conheceram morrem. E amanhã nada resta.

A Maria Vitória era em tudo a Júlia Mendes. E esta ainda eu me lembro, quantos anos vão passados, de a ouvir na Feira de Alcântara, numa barraca, a cantar cançonetas idiotas e *couplets* diabólicos, de senso, de gramática e de recato. Depois veio para o teatro. Arranjou amantes conhecidos, daqueles amantes que são fiéis ao teatro e teem sempre uma amante na Companhia. O seu génio azougado não lhe permitia parar. Viva, muito viva, ela fêz tôdas as revistas, todos os *couplets*, todos os mexidos ditos saboreados do público. Era magra, angulosa, um pouco longa de face, pálida e triste. Mas, inconsciente, animava-se, as faces coloriam--se-lhe, o busto erguia-se e ela era a imagem da Estúrdia, como a sonharia um escultor tresnoitado,

fatigado e canalha. Esta Maria Vitória era um pouco menos adoidada no gesto, mas por isso mais intimidativa. Sabia mais da vida e era mais profunda, mais incisiva no frizar do seu faduncho, mais intencional, mais velhaca, no sentido amorudo da palavra.

O teatro foi buscá-las a ambas. Elas, como os jornalistas moços, que no dizer de Balzac, dão todo o seu génio nos primeiros artigos e depois são postos na rua pelos jornais, deram rápidamente tôda a sua alegria, tôda a sua doudejante vivacidade. Depois as emprêsas pedem-lhes sempre mais. Queridas do público elas são forçadas a representar, a cantar, a dançar. E nessa altura são um frangalho, uma coisa. O corpo foi de todos, conforme o momento e a conveniência. A alma não é já de ninguém, porque se sumiu. Ficou apenas e só, o espírito de luta e de conservação que as faz fazer tudo quanto se lhes exige, pobres bestas do público, que teem que o divertir, escondendo os lenços onde o pulmão se dilui em sangue, e onde a vida minuto a minuto desaparece.

Penso um pouco! ¿Quantas criaturas como estas entram no teatro e saem, e passam, e desaparecem? ¿Quantas criaturas destas os palcos teem despejado na Morte e a Morte avaramente tem feito esquecer?

São a Gente que passa, aquelas que não deixam nome, as que viveram, cantaram, morreram, com uma estrêla cadente, que sulcasse a limpidez do céu Ninguém as fixou, ninguém dez anos volvidos sab quem foram! Pobres estrêlas cadentes! Pobres dolo rosas tristes, que a vida triturou sem piedade!

A Maria Vitória! Foi para a Serra da Estrêla evadiu-se de lá pela monotonia da paisagem, da doença, da vida. Agonizou meses sem fim. Um bel dia, ante-ontem, parece, finou-se. Era viva, loquaz engraçada. E tinha uns olhos tão belos, tão negros tão profundos, coitadita!...

Uma vida

ONTEM, em Setúbal, um *clown* caíu da altura de dois metros, porque o arame que o suportava quebrou. Caíu e fracturou a coluna vertebral. Os jornais de hoje falam nisso, nesse pobre palhaço, que eu vi arquejante sôbre uma das macas de S. José.

Não, decididamente não vale a pena pensar a sério na vida. E quem seja fiandeiro de sonho, quem cogite e scisme refugirá com horror de tal caos. Ora tomemos o pobre mísero: Era espanhol, da província de Zamora. Vivendo um pouco da sua peregrinagem artística, hoje aqui, amanhã dez léguas além, êle com o seu camarada lá ia forrando o passadio. Viviam, pobres segadores de palmas, dos cobres e palmas que o consenso de sua mercê o

público por bem lhes outorgava. Vestindo os seus fatos mais matizados de brilhos e fulgores, tôdas as noites à compita, êle e o seu companheiro apostavam em qual faria rir mais o público. E degladiavam-se à facécia, desfechando a gargalhada, ensaiando o gesto, fazendo rir às escâncaras a multidão alvar. Saltimbancos, às vezes tristes, que importava?! A sua missão era fazer rir. Fazer rir era o seu ganha-pão...

Pois é verdade. Caíu ontem, e hoje chegou ao hospital. Aqui colocaram-no sôbre a marqueza. O médico veio. Êle arfava com um castanholeo especial, um farfalhar perroso. Era uma criatura musculosa, simpática e forte. O doutor disse que o voltassem, apalpou-o, perguntou, percutiu-lhe o ventre e encheu uma papeleta. A tudo respondia um homemzinho glabro de cara, transido de dor, outro palhaço de-certo, companheiro fiel ao que indicava a pôpa loira, a marrafa de cabelo característica, levantada, imponente, a contrastar com a expressão angustiada da criatura.

Depois, a maca e dois maqueiros, o corpo sem sensibilidade e o companheiro ao lado, espécie de cão fiel, que não abandona o dono.

E não? ¿Pois não eram êles irmãos? ¿Que

importa que os pais fôssem diferentes e outra a cavidade uterina? ¿Pois não ensaiaram juntos o mesmo esgar, não inventaram ambos o mesmo número, não era de mãos dadas que agradeciam as palmas indulgentes da platea? A angústia associara-os. A profissão fizera dêles gémeos. Se um adoecia o outro não ganhava. E o *baton,* o vermelhão, a farinha, o pó de arroz o mesmo era para os dois, como o mesmo era o boião da vaselina desencardidora do verniz da scena.

Companheiro na vida, um ao outro vela a agonia. E se scismar, se pensar, vela-se a si próprio, porque é a si que êle vê, longe da sua terra, sem eira nem beira, na cama carimbada e áspera do hospital, vítima, como o camarada, de idêntico ou parecido desastre, ao som da gargalhada que troveja, da multidão que ri, da música que farandola harmonias guizalhantes.

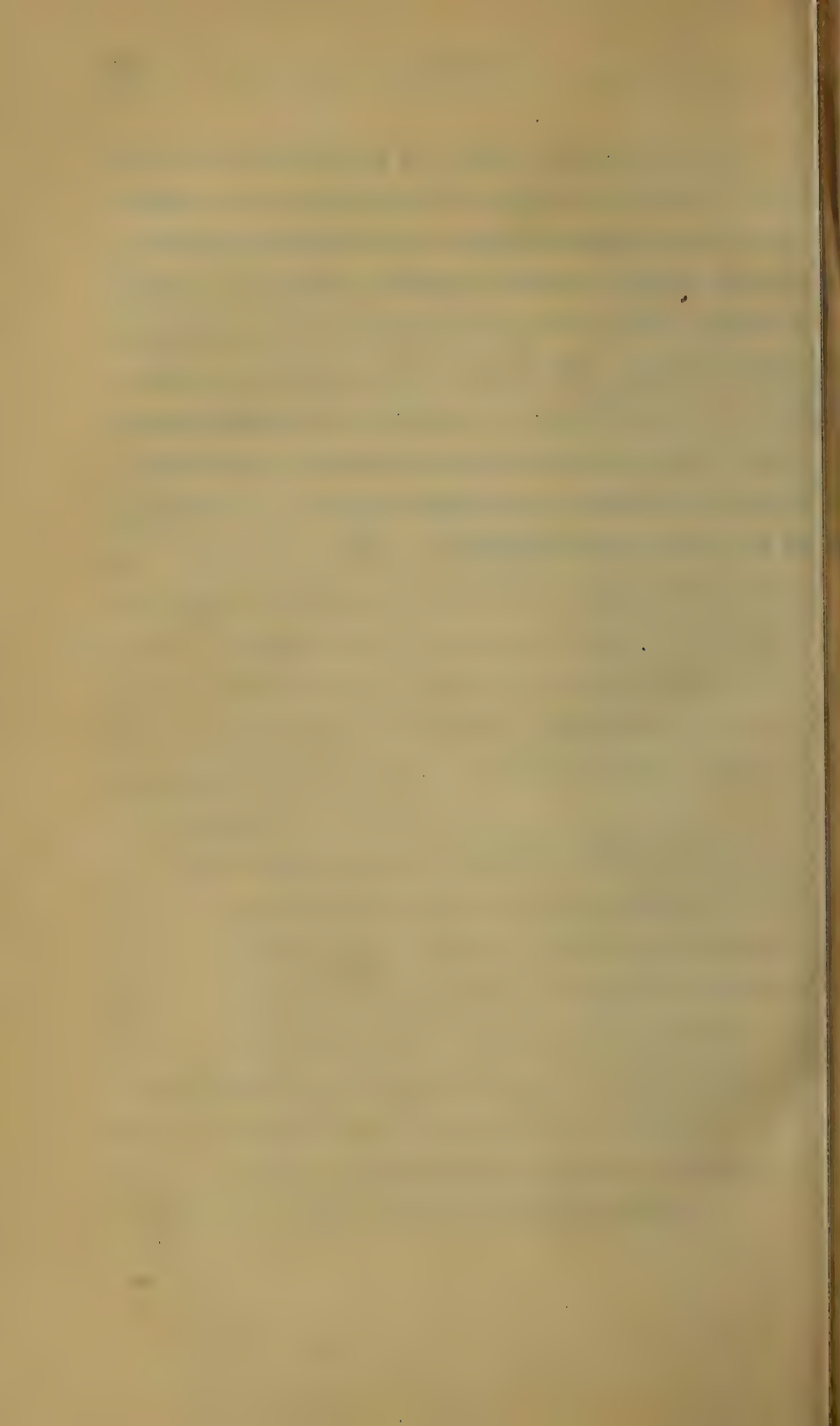
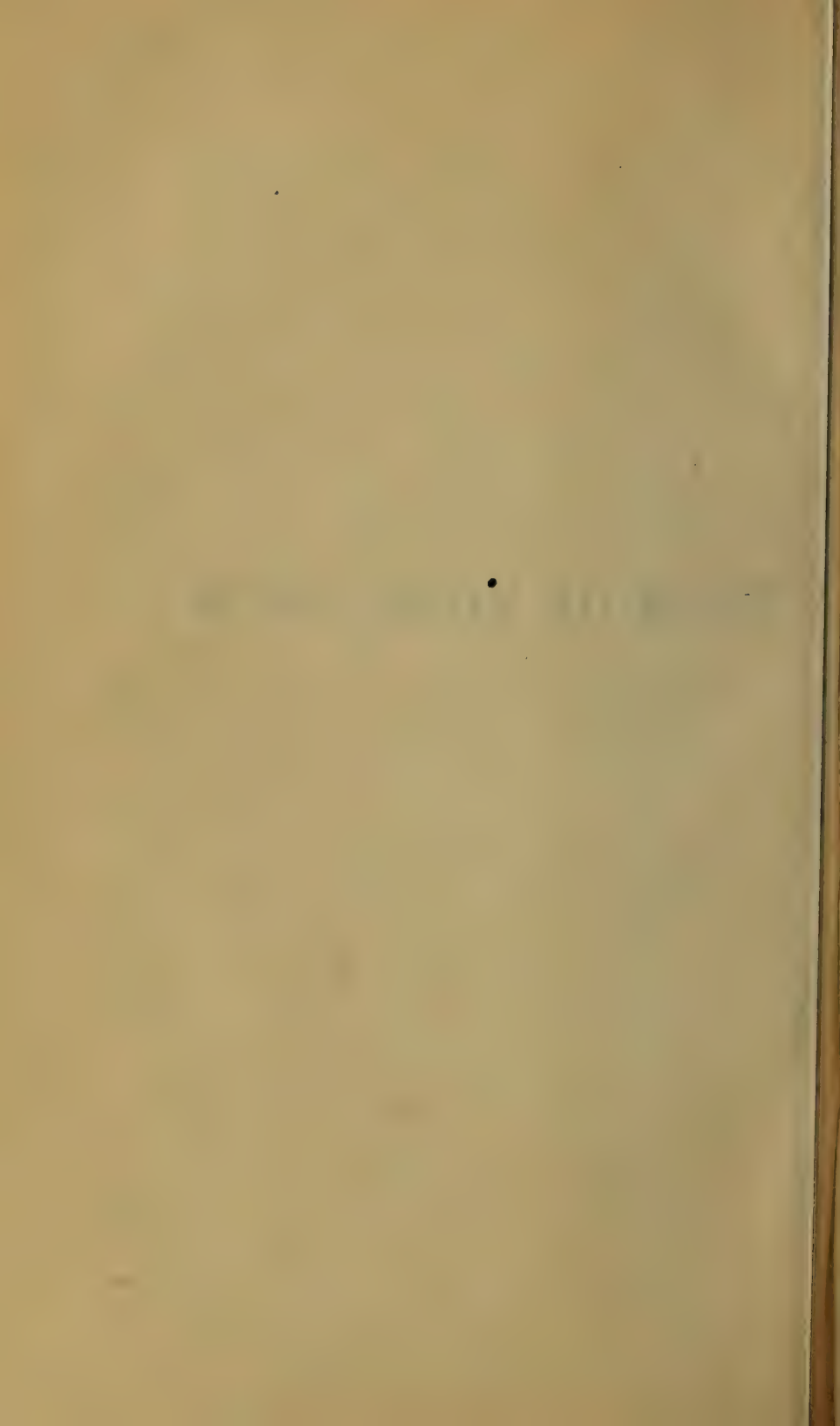
¿Não sentiu, não sente que morre? Pobre *clown,* desgraçado. Morreu vítima da sua profissão. Foi um desastre no trabalho. E pobre da mãe que pariu tal filho, pobre da mulher que a tal homem teve amor.

Tiraram-lhe o seu *traje de luces.* E ficou só a carcaça desenfarinhada e humana, com uma más-

cara de sofrimento, que pedia à piedade dos homens um tiro na cabeça, uma injecção fulminante, um traumatismo eléctrico, que lhe desse entrada no país estranho, onde a sua alma já mora e onde o seu corpo não tardará a entrar.

E mesmo sem scismar, que me digam os que não scismam: Vale acaso a pena? Não. Lutou, sofreu, chorou. Deu-lhe torturas infinitas a conquista, não do velo de oiro, mas do pão de cada dia. E estúpidamente, só porque o diabo mau que o perseguia se lembrou de morder o arame que a sustinha, a criatura cai, a música cessa, o riso pára, acorre gente e dali à morte é um ai. Pois lá está com ela sentada à cabeceira, esperando. Nada a apressa, nada a demove. Instalou-se. Não sai dali sem o seu fardo.

Pobre *clown*. Artista misérrimo. Das palmas que ouviu, o eco o vento o levou. Gargalhadas, já estão sérias as bôcas que as riram. E nada recorda o pobre sacerdote do riso, caïdo em pleno altar ante o culto dos fiéis. Morreu talvez a mãe, noiva não teve, amante só do acaso a logrou. E de terra em terra, hoje aqui, dez léguas além amanhã, êle só tem a chorá-lo as lágrimas piedosas e sentidas do seu amigo, do seu camarada, do seu irmão.

E se êste homem loiro, de grande cara conturbada e pôpa ao vento, se êste palhaço não trouxer na algibeira alguns francos, as necessárias pesetas, os réis ou os escudos urgentes, pobre do artista ignorado, a sua cama será amanhã a vala, e não se saberá poucos dias depois o sítio exacto da terra que o tragou. Fêz rir a multidão. A multidão esqueceu-o. E só o outro palhaço chorará o amigo perdido, êsse palhaço arquejante que eu vi estendido ali no banco do Hospital de S. José.

Silva de prosa vária

Das alcunhas

GORA, numa explosão de bombas lá para essa Alcântara operária, que se amesenda sob a surriba dos Prazeres, morreu um anarquista que tinha uma alcunha digna dum personagem de Dostoiewsky ou da *Resurreição,* de Tolstoi. Era fulano de tal, *O Scentelha.* Não se sabe bem quem êle fôsse nem o que quisesse. Sabe-se apenas que era um sócio de poucas falas, rijo, teimoso e contumaz no seu vício, o vício, afinal, de fabricar bombas. Vício que, como a morfina, a cocaïna, o ópio, o café, o charuto, só mata e destrói quem os usa e saboreia. Pois chamava-se *O Scentelha!* Que de inédito não diz esta alcunha! *O Scentelha!*

Não sei se repararam já como o português tem a gana de etiquetar por síntese cómica ou ridícula o parceiro. Em tudo e em todos o português alcu-

nha. Se formos à história, encontramos de *O Conquistador* ao qualquer coisa final. Percorramos a política e encontraremos a mesma fúria cognominativa. Hintze, pelo seu físico rígido, é o *Casaca de ferro;* José Luciano, é o *Bacoco;* Campos Henriques, é o *Lírio Pendente.* Se dos políticos descermos aos garotos dos jornais, encontraremos um *Morde no dedo,* um *Nariz arrebitado,* um *Cabeça de inteligente;* se formos aos gatunos, encontraremos um *Ladrão fino,* um *Trailheira;* se às gatunas de forasteiros, uma *Dente de oiro,* por ter um dente obturado a rico; uma *Varina,* por ter sido essa a sua primeira profissão. Nada escapa. O português onde pode critica. Crítica mordaz e por síntese: alcunha.

«A D. Maria Lara de Menezes, filha de João Paes o Velho de Menezes e Albuquerque e de sua espôsa D. Joana de Lara, segunda filha legítima do primeiro duque de Vila Real e irmã do primeiro duque de Caminha, mulher que foi de D. Duarte de Bragança, irmão de D. João IV, chamaram a *Peregrina,* por ser formosa em extremo e discreta e prendada em subido grau», diz Silvestre Ribeiro, no «Esbôço histórico de D. Duarte de Bragança». ¿O hebreu Francisco Gomes Henriques, mercador de sêdas por 1653, não era conhecido pelo *Forra*

gaitas? É Camilo quem o diz no seu *Cavar em ruínas.* ¿A Platão não chamaram *O Divino,* como mais tarde haviam de alcunhar Garrett? ¿E a Pedro Mendes de Loiola, não se lê em D. Francisco Manuel de Melo, que por ser desavergonhado chamassem o *Poeta Adão?*

¿Pois não foi Sotto Mayor o *Camões do Rocio?* ¿António José da Silva, *O Judeu?* ¿Loisson, o invasor francês, *O Maneta?* e ¿Lagarde, que Junot fêz intendente de polícia, *Monsieur Lagarto?* ¿Não foram D. Francisca de Melo *A Pimentinha* e D. Catarina de Castro *A Moleirinha?* ¿Pois não foi entre a gente do Cancioneiro de Rezende D. Beatriz de Vilhena alcunhada *A Perigosa?* ¿E D. Maria Paes não foi *A Ribeirinha,* talvez por ser pequenina e miudinha? ¿Violante Gomes, a mãe de D. António, Prior do Crato *A Pelicana?* ¿E a *Calcanhares,* a *Severa,* a *Cezária?* ¿D. Miguel, irmão do marquês de Fontes não teve aí por 1600 e tantos a alcunha de *Toucinho?* Pois tal rezam as *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna.*

¿A Sá de Miranda não chamaram *O Seneca Português?* ¿António Ribeiro não foi *O Chiado?* ¿Álvaro Gonçalves Coutinho *O Magriço?* ¿Luís XV não foi *O Rei Sol?* ¿Aquele D. Nuno Pires, que coseu a mãe

dentro da pele dum urso e lhe soltou os cães para que a matassem, não era conhecido pelo *Bragançāo?* ¿Um Heliodoro Jacinto de Araujo Carneiro que foi miguelísticamente visconde de Condeixa tendo em Coimbra, por onde era formado em medicina, publicado um folheto contra a vacina, não ficou conhecido pelo *Dr. Bexigas?* ¿E Joaquim Martins de Carvalho, por ter sido funileiro nos seus princípios, não ficou conhecido pelo *Dr. Latas?*

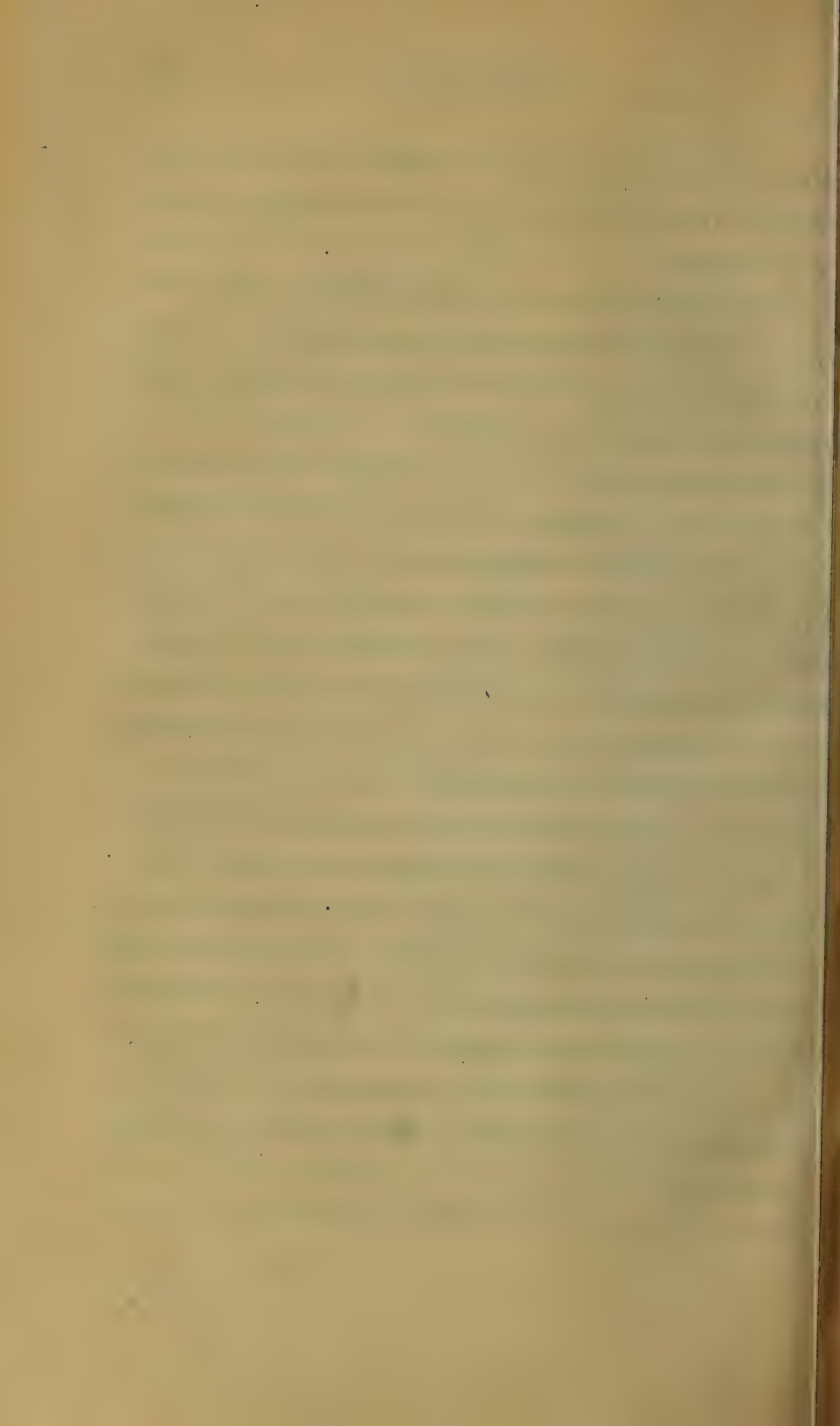
¿O pai de D. Mécia Lopes de Haro, mulher ou barregã de D. Sancho II não tinha a alcunha de *Cabeça Brava?* ¿Albuquerque não foi o *Tirribil* e não foi Castro *O Forte?* ¿No Brasil, Joaquim José Xavier não é o *Tira dentes?*

Abram o *In illo Tempore,* de Trindade Coelho, a pág. 9, lerão: «e como alcunha que se ponha em Coimbra pega como se fôsse visgo — desde o Camões, que era lá em Coimbra o *Trinca fortes,* até ao falecido Alves da Fonseca, chamado o *Chato José do Cão,* por andar sempre com um cão atraz dele e ter um nariz muito chato, ou ao outro a quem, por ter só *metade* do bigode, pegaram a chamar *gode,* e ainda a outro o *Sete falinhas,* por se desfazer em fífias quando falava, tudo são alcunhas».

Na república de João de Deus, em Coimbra,

havia uma criada velha e viúva. Pois como era muito viva e desembaraçada ficou logo — *Madame Electricidade.*

Lá porque uma vez um estudante tratava na aula de Direito Romano, na Universidade, o «autor do anti-diluviano compêndio» por *Sr. Waldek,* logo ficou conhecido pelo *Waldek.*

Se uma pessoa tem estrabismo é *Camões* ou *Olha contra o govêrno;* se arrasta a direita como os forçados é *Coxelas.* Nem os defeitos físicos escapam. A uma pequena que tinha um sinal preto na testa pôz um condiscípulo nosso a alcunha de *O Baguinho de Pimenta* e a uma professora que se desfazia em amabilidades aos alunos dos 15 anos para cima *A Manteiguinhas,* porque falava tão doce, tão doce... Emfim, isto de alcunhas é um nunca acabar. Podem correr-se livros, folhear-se datas, furar, subir, andar, lá haverá sempre a alcunha. Que importa o valor, que importa o trabalho. ¿Sabe o leitor quem foi o *Cócó* e quem foi o *Bazorra?* Pois foram dois homens públicos, que ambos lutaram e trabalharam. Não há que fugir. A alcunha... o português... São coisas inseparáveis. Senão é ver! Um prémio a quem nos desminta!

Tatuagens

tatuagem! Há alguns anos noticiava uma grande revista que M. Macdonald, tatuador com *atelier* em Londres, Jermin Street, estava fazendo um fortunão enchendo o corpo de todos os *gentlemen* e *ladies*, «lordes e lordas» do Reino Unido, com infinita variedade de letreiros e desenhos.

Soprava um vento de insânia. O Príncipe Alberto, filho do Príncipe de Gales, hoje rei, fêz tatuar uma âncora, dizem uns que, como bom marinheiro, em lembrança duma viagem de circunave-

---

Bibliográficamente a tatuagem não tem ainda, em Portugal, com que encher uma prateleira de estante. Se o leitor é curioso veja por exemplo o trabalho do Professor Álvaro Teixeira

gação; asseveram outros que como fiel amoroso em memória dos olhos lindos duma judia, filha dum tatuador de Jerusalem. Mestre Macdonald não tinha mãos a medir. Metia dinheiro na bôlsa, metendo a agulha e tinta na pele penugenta e rosada dos seus clientes da nobreza. A tal exagêro a moda chegou que uma americana excêntrica e sem bridão exigiu no corpo... o retrato de Shakespeare!...

Tatuou-se a rainha Olga, da Grécia, a Princeza Valdeman, da Dinamarca, o tzar Nicolau e o gran-duque Alexis.

Êste último é um museu. Tem nos braços, pernas, costas e peito, tatuados, lindos assuntos, — pois não!... E até dizem os papéis esta história comovedora: Que à Princeza Maria, filha do Duque de Chartres se lhe descobriu, num baile em Berlim uma coroa tatuada num braço; apaixonada pelo filho do rei da Dinamarca, o Príncipe Valdeman, marinheiro distinto, não teve dúvida alguma em disfarçar-se com a roupa da sua criada de quarto e procurar quem a tatuasse. Tomando o

---

Bastos, *A tatuagem nos criminosos.* (Estudo feito no Posto Antropométrico da Cadeia da Relação. Pôrto 1903, 182-4 pág.,

emblema daquele que amava, consagrava-se-lhe eternamente.

«Que lindo romance de amor!...»

Depois a moda decaïu. E se o gran-duque tinha pintura clássica no corpo, um malandro francês, para não lhe ficar atrás, mandou gravar nas costas, com inaudita precisão de pormenores, tôda a scena do assassinato do duque de Guise. Um assassinato que só lhe faltava falar.

E foi para quem daí em diante ficou a tatuagem: Marujos e soldados, rameiras e ladrões, penitenciários e deportados, tôda a fauna do crime, animais da grande ganaderia da prisão. É a tatuagem a sua marca, o fado a sua canção. Completam-se, o fado e a tatuagem.

* * *

A tatuagem não é nova. «Perde-se na noite dos tempos, a sua origem» como diria um erudito afectado.

XXXI estampas e mais 6 pág.). É o trabalho mais completo feito em Portugal. Pode ser também *Algumas palavras sôbre a tatua-*

Já nas sepulturas egípcias se encontraram o punções e a plombagina com que tatuavam.

Tácito diz que os árias, para parecerem mai ferozes «adoptavam a còração negra.» Os fenício marcavam na testa os sinais da divindade que ado ravam.

Nos guerreiros da Nova Zelândia, à semelhanç dos Trácios, a tatuagem indica nobre estirpe, cast superior. É uma espécie de desenho «para os raro apenas».

Há na história da tatuagem, costumes singulares. Os Pagas de Sumatra, por exemplo, fazem nc corpo o que os nossos taberneiros ignorantes fazem nas pipas. Marcam traços verticais. Uma diferenç apenas existe. Nos Pagas cada traço quere dizer um inimigo morto. No taberneiro meio litro fiado.

Havia os Assírios, Dácios e Sarmatas, que se cobriam todos de figuras, e os judeus que só tatuavam rosto e mãos; os Kafis que tinham uma linha azul ao longo da perna, espécie de lista militar, e as viúvas de Samoa, que apenas tatuavam a língua.

---

gem e o seu valor médico legal. (Dissertação da Escola Médica de Lisboa), 1908, 77-1-4 pág., 3 estampas, por Agostinho Felício Caeiro; *Estudos penitenciarios e criminaes*, por António d'Aze-

Havia de tudo. E até havia os tatuados à fôrça: os forçados russos que só deixaram de o ser de 1864 para cá.

Herodoto, referindo-se à tatuagem dos Trácios, diz que «uma pele marcada de picaduras testemunha origem nobre, e, a que o não é, nascimento humilde». Coisa pouco mais ou menos como aquela chinesice dos pés pequenos.

O historiador chinês Ma-Tien-Lin, que escrevia no século XII, narra a cerimónia completa da tatuagem que se executa na donzela por ocasião do seu casamento, na população de Hai Nan. Sómente nas classes nobres tem lugar tal cerimónia.

«No momento em que a criança atinge a idade núbil, os pais oferecem uma grande festa a todos os membros da família. As companheiras da jovem trazem agulhas e pincéis e traçam, em negro, sôbre o rosto, desenhos de flores, insectos e borboletas, executados primorosamente. Os desenhos são depois gravados por um artista, geralmente uma mulher velha, e as imagens traçadas por picadura desta-

---

vedo Castelo Branco. Lisboa 1888. (Capítulo XIV, *A tatuagem nos delinquentes*, de pág. 217 a 227); e *Os Reclusos*, de 1914, por R. Xavier da Silva. Lisboa MCMXVI, de pág. 89 a 120.

cam sôbre um fundo pontilhado. A cerimónia tem o nome Sieou-Mien».

Na Formosa, segundo Raoul, a mesma cerimónia precede o casamento; o rosto fica inteiramente coberto duma tatuagem muito apertada. O mesmo se observa nas mulheres Ainos, da ilha de Yeso.

Isto diz Lacassagne e Magitot citado pelo dr. Álvaro Teixeira Bastos no seu magnífico trabalho *A tatuagem nos criminosos*. Pois apesar daquela beleza de pintura, apostamos em como os leitores as achariam simplesmente horríveis.

Há coisas ratonas, como a daqueles «dois monges que haviam censurado o furor iconoclasta do imperador Teófilo». Mandou-lhes êste imprimir na testa onze versos jâmbicos. Dizem que Calígula e Filipe da Macedónia mandavam por vezes tatuar. Talvez. Mas de tôda essa antiguidade e de todos êsses modernos tatuados riais só uma criatura teve juízo. Foi Moisés, que no Levítico preceitua: não «fareis figuras algumas, ou ferretes, sôbre o vosso corpo». ¿Mas há por aí alguém que se lembre de Moisés?

Na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, Pôrto 1892, publicou o sr. A. A. Rocha Peixoto um excelente estudo *A tatuagem*

*
* *

A tatuagem é uma operação extremamente simples. Três agulhas amarradas, um pouco de fuligem, tinta da China, ou água com pó de carvão. Alguma paciência, corpo onde se espete e um pouco de insensibilidade. Começa por se desenhar a tinta o desenho, cobrindo-se depois com picadas. A côr pode ser negra, azul ou vermelha. Ao fim duns dias há uma inflamação da região marcada e então o nosso operado costuma untar com saliva ou lavar com urina. O primeiro desinfectante já tem dado lugar a casos extremamente graves.

«Um militar ainda virgem foi tatuado por um outro atacado de cancros na bôca; a tinta da China com que o operador se servia diluia-a numa concha com saliva; tanto bastou para em breve o operado apresentar todos os sintomas da doença e quási ser necessário amputar-lhe o braço. A transmissão da sífilis tem-se feito mesmo quando esta é já secundária e em virtude do tatuado, estando afe-

---

em Portugal; nos *Archivos de Anatomia,* que o professor Henrique de Vilhena dirige, Joaquim Fontes tem um estudo muito completo

ctado de placas mucosas, se servir na operação da própria saliva» [1].

Um enfermeiro do hospital de Ostende tatuou-se com tinta vermelha preparada com sulfureto de mercúrio. No dia seguinte acamava. A temperatura subira a 40°,5. E o médico chamado, breve lhe diagnosticou um dos mais graves casos de hidrargirismo. Dera motivo a isso o enfermeiro depois da operação lavar-se com uma solução de carbonato de soda e soda cáustica em presença da qual o sulfureto de mercúrio se transformara produzindo a intoxicação.

E não só estes casos apontados. Livros da especialidade registam casos graves de erisipela, fleimões, tuberculose, gangrena e por vezes amputação de membros ou a morte.

Para que a tatuagem desapareça, creem, bastará tatuar de novo «com agulhas molhadas em leite de figueira brava ou outro líquido cáustico»; dizem que não restará sinal algum, mas uma cicatriz

---

[1] Rocha Peixoto, *In Revista da Sociedade Carlos Ribeiro.*

sôbre o assunto. Há curiosas referências à tatuagem na *Alma*

esbranquiçada atestará para sempre que o indivíduo foi tatuado.

*
* *

Lacassagne encontrou tatuados de 6 anos, e está provado que o homem tem êsse vício em grau muito mais elevado do que a mulher. Mr. Alfredo Gouth, outro tatuador célebre de Londres, tatuou 15:000 homens ao passo que na sua carreira só 1:500 mulheres para tal o procuraram. E até o seu renome provém de ter desenhado em duas mulheres «dois quadros célebres, que o imortalizaram» — *Mise en Croix* e *Ecce Homo,* diz o sr. Aníbal Taborda, na *Revista Amarela.*

Geralmente tatuam iniciais dos nomes dos amantes, corações frèchados, cobras, âncoras, etc.

Rocha Peixoto cita o caso duma mulher que habitava a Ribeira (Pôrto) «à qual haviam desenhado a agulha, nas coxas e no ventre, enormes barcos à vela».

O mais comum são as cinco chagas, «cinco

---

encantadora das Ruas, de João do Rio e na *Historia do Fado,* de Pinto de Carvalho (Tinop).

Em Teófilo Braga encontro a seguinte passagem: «Não

pontos dispostos como as chagas do escudo nacional». Mas há os que tatuam o nome da mãe, o do companheiro do crime e o da preferida. Há a tatuagem indicativa da profissão; — violas e guitarras nos músicos ou faduncheiros; âncoras nos marinheiros; sabres nos militares; parafusos nos serralheiros; fios de prumo nos pedreiros. Ainda nos militares há os que gravam uma peça, se artilheiros; um cavalo, se cavaleiros; uma espingarda, se infantes. Há a tatuagem recordativa e amorosa. Coração com o nome amado no centro, mãos entrelaçadas, *Amor*, datas, etc.

Há ainda a religiosa, a de inscrições e fantasista. Cristos, Nossas Senhoras, o Senhor dos Passos, o signo de Salomão, bandeira, coroas riais, barretes frígios, ramos de flores, peixes, o sol, estrêlas, punhais, legendas abracadabrantes como essa

SATOR
AREPO
TENET
OPERA
ROTAS

---

me recordo de ter encontrado alusões à tatuagem na antiga literatura portuguesa, a não ser num opúsculo da literatura de

«a qual, como se vê, pode igualmente ser lida nas quatro direcções indicadas pelos traços». É, segundo várias opiniões, um remédio mágico contra a febre dos homens e dos animais e a sua antiguidade vai até à época romana, existindo ainda hoje em vários países da Europa e no Brasil».

Onde geralmente é mais vulgar fazer a operação é no ante-braço.

Mas há os que tatuam todo o corpo, os que tatuam só as pernas, o peito ou as costas. Há tatuagens que são verdadeiras obras de arte, como as dos esposos Burgh, que representavam *A Ceia,* de Leonardo Vinci e a *Tragédia do Calvário,* e como a daquele chefe índio que fêz tatuar uma águia de asas abertas, levando-lhe no bico o coração, pintura que lhe ocupava todo o peito.

Um gatuno vulgar tinha, enroscando-se desde o calcanhar direito até ao pulso esquerdo, com a expressão das serpentes de Lacoonte, uma enorme serpente.

Há de tudo nesse museu de vivos.

Uns por imitação, outros por não saberem que

---

cordel do século passado». Quanto ao estrangeiro Lacassagne tem excelentes estudos. Recordo-me também de outros de Des-

fazer, outros para recordar, quási todos os animais da prisão possuem a sua marca. Há também os que se entreteem. Rocha Peixoto, cita o facto, relatado por Queiroz Veloso, de ter observado numa clínica uma mulher tatuada pelo marido *nas horas vagas e por não ter que fazer.*

*
* *

Em Lisboa tatua-se. Tatua-se no Limoeiro, e tatua-se em várias ruas sórdidas onde de-certo o leitor não passa. Na rua do Capelão, na rua da Amendoeira, e naquelas ruelas que vão ao Conde Barão. Tatua-se, é claro, não profissionalmente. Tatua-se a pedido, como se deitam cartas ou se lê a palma da mão. É claro, quem quere pagar aceita-se e até no deitar as cartas é obrigatório, «para as não enguiçar».

Tatua-se no Limoeiro; António dos Santos, o *Marujo* e Carlos, o *Torto* deixaram sucessores. E das obras que fizeram trata o sr. Aníbal Taborda anteriormente citado. Tatua-se na Relação do Pôrto.

---

fosses, Hudin e Lombroso. No estudo do dr. Joaquim Fontes há largas notas bibliográficas.

O mestre desta foi Joaquim dos Santos Ferreira, o *Rositas,* e dele e dos seus desenhos trata o livro do dr. Álvaro Teixeira Bastos. Foi até êste criminal quem forneceu àquele escritor a tabela de preços, regulamentando assim o custo das várias marcas do animal humano.

É claro, os grandes *panneaux,* as pinturas capazes de terem entrado no Salon não eram para as agulhas de *Rositas.* Mas é daquela massa que êles se fazem — os grandes artistas... do género.

Mulher nua, corpo inteiro, com meias e botas — $^1/_2$ hora de trabalho, 160 réis.

Signo Saimão — 10 minutos, 50 réis.

Estrêla (evita prisões) — 15 minutos, 80 réis.

Punhal (valentia) — 15 minutos, 100 réis.

Cruz (contra o mau olhado e o diabo) — $^1/_2$ hora, 120 réis.

Âncora (livra prisões, traições e dá vitória) — $^1/_2$ hora, 140 réis.

Coração atravessado — 15 minutos, 80 réis.

Cadeia de chaves ou cadeado — 15 minutos, 80 réis.

Pomba (bons ganhos) — 20 minutos, 100 réis.

Como vêem *Rositas* era modesto na paga d
suas habilidades.

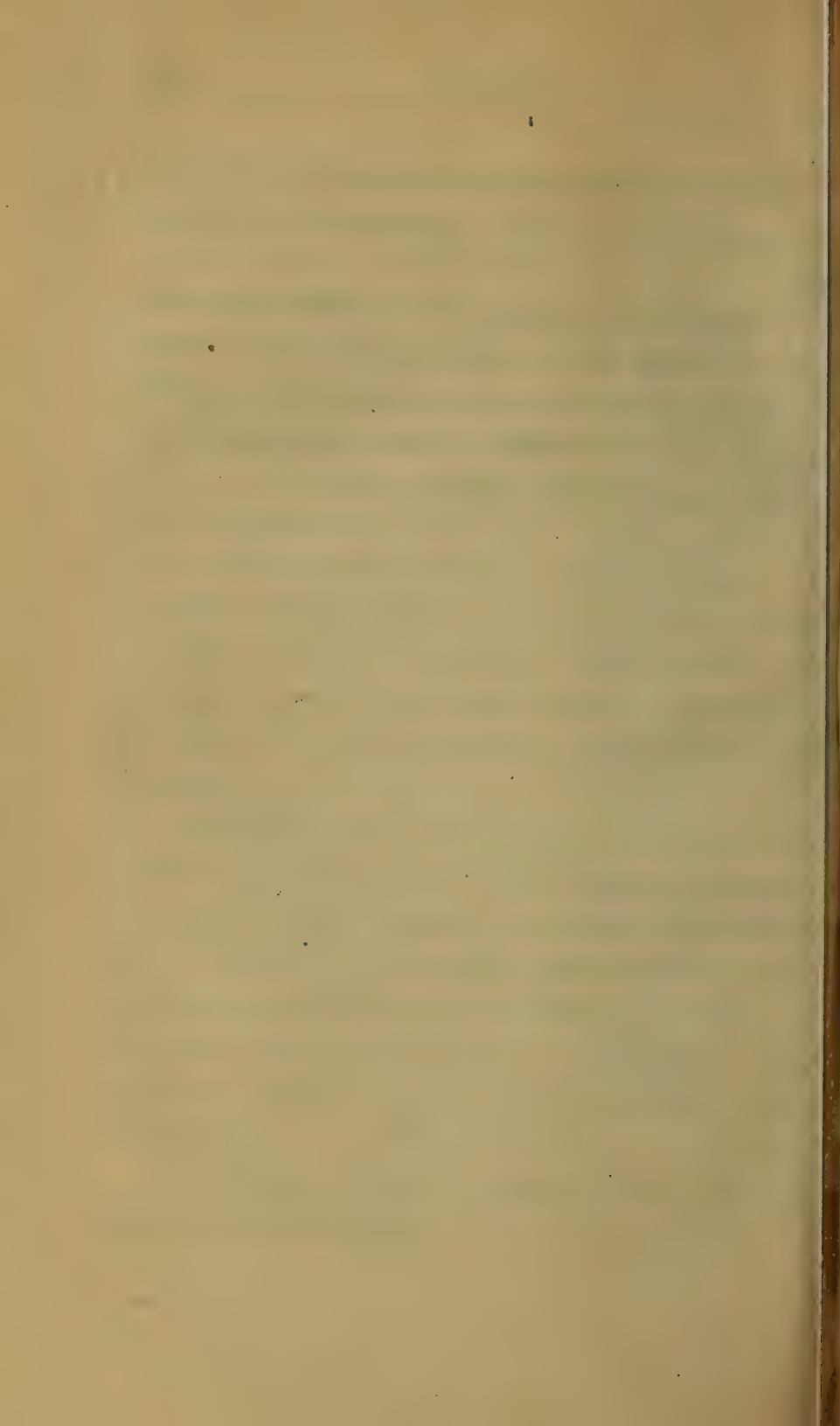
No Brasil a tatuagem está mais difundida q
entre nós. João do Rio, no seu interessante livr
A alma encantadora das ruas, conta a história du
tatuador, o Madruga, que mudava de tatuagen
à medida que variava de companheira. Teve a Van
dyra e gravou-lhe o nome dentro dum coraçã
Ela desagradou-lhe, deixou de lhe dar dinheiro
êle substituiu-a pela Josefa. Apagou Vandyra d
coração escreveu Josefa, que por seu turno cede
o lugar a Maria. Esta, a tôdas as que se seguiram
É vulgar o sinal das cinco chagas, e acredita-s
derrubar o adversário sovando-o, com a mão assin
marcada.

Há quem mande tatuar o nome da pessoa qu
odeia no calcanhar para trazer sempre a pesso
pizada, de rastos, roçando na poeira; marinheiro
que no tempo das chibatadas, gravavam nas costas
a cruz, para sôbre ela não baterem, e velhas servas de bordel, que na velhice apagam do corpo
tôdas as marcas «porque a terra não vê e Deus
não perdoa».

A tatuagem! Marca de carne na prisão, escrava
da dor, serva do crime.

Marca dos destinos inenarráveis, embrutecimento e bestialidade — o homem ignorante e o homem fera.

E lembra-se a passagem de Theophile Gauthier. «¿Será verdade que o mais bruto homem sente que o ornamento traça uma linha indelével de separação entre êle e o animal e quando não pode enfeitar as roupas recama a própria pele?»

AO
VICENTE REIS

A Cerâmica

QUEM é artista, ou sente intensamente, não pode ver, sem um estremecimento de júbilo, as maravilhas que o génio e a paciência do homem vão acumulando. E se é criatura que gosta de viver rodeado de coisas belas, móveis, tapetes, todo um passado evocativo ou todo um presente genial, há-de fatalmente deliciar-se e

---

Os franceses, homens amigos da vulgarização teem muitos e bons livros sôbre o assunto, desde o velho e apreciado Jacquemart, *Les merveilles de la Céramique* até ao moderníssimo Emile Bayard, que publicando *L'Art de Reconnaitre la Céramique*, onde ensina a apreciá-la, consagrava na sua *L'Art de Reconnaitre les fraudes* um capítulo onde ensina a conhecê-la.

Isto não é um estudo nem nós possuimos competência para

embevecer-se ante um dêsses produtos da cerâmica, a mais antiga das artes, ou pelo menos uma das mais antigas, que constituem recreio aprazível para os olhos e motivo de agradável divagação para o espírito. A cerâmica! E na minha retina deslumbrada passam velhas ânforas etruscas, todos os jarrões e tôdas as fragilidades de museu. Argila que outra argila anima e insufla de beleza. Tudo é pó e em pó se há-de tornar. E olho e vejo do pobre oleiro egípcio traçando flores de lótus no barro vermelho do tempo dos Ptolomeus e Faraós ao chinês paciente fazendo os seus monstruosos budas e os seus deuses da chuva e do bom tempo em *biscuits* preciosos; fundando na louça a

---

falar de cerâmica. Mas se o leitor gosta consulte um velho e raro livro de Champfleury, *Bibliographie céramique. Nomenclature analytique de toutes les publications faites en Europe et en Orient sur les arts et l'industries céramiques depuis le XVI siècle jusqu'à nos jours*. Paris, 1881.

Curiosa, a minha pequena livraria de particular que se interessa, possui também ainda, além dos indicados acima e dos marcados com asterisco na secção portuguesa:

AUSCHER. *Comment reconnaître les porcelaines et les faïences;* CATALOGUE *of the Furniture, Marbles, etc., in the Wallace Collection;* THÉODORE DECK. *La Faïence;* PAUL EUDEL. *Le Truquage;*

família rosa e a família verde e animando os seus *potiches* de juncais e cabanas, nuvens e animais fabulosos, dragos miríficos e serpentes aterradoras.

Vejo o japonês paciente traçar nas suas jarras, onde o oiro e a laca se combinam, aves pescoçaltas e decorações que *Madame Chrisanthème* banalizou. Vejo a multicromada faiança hispano-árabe, os mosáicos alhambrescos, os peixes e as cabeças bárbaras e rudes do início da cerâmica americana.

Depois veem as maravilhas das maravilhas. E é Lucca della Robbia, Urbino, Bernardo Palissi, o génio. E vejo então todo o Sèvres, Rouen, Nevers, Strasbourg, tôdas as oficinas, tôdas as preciosidades. Um Delft de entontecer pousa ao lado dum azulejo

---

E. Guignet et Edouard Garnier. *La Céramique ancienne et moderne;* Georges Papillon. *Guide illustré du Musée Céramique (Sèvres)* e *Guide pour les nouvelles salles;* Ris-Paquot. *Le Peintre céramiste amateur ou l'art d'imiter les Faïences anciennes;* L. Rogér--Milés. *Comment discerner les styles du VIII^e au XIX^e siecle;* F. de Mély. *La Céramique italienne;* Lucien Decombe. *Les anciennes Faïenceries Rennaises.*

A bibliografia da cerâmica em Portugal tem, que nós conheçamos:

— *Chaves (Luís)* — Os barristas de Extremoz. (Séculos XVIII-XX). Imagens e «bonecos». Separata da revista alemtejana *Terra Nova,* n.º 1. Maio de 1916. Lisboa 1916. 8.º gr. 13 pág.

luxuoso de Talavera de la Reina; um Saxe, encan-
tador de frágil, sita ao lado duma deliciosa peça
do melhor que Lille produziu. E é tôda a faiança
com todos os seus primores. Tôdas as gamas do
maravilhoso que em Cluny, em Sèvres, no Louvre
na colecção Wallace, de Londres poisaram meus
olhos sequiosos. A cerâmica! Bemdito o génio do
homem que sabe dar alma e vida e sentimento à
fragilidade quebradiça, à poeira vil de que é feito...

*
* *

Mas, se Sèvres estadeia as suas maravilhas, nós
temos bem na cerâmica nacional com que fazer um

— *Id.* — Arte Popular do Alemtejo. Os «Ganchos de Meia» de barro de Extremoz. (Século XX). Com 3 ilustrações de Saavedra Machado. (Separata da *Águia*). 8 pág. *
— *Id.* — Mealheiros. Com ilustrações de Saavedra Machado. Separata do n.º 22 da *Atlântida*. 11-1 pág. *
— *Correia (Virgílio)* — Azulejos datados. 1.ª Serie. I. Nac. 1916. 8.º 51 pág. Separata do *Archeologo Portuguez;* 2.ª edição. Lisboa 1922. 87-3 pág. *
— *Exposição Olissiponense.* Edifício histórico do Carmo. Catálogo. Lisboa MCMXIV. 8.º 261-II pág. *
— Faiança artística das Caldas da Rainha. Modelos de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro. 1909. Pôrto, 32 pág. (Possuo

delicioso museu. Em Lisboa nem o govêrno nem o município curam de coisa semelhante, porque lhes não deixa tempo a vã politiquice. Mais feliz o Pôrto com as suas câmaras possui um museu municipal e nêle se pode ver a colecção que foi de A. Moreira Cabral e o sr. Joaquim de Vasconcelos catalogou.

Temos na nossa cerâmica desde a bilha airosa e elegante, neta garrida da ânfora romana e do púcaro chiante de barro de Extremoz até à jarra Beethoven que Bordalo Pinheiro imortalizou. E são as talhas onde em volta dum cupido há a legenda *Não quero nada do amor,* até aos pratos onde as armas do reino aparecem a azul e côr de vinho. E são os pratos aranhões onde há monstruosa zoo-

---

êste e mais o de 1911-30-2 pág. e o de 1913-II-1 pág. 5.ª exposição). *

— *Ferreira da Silva (José)* — Arte de louceiro ou tratado sobre o modo de fazer as louças de barro mais grossas, traduzido do francez. Lisboa 1804. 202-II pág. 3 est.

— *Id.* — Arte de porcelana, ou tractado de fazer a porcelana, por M., conde de Milly. Traduzido do francez. Lisboa MDCCCVI. 8.º 266 pág. 4 est.

— *Figueiredo da Guerra (L.)* — Catalogo descriptivo da exposição de arte ornamental do districto de Vianna.

Indicador na Exposição de Ceramica Nacional

logia, as travessinhas fradescas onde há corações atravessados com setas, os solitários azul barocco com as insígnias majestáticas. ¿E as terrinas do Rato, as pias de água benta da Bica do Sapato ou do Pé de Ferro, os aqüários, as garrafas, os galheteiros povoados de flores, os desenhos do Cifka, o vidrado de Costa Mota, as imitações da Torrinha?

¿E as floreiras das Devezas, a policromia de Viana do Castelo, as mil deliciosas bagatelas das Caldas da Rainha?

Temos, não há dúvida, um grande passado em tudo. Em 1814, segundo refere José Acúrcio das Neves, já a fábrica de louça da T. do Pé de Ferro fornecia a América.

Antiga de Vianna do Castello no Palacio da Escola Industrial. Agosto de 1915. (1915). *

— *Freire Temudo (Fortunato Augusto)* — Estudo sobre o estado actual da industria ceramica na 2.ª circumscripção dos serviços technicos da industria. Lisboa 1905. 8.º 168 pág. 7 est. (Aveiro, Castello Branco, Coimbra, Guarda, Vizeu). *

— *Keil (Luiz)* — Faianças e tapeçarias. Dissertação de concurso ao logar de Conservador do Museu Nacional de Arte Antiga. Elvas 1919. 42-6 pág. (Tiragem de 100 ex.). *

— *Leite de Vasconcellos (J.)* — Olaria luso-romana em S. Bartholomeu de Castro Marim. (Extrahido do *Archeologo Portuguez)*. Lisboa 1898. 8.º

— *Lepierre (Charles)* — Estudo chimico e technologico sobre a

E os nossos azulejos? ¿Pois não os temos tão belos que nem os de Delft se lhe avantajam? ¿Tão bons que os eruditos da especialidade ficam perplexos olhando-os sem os saber absolutamente identificar? ¿Pois não estão as casas senhoriais dêste país, o Palácio da Bacalhoa e do Correio Mor, S. Vicente, a Capela de S. Roque, o Hospital de S. José, cheias de azulejos preciosos?

Vê-se, pois, que isto é uma terra abençoada. A gente é que não é grande coisa. ¿Onde está o museu oficial da nossa cerâmica, da nossa indumentária, do nosso mobiliário?

---

ceramica portugueza moderna, por.... Trabalho efectuado no Laboratorio chimico da Escola Industrial «Brotero», em Coimbra. Lisboa 1899. 8.º 241-1 pág. e 1 estampa desdobrável *; 2.ª ed., annotada. Lisboa 1912. 205-1 pág. 1 estampa. (É o n.º 78 do Boletim do Trabalho Industrial). *

Critica de Rocha Peixoto, na *Portugalia*, I, 430.

— *Marques Gomes (J. A.)* — A Vista Alegre. Apontamentos para a sua historia. Porto 1883. 45 pág. *

— *Michaëlis de Vasconcellos (Carolina)* — Algumas palavras a respeito de Pucaros de Portugal. Coimbra 1921. 90-2 pág. *

— *Neves e Mello (Adelino Antonio das)* — Apontamentos para a historia da Ceramica em Coimbra. Coimbra 1886. 8.º 50 pág.

* * *

O nosso amor pela cerâmica levou-nos a visitar uma grande fábrica e foi a de Sacavém a escolhida. Nenhuma melhor do que essa reüne a arte e a indústria, visto das suas oficinas sair ao mesmo tempo a louça comum e a peça delicada em que Jorge Colaço pôz mão. Foi fundada em 1856 por Manuel Joaquim Afonso, na quinta do Aranha. Em 1863 passou a uma sociedade, sendo reorganizada em 1872. Em tempos dirigiu-a o barão Howorth de Sacavém, dirigindo-a depois o seu proprietário sr. James Gilman que no dizer do sr. Lepierre «fêz progredir duma maneira notá-

---

— *Oliveira (Luiz Augusto de)* — As extinctas fabricas ceramicas fundadas em Coimbra e Gaia pelo professor Vandelli. Lisboa 1918.

— *Id.* — Colecções de Arte de Vianna do Castello. A extincta fabrica ceramica de Vianna. Separata do n.º 1, 3.ª Serie dos Annaes da Academia de Estudos Livres. 1915. Lisboa, 34 pág., 1 appenso de Erratas. 7 est. (Publicado primitivamente nos Annaes da Academia de Estudos Livres. Serie 3.ª, n.º 1, 1915). *

— *Id.* — Exposição de Arte Ornamental de Vianna do Castello.

— *Id.* — Exposição retrospectiva de ceramica nacional em Vianna

vel o estabelecimento à frente do qual está colocado». Em 1888 contava no seu pessoal 115 homens, 30 mulheres e 55 aprendizes, devendo hoje ter uma população cinco vezes mais numerosa. Concorreu às Exp. Ind. Portuguesas de 1865 e 1888; à de Cerâmica do Pôrto de 1883; Industrial do Pôrto de 1897 e às Universais de Paris e Viena de Áustria de 1878 e 1889, tendo em tôdas obtido recompensas. Tais são as rápidas notas que sôbre a Fábrica de Louça de Sacavém nos fornece o Catálogo da Exposição de 1888 donde o sr. Lepierre as extraíu para o seu estudo. Mas encerrando as suas notas o erudito autor do *Estudo químico e tecnológico sôbre a cerâmica portuguesa moderna* diz que «a fábrica de Sacavém, está em sensível progresso, o que

---

do Castello no anno de 1915. Breves estudos. Porto 1920. XI-1-201-3 pág. *
— *Id.* — A origem da Faiança Portugueza e as theorias do snr. Dr. J. Martins Teixeira de Carvalho. Estudo de critica. Porto 1922. 25-3 pág. *
— *Id.* — Subsidios para a historia da Ceramica Portugueza. Considerações sobre a escola de azulejos dos noviços no Convento de Freiras de S. Thiago de Palmella. Porto 1916. 8.º 20 pág. 3 est.
— *Ortigão (Ramalho)* — A fabrica de Caldas da Rainha. Porto 1891.

demonstra a direcção esclarecida e prática do seu actual gerente». Foi isto em 1899, já lá vão 18 anos. Nós diremos hoje neste ano da graça do senhor de 1917, que a fábrica de Sacavém honra sobremaneira não só a gerência, como a indústria nacional, tão boa ou melhor que a estrangeira.

* * *

Quem, tomando bilhete para a estação de Sacavém, ali se apear, tem, andados uns metros para o sul, uma porta da fábrica onde estaciona um vagão à carga e um vasto depósito de lenha que só espera ocasião de ser transportada a alimentar a bôca

---

— *Pessanha (Camillo)* — Catalogo da collecção de arte chineza offerecida ao Museu de Arte Nacional. Macau 1915. 4 pág. *

— *Pessanha (D. José)* — A Fabrica de Louça do Rato. Documento para a sua historia, publicado e annotado por.... Lisboa 1898. 19 pág.

— *Prostes (Pedro)* — Industria ceramica. Lisboa. (Biblioteca de Instrucção Profissional) s/d. 8.º IV-XXIII-134-11 pág. (1907). Tem um largo prefácio de Joaquim de Vasconcellos «A Ceramica Portugueza e a sua applicação decorativa». *

— *Queiroz (José)* — Arte na escola. Ceramica. Edição da Sociedade de Estudos Pedagogicos. Lisboa MCMXVI. 8.º 18-1 pág. (Tiragem de 250 ex.). *

rubra dos fornos. Deixada essa porta para trás começa a gente a nossa peregrinação através da fábrica, antiga e vasta, ressentindo-se da sua antiguidade no irregular de suas construções, feitas ao sabor das necessidades do fabrico e do seu sempre crescente desenvolvimento. Parece estarmos dentro duma cidadela, que a gente ladeia um caminho estreito, sobe escadas de ferro, atravessa pontes de madeira, passa sob túneis e por tôda a parte vê formigando a multidão silenciosa do vasto exército que a ocupa. Mas ali não se acaçalam armas, não se escorvam canos, não se brunem espadas. Aquele exército não pensa em matar. Ao contrário. De suas mãos sai a vida, visto cada soldado ser um pequeno

---

— *Id.* — Azulejos de S. Vicente de Fora. (Lisboa 1913). 8.º 8 pág. *

— *Id.* — Ceramica portugueza. (A ceramica em Portugal. Esboceto historico. As fabricas. Azulejos. Esculptura em barro. Tijolo. Diccionario de marcas. Diccionario de ceramistas profissionaes e amadores). Lisboa 1907. VIII-449-VII pág. (Tiraram-se 50 ex. em velino). *

— *Id.* — Olarias de Monte Sinay. Illustrações de Alberto de Sousa. Lisboa 1913. 8.º I-119-III pág. (Tiraram-se 25 em satiné). *

— *Id.* — Museu archeologico do Carmo. Catalogo. Secção de Ceramica. 8 pág. *

deus que toma o barro informe e rude e nos dá, momentos volvidos, uma pequena maravilha animada, frágil, còquete, necessária.

É o nosso velho camarada e empregado superior da fábrica, sr. Vicente Reis quem nos guia. E digo quem nos guia porque somos uma pequena caravana de três que se propõem calcurrear tôdas as oficinas, todos os grandes depósitos, todos os vastos armazéns. Lá vamos pois, subindo aqui, descendo acolá, andando sempre e por tôda a parte, horas e horas topando com louça, louça, louça sempre, louça, louça e continua.

Estamos agora na oficina litográfica onde uma *Marinoni* roda o seu fadário de imprimir as fôlhas

---

— *Rasteiro (Joaquim)* — Inicios da Renascença em Portugal. Quinta e Palacio da Bacalhoa em Azeitão. Monografia historico-artistica. Lisboa 1895. 2 vols. 97 pág. e LIV estampas. *

— *Rocha Peixoto (A. A. da)* — Etnographia portugueza. As Olarias de Prado. Com 94 illustrações no texto, desenhos de D. Aurelia e D. Sofia de Sousa. Porto 1900. 46-II pág.

— *Id.* — Etnographia portugueza. Uma iconographia popular em Azulejo. Com 10 illustrações no texto. Porto 1901. 8 pág.

— *Id.* — Etnographia portugueza. Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal (com 5 illustrações no texto). Porto 1905. 7 pág. (Separata da *Portugalia*).

— *Id.* — Uma ornamentação ceramica actual de caracter archaico.

da estampagem, flores, cercaduras, arabescos, retratos, costumes portugueses. Foi talvez desta oficina que saíu aquele cavaleiro que a azul ocupou o fundo de todos os pratos do reino e tornou célebre e invejável, acreditando-a, a louça cavalinho. Pois ao lado da *Marinoni* há prelos manuais para dar o pó e máquinas espanadoras para o limpar. E correias e volantes vão e veem, moirejando sempre, emquanto ao fundo, impassíveis e pacientes, operários sôbre a pedra gravam e desenham.

Deixamos esta oficina e vamos a outra cheia de maquinismos, onde cilindros como enormes pipas, ocupam quási todo o espaço. Do outro lado maquinismos resfolgam, a grande serpente dos volantes

---

Com 1 ill. no texto. Porto 1906. 3 pág. (Separata da *Portugalia).*

— *Simões (Augusto Filippe)* — A Exposição retrospectiva de Arte Ornamental Portugueza e Hespanhola em Lisboa. Cartas ao redactor do «Correio da Noite». Com uma carta do snr. Fernando Palha ao auctor, acerca da collecção de ceramica. Lisboa 1882. IV-209-I pág.

— *Teixeira de Carvalho (Dr. J. M.)* — A Ceramica Coimbrã no seculo XVI. Coimbra MCMXXI. 247-I pág. *

— *Vasconcellos (Joaquim de)* — Exposição de ceramica. Documentos coordenados. (Com uma serie de marcas ineditas). Porto. Sociedade de Instrucção. 1883. 11-95-II pág.

rola e contorce-se, pistons silvam, êmbolos vão e veem e uma serra mecánica abre sempre o seu sulco, rasgando, triturando, avançando soturnamente. Cremalheiras regulam o movimento, as tubagens trepidam, fumegam, e lá dentro, noutra pequena casa, grandes tanques deixam ver barro em calda, água leitosa ou negra que caminha, entra, sai e parte, para ser ao fim duma dúzia de operações a deliciosa chávena azul e ouro que num *tête-à-tête* delicioso há-de conter a preciosa infusão onde pousarão os lábios polpudos de alguma deliciosa mulher.

Vamos depois ver as prensas e os enxugadores, monstruosos harmónios suspensos, à espera dos braços do gigante que hão-de tirar dêles os acor-

---

— *Id.* — Historia da Arte em Portugal. Ceramica Portugueza. Serie II. Estudos e documentos ineditos. Porto MDCCCLXXXIV. VII-112-III pág. (Tiragem de 50 ex.).

— *Id.* — A Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha. Porto 1891-II-16 pág.

— *Id.* — Museu Municipal do Porto. Catalogo da Ceramica Portugueza. (Antiga collecção A. M. Cabral), ret. M. Cabral. MCMIX-8.º de XIII-III-212-4 pág., 9 estampas. *

— *Velloso Xavier (Antonio)* — Arte de louça vidrada. Lisboa DCCCV. 161 pág. 10 grav.

des e as harmonias infinitas do seu estro. Pisa-se uma greda viscosa e as figuras são típicas, robustos homens que vigiam atentos, aprendizes que à formiga vão, veem, e em bicha cumprem o mandado com a regularidade dum especialíssimo maquinismo. E vamos à oficina onde se vidra, onde se imprime, onde se forma, onde se afaga, onde se pega, onde se completa, onde se enxuga, onde se escolhe. Vamos onde se doura, onde se pinta, onde se esbate, onde se encaixota para o caminho de ferro, onde se embala para os paquêtes, onde se molda. Percorremos dos grandes depósitos onde só há milhares, milhões de chávenas, a outros onde se empilham apenas pratos, onde se guardam as jarras, as bacias, as canecas, os pires, as travessas,

---

Estudos dispersos e referências, algumas importantes, ainda o leitor topa:

Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1789. Tômo I; *Variedades sobre objectos relativos ás Artes, etc.*, por José Accurcio das Neves. Lisboa 1814 *; *Notas sobre Portugal*, vol. II, Lisboa 1908, (artigo *Arte decorativa portugueza*, por Joaquim de Vasconcellos) *; *Etnographia Artistica*, por Virgilio Correia Porto (artigos diversos sôbre Cerâmica) *; *O Minho Pittoresco*, por José Augusto Vieira (referências à Louça do Minho) *.

os solitários; onde dormem as graciosas caricaturas do Dr. Bernardino Machado e onde há carrancas de cosinheiro; onde há bengaleiros e onde há escarradores, onde há vasos de noite e onde há louça sanitária.

Que talvez o leitor não saiba: a fábrica de louça de Sacavém, que exporta milhões de chávenas e de pratos cada ano para o Brasil, para as Canárias, para Marrocos, para a África e para a província, leva a Espanha louça sanitária óptima, branco polido impecável que torna os quartos de banho estâncias de verdadeiro prazer. E se o leitor quere a prova dê-se ao trabalho de ir ao depósito da rua da Prata, ver um dos admiráveis lavatórios ou dos seus magníficos autoclismos.

E é correndo os grandes armazéns, intérminos

Relatorio sobre a Exposição Universal de Paris, por Julio Maximo de Oliveira Pimentel. Lisboa 1857. Artes Chimicas; *A Exposição Industrial do Porto em 1861*, por A. Luciano, Porto 1861; *Relatorio sobre a Exposição Universal de Londres de 1862.* Lisboa 1864. Por A. C. das Neves Cabral; *Catalogo illustrado da Exposição retrospectiva de Arte Ornamental Portugueza e Hespanhola.* Lisboa 1882 *; *Relatorio acerca da Exposição Industrial de Guimarães,* por Gustavo Adolfo Gonçalves de Sousa. Lisboa 1884; *Catalogo da Exposição Nacional das Industrias fabris.* Vol. I. Lisboa 1888; *A Exposição Industrial de Belem em 1893,* por A. E.

depósitos, que Reis me leva ao *atelier* de Jorge Colaço. O artista está absorvido na pintura de enormes *panneaux* de azulejo onde há escaramuças, onde há paizagens, caçadas, lutas, deliciosas coisas. E jarrões pintados já, são maravilhas de cerâmica, mostrando que da fábrica Gilman não sai apenas a arte industrial, mercenária e contumaz. Sai também a preciosidade vaporosa e rendilhada se mister fôr, e uma jarra enorme onde há sátiros risonhos e pâmpanos e flores é uma coisa deliciosa. Uma pequena jarra onde Colaço pôz o talento e o pincel é uma obra prima e nos poucos momentos que ali nos demoramos, a bizarria fidalga do artista faz passar ante os nossos olhos deslumbrados os projectos de grandes decorações.

Despedimo-nos e vamos aos fornos, muitos e

---

de F. Cavalleiro e Sousa. Lisboa 1894; *Relatorio, proposta de lei e documentos*, por Frederico Ressano Garcia. Lisboa 1897; *Catalogo official da Secção Portugueza*. (Exposição N. do R. de Janeiro em 1908) *; *Catalogo da E. de Ceramica*, promovida pelo Instituto Portuense de Estudos e Conferencias, efectuada no Palacio de Cristal a 19 de Março de 1901. Porto 1901.

*Vente d'Objects d'Art. Collections « Comte de Ameal ». Catalogue descriptif. Juillet 1921 *; Catalogue. Collection J. Arroyo, 1905.* *

imensos, onde lá dentro crepita uma chama dum rubro puríssimo, claro, maravilhoso. Vamos ver as grandes muflas, a máquina geradora 300 H. P., de enorme dorso, resfolegando, fazendo girar o seu tirante desmesurado, os depósitos de *biscoito,* louça para vidrar, a oficina de moldes, até que topamos cá fora os amassadores, duas rodas que aos bordos, como automóvel em estrada cheia de covas, trituram, moem, pisam grandes bocados de caco, louça que deu a alma ao criador.

Numa ala ao fundo dum depósito funciona uma aula onde um empregado da fábrica o sr. Luís Baptista ensina rudimentos de escrita, de leitura e de contas a umas dúzias de operárias que seguem interessadas as explicações do professor. Saïmos e vamos ver os enormes depósitos de azulejos, a farmácia, o moinho, a casa da banda, onde em

---

Veja ainda: Na *Revista illustrada da Exposição de Coimbra,* 1884, pág. 18, o estudo de A. A. Gonçalves, *A Ceramica na Exposição districtal de Coimbra;* em *The Academy,* n.º 877, de 23 de Fevereiro de 1889 e *Fortnightly Review,* de Janeiro de 1888, *Portuguese Delft,* por Oswald Crawfurd; na *Portugalia,* no *Archeologo Portuguez* e na *Terra Portugueza* há vários estudos. * Também na *Aguia* se podem ler: no n.º 71 *A familia Oliveira Bernardes (vida e obras dos azulejadores lisbonenses Antonio e Policarpo de Oliveira Bernardes),* nos n.ºs 77 e 78 *Azulejadores e pintores de Azu-*

azulejo um grande painel assinado J. Carruthes Wilkinson, um antigo pintor da fábrica, mostra façanhas do exército anglo-português.

A grande chaminé ergue para o céu a sua edificação vermelha, ao lonje o Tejo deslisa sereno. E quando atravessado o museu da fábrica a gente contempla os seus produtos, um grande respeito por aquele labor nos avassala. Há ali maravilhas, potiches lindíssimos, coisas capazes de deliciarem um artista, serviços, louças, coisas capazes de entontecerem uma dona de casa. Pequenas e frágeis obras primas, enormes e sólidas peças de linda faiança.

Estamos outra vez de volta à estação do caminho de ferro que nos há-de trazer a Lisboa. Na fábrica estão agora só os guardas e o pessoal indispensável. O resto da sua população, mais de

---

lejos de Lisboa (Olarias de Santa Catarina e Santos) (sobre Gabriel del Barco, pintor Francisco Ferreira de Araujo e azulejador Manuel Borjes, ambos por Virgilio Correia). Na *Portugalia*, além dos de Rocha Peixoto já citados há mais: *A Ceramica em Timor*, por J. Jardim; *A Ceramica negra nos districtos de Coimbra e Aveiro*, por P. Fernandes Thomaz; *A loiça de Miranda do Corvo*, por Manuel Monteiro; *A Olaria em Elvas*, por A. Thomaz Pires; no *Archeologo Portuguez* recordaremos, *As louças pintadas do Castro de Santa Olaya*, por A. Santos Rocha; *Archeologia de*

1.000 pessoas, homens, mulheres e rapazes tudo se escoou para o povoado, recolhendo ao lar.

Numa das oficinas tivemos ensejo de apertar a mão ao sr. Gilman, filho. É um homem simpático, agradável, tipo de trabalhador que sabe fazer-se amar do seu pessoal. O nosso Reis, amigo devotado dos patrões e da fábrica mostra-nos ainda algumas oficinas. São do antigo processo e nada justifica a sua manutenção senão o desejo de não deitar à margem o pessoal que nelas se emprega. Fazemos sentir ao nosso cicerone que é filantrópico aquilo. E pensamos que se pode ser um homem de negócios, um grande industrial e ter também dentro do peito um sólido, um bom pedaço de coração...

Traz os Montes, por H. Botelho, assim como a *Ceramica dos concelhos de Villa Real e Amarante; Olaria luso-romana em S. Bartholomeu de Castro Marim*, por Leite de Vasconcellos; e no *Archivo Historico Portuguez, A Porcelana em Portugal. Primeiras tentativas*.

Há também catálogos e preços correntes de Fábricas. Fábrica da Torrinha, das Devezas, de Sacavém, etc. É uma colecção difícil de reünir e sem grande interêsse para a História da cerâmica. Também possuo alguns.

A Tecelagem

SE àmanhã o leitor fôsse mandado seguir para a Covilhã, estamos certos de que, mesmo aprovado em corografia de instrução primária, uma coisa que já não há, o leitor bocejaria: Covilhã? Isso é em casa de Deus verdadeiro. Depois, ante o projecto de o fazerem ir à Serra, o leitor investigaria: Linha da Beira Baixa, 308 kilómetros, onze horas de viagem. E se calhar não há lá senão pedras e lobos! Depois, o leitor, meteu-se no combóio. Tirou o chapéu e enfiou a boina para dormir um pouco. Dois padres por companheiros, dois covilhanenses. O sr. cónego Anaquim, director do *Notícias da Covilhã,* «Deus, pátria e liberdade» e o seu colega sr. padre Rafael. O sr. cónego é delicado, aristocrata, franzino. O seu

colega, grosso e moreno, simpático e boa pessoa. Durante uns tempos conversam, política, Liberato Pinto, etc., até que o sr. cónego se estende e adormece, dormindo como um regalado e sonhando que Viana do Castelo dava agorà o seu decidido apoio ao trono e ao altar. Dormimos todos ao som do resfolegar da máquina e, quando nos debruçamos, vê-se lá adiante o clarão da chaminé flamejante e ao lado o Tejo que serpeia, mostrando a paisagem linda das suas margens poéticas.

O Castelo de Almourol ao luar é uma evocação e a Barquinha é um amor de terra, que encanta e enternece. E tendo saïdo de Lisboa ás 21,30, às 8,30 estamos na Covilhã, sem saudades do *vagon* infecto, sujo e nodoento, vergonha duma Companhia, que nos trouxe.

*
* *

A estação é uma estação como as outras. Tomámos uma carrinhola e lá vamos da estação para a cidade, 3 kilómetros que em carros custam ao forasteiro oito escudos e de automóvel vinte. Vinte, ouviram? Por esta tabela, se o leitor quiser ir à Covilhã, de automóvel, custam-lhe os 308 kilómetros,

pelos quais a Companhia nos esfola 43 escudos, ida e volta, dois contos e pico!...

Pois vamos de carro subindo, subindo uma ladeira poeirenta. O rapaz atiça os cavalos, dando voltas e reviravoltas com a pita do chicote por sôbre a nossa cabeça. E lembramo-nos do sabre de Miguel Strogoff. E com a lembrança chegamos ao hotel. É bom, bem situado, lavado e decente. Avistam-se das suas janelas a lomba da serra e a planície, que vai até um horizonte, que, serras altas, recortam ao longe. E árvores espalhadas parecem confusas sombras de gentes, correndo a um assalto.

A Covilhã é bonita. Edificada nas abas da serra, povoada de fábricas, tem um pitoresco de cidade suíça. Mas não tem nada de limpo, nem de estético, nem de monumentos que se vejam. É irregular, edificada aos azares da sua expansão, não tendo senão um jardim esplêndido, donde se goza um panorama soberbo. Êsse jardim mesmo dizem que escapou aos azares da política rotativa, por já estar, bem dos seus pecados, em razoável estado de crescimento. Mas a Covilhã é porca, não tem exgôtos e o seu município parece tê-la abandonado. Acusam de resto, êsse município de não ter um único citadino, pois que é constituïdo por pessoas

do têrmo. Geogràficamente, a Covilhã é linda. Com
cidade é feia. Augusto Rosa dizia que era um
cidade para se ver de fora e para fora, e é certo
Cidade sem exgôtos salva-a a serra da doença e d
morte. A Manchester portuguesa, o mais important
centro industrial do país, uma tão linda cidade
conhece a civilização apenas superficialmente e nã
goza nem colhe os seus frutos. Há telefone, valha
-nos isso. Mas não há mais nada. É rica, trabalh
como poucas, mas não é melhor, porque os seus s
não reünem e não querem fazer dela a rosa debru-
çada na botoeira da serra.

* * *

A indústria local todos o sabem é a fiação e
tecelagem. Queremos uma fábrica para visitar e
não sabemos como não sabe tôda a gente como se
fabrica uma peça de pano. Cicerona-nos o nosso
amigo Fino, que nos leva à fábrica Alçada & Filho,
Sucessores. Por amável deferência do empregado
geral, sr. João Baptista Júnior visitámos a fábrica,
sem dúvida a mais importante da Covilhã. E o lei-
tor vai connosco assistir às voltas que dá e porque
passa uma peça de fazenda, ou seja as voltas por

ue passou e deu o fato que traz vestido, o que
veste sua mulher, o que vestem os seus petizes, se
os tem, em dias de luxo. Sabe tôda a gente que a
lã é dos carneiros. Há até o ditado que lá por
andar vestido de lã não se é carneiro e André
Brun conta no seu livro do *front* que os soldados
do Norte, que não conhecem os *safões,* usavam as
peles agazalhantes com a aquecedora lã para fora.
E logo os alemães de lá: mé, mé! E o soldadinho
português, refilão de cá: carneiro era o seu pai, seu
grande filho duma grande bêbeda. E foi um pagode
em que os alemães fizeram ir o português à serra.

Pois, o fato é tosquiado. Depois lava-se a lã.
Se é boa, fina, comprida, de qualidade superior dá
a lã de estambre: se é ordinária ou curta e baixa dá
a lã cardada. O estambre e a cardação são os dois
processos por que o homem manipula a lã. Se a lã
é fina, vai à *carda,* máquina que põe a lã ordenadamente para seguir para a *penteadora* que selecciona as fibras e transforma o fio em grandes
novêlos que são as bobines de mecha. Depois a
estiradora vai arripiando, afinando, estirando os fios
até que do novêlo volumoso fica um novêlo comedido. Mas nesta altura como as máquinas são azeitadas e a lã está oleosa a *lavadora* dá à lã um

banho de amoníaco e ela que entrou dum lado com o tom do marfim velho sai do outro branca como um fio de luar. E entra no *estirador.* O estirador torna-a mais comprida, adelgaça-a, afila-a. É a aristocracia do fio, a civilização, a obra educadora. E o fio vai à *bobinadora.* Sai uma bobine lavada, educada, preciosa. Está para a bobine da sua primeira *étape* como uma educanda das Salésias estaria para uma rústica operária de fábrica. Mas a bobinadora esforça-se e aperfeiçoa-se. É a instrução secundária das bobinadoras. Depois o fio, fio novêlo, fio bobine vai à *fiação.* É a Politécnica do fio, visto que a bobine foi o 7.º ano do liceu. A fiação, grandes máquinas, que parecem pianos por dentro, andam para traz e para diante, por isso chamada carruagem, e fia, fia sem descanso. Aquilo que as nossas velhas faziam com algum custo faz a máquina despreocupadamente. E como a máquina está para a velha como o automóvel para o carro de bois, uma daquelas máquinas são quarenta, sessenta, oitenta velhas duma assentada com um garôto à frente que todo o dia vai e vem com ela para traz e para diante. E a bobinadora que teria alguns milhares de metros por quilo tem agora, naquela fiadeira maravilhosa 40 ou 60 mil metros

de comprimento por quilograma. E o fio, um menino prodígio vai à *retorcedeira* que com seus fusos o retorce porque a união faz a fôrça. A união, aquilo que até agora não teem querido ver os industriais da Covilhã. Com isto terminou o estambre. Temos o fio. O fio, que será fazenda se o homem se interessar, como a Covilhã será gente se os covilhanenses, tomando o caso a peito, a quiserem maior e mais bela.

Pode chegar-se ao fio pela cardação. Há lã boa e má como há homens inteligentes e ignorantes, como há bons e maus. Se ao estambre se destina a lã boa, a má, a de inferior qualidade ou de boa, mas curta, destina-se à cardação. E o leitor tem aqui um punhado de lã grosseira, sem geito, sem modos finos, rústica, sem educação, lã negra ou branca, velo curto ou crespo, fino ou grosso, pequeno ou longo. E o leitor vai ver como ela é entregue à escolhedeira. A *escolhedeira* são as primeiras letras, a escolhedeira é o A. B. C. E a escolhedeira, escolhe, escolhe e dá ao *lobo* o fruto do seu trabalho. O lobo toma-a, espalha-a, abre-a e sacode-a, assoprando-a para dentro duma gaiuta que por seu turno a entregará à *primeira carda*. A lã já não é a rústica lã que chegou connosco

à fábrica. É uma lã apresentável, sofrível, quási soberba. Da primeira passa à *segunda carda* e desta à *terceira*. Então, leitor, é já «manta ou pasta», longas mechas que parecem cabelos, alvas tranças que a idade geou. A lã é maior já. E decidido o seu destino porque também a lã tem um destino, a lã entra na *fiação*. A lã cardada com ser pobre e humilde está já, atingiu já a sua irmã do estambre. Daqui em diante ambas viverão, ambas serão gente. Embora umas sejam para viver em palácios e as outras para viver em choupanas. Mas sabe-se lá onde a felicidade mora?!

Pois senhores. Nesta vida da lã vamos acompanhá-la no seu destino. Estambrada ou cardada a lã, é entregue à *urdideira*. A urdideira é uma grande dobadoura, mais alta do que um homem, onde a meada de lã se enrola. É uma grande serpente, pálida, que vem de baixo ao alto e que a gentil figura de mulher que a doma, manda e detém para fazer a cruz com seus dedos de fada. E a cruz é feita como quem passa um jôgo de linha de mão alheia — o berço, a barca, o diabo.

Da urdideira vai à *tecedeira*. A tecedeira é a máquina privilegiada. O fio é já pano, mas pano em fios formado. É a lançadeira que os atravessa,

que os liga, dando-lhe o fio no sentido horizontal. Barulho ensurdecedor, operários cheios da sua arte. O tecelão é um professor e o fio seu discípulo. E o tecelão é quási intratável. Pois o tecelão faz o tecido com o auxílio da máquina. Mas, aqui e ali, o fio quebrou ou falhou. E o tecido vai à *metedeira de fio.* Não é já uma máquina, é uma mulher. Com a sua agulha e sôbre o joelho, ela vai e põe o fio onde a máquina falhou. Deixa-lhe as pontas, faz o essencial apenas, porque o tecido vai à *lavadeira,* máquinas que em banhos de soda, dão a pureza primitiva à fazenda. Depois, no *pizão* ou *batano,* a fazenda encorpa como quere o industrial. Vai à *carbonização* e à *tinturaria.* A primeira queima-lhe tôda a parte vegetal, num banho de ácido sulfúrico, a segunda dá-lhe côr. Vai ao hidro-extractor que, como o seu nome indica, lhe tira tôda a água, seguindo para secar ao sol, em grandes cavaletes. Volta à *últimação* e a gente vê operárias debruçadas sôbre as peças, cortando o fio que ficou da operação de meter. A *tesoura-mecânica* corta-lhe o pêlo à altura que se deseja, como a máquina de cortar cabelo nos deixa o cabelo mais ou menos curto, conforme o desejamos. E vai a *esbicar.* É tomado por uma porção de operárias e cada

uma, armada da sua vassoura e pinça, corta e sacode, até ficar bom. *Cerze-se, prensa-se* e *lustra-se,* noutra máquina *fixa-se o lustro,* isto é, faz-se-lhe a castiçagem e aqui tens, leitor, como da lã bruta se fêz o tecido. O tecido está pronto. Mede-se, dobra-se, enrola-se e dá a peça. A peça vai para o armazenista. Depois vai para o retalhista, depois, vinda do alfaiate, chega às mãos do freguês. Às vezes o génio do açambarcador paira, sonega, empolga e rouba. E vai do preço equitativo da fábrica ao preço fabuloso por que o paga o consumidor. Não é nada: ¿Os senhores sabem por quanto orça o que o sindicato dos mestres de corte e tesoura podem ganhar num fato? Pois muito mais de metade. E a gente deixa a fábrica Alçada, depois de ter escrito no livro dos visitantes a nossa fé no futuro dum Portugal maior.

No limiar da morte

(19 DE OUTUBRO DE 1921)

---

 pouco mais do meio dia quando paramos à porta da Morgue, guardada por soldados da G. N. R. Entramos, e à esquerda da sala de espera, o dr. Asdrubal de Aguiar assiste, com um grupo de indivíduos, à mensuração e ao tirar das impressões digitais do *chauffeur* que um tiro vitimou ontem na rua Anchieta. Um dêles chora e é trazido para fora por um companheiro. Um cheiro nauseabundo paira no ar, um cheiro a podridão, saturante, engulhante, que dá náuseas, cheiro perseguidor, cheiro pestilencial e putrefacto. Sôbre a lama do caminho, fora, o director da Morgue conversa, e é a êle que nos dirigimos. Debalde. Não há ordem para ver senão

os cadáveres desconhecidos, para efeitos de identificação. Aqueles são de gente identificada já e não tem que ver com êles a curiosidade malsã dos jornalistas, nem o piedoso interêsse dos amigos.

A Morgue é um edifício em reconstrução, cheia de casinhotos, cheia de recantos. A biblioteca fica nas costas da sala dos caixões e esta pegada a um acanhado espaço, onde os cadáveres repousam. Mas há do lado direito, dobrado o ângulo do edifício, uma sala clara, azulejada, a única sala capaz dum edifício dêstes. É ali que, dizem-nos, estão tirando as impressões digitais ao vice-almirante Machado Santos. Lá está seu irmão Augusto, e lá estão várias, poucas pessoas de família assistindo, constrangidas, às formalidades da lei, obrigatórias a todos os que dão entrada naquele fúnebre estabelecimento.

É ainda Augusto Machado Santos quem nos facilita a entrada. Está de fraque negro e o seu perfil magro e esguio parece mais curtido pelo sofrimento. Há febre nas maçãs do rosto e os seus olhos ardidos, sêcos, por detrás dos óculos, parecem calcinadas fontes, que a mágoa secou. O fundador da República, o homem que a cavalo passou três dias na Rotunda, entre o estrondear dos canhões

e o crepitar da fuzilaria, o homem que dirigiu o *Intransigente* e foi o ídolo da multidão, está ali ante os nossos olhos, nu sôbre o mármore da mesa, coberto o corpo apenas por um lençol. Vimo-lo muita vez em vida e várias vezes a sua mão apertou a nossa. A sua cabeça e os seus olhos de míope eram bem nossos conhecidos. Íamos vê-los mais uma vez. E avançámos. Mas não era já a cabeça iluminada do homem sonhador que, pelos seus ideais, se sacrifica. Não. Era uma cabeça lívida, marmórea, a face glabra, farripas de cabelo grisalho escorrendo dos temporais. O nariz afilado parecia mármore. A face estava serêna, desprendida, alheia. E só numa das fontes, cercando o buraco escuro deixado por uma das balas homicidas, se alastrava a mancha verde da podridão e da morte. Um moço segurava o braço do cadáver, e, com um rôlo, dava tinta nos dedos para tirar as impressões digitais. Deitado sôbre a face direita, o rosto do homem a quem a República tanto devia, jornalista, vice-almirante, ex-ministro e homem de bem, era indiferente. E Augusto Machado Santos, ante a nossa comoção, traz-nos cá fora e diz-nos: «—Foram-no buscar a casa. Mataram-no no escuro do Intendente. Trouxeram-no à Morgue, mas, como

ouvissem tiros na ocasião, largaram o fardo junto do tapume que dá para a rua de S. Lázaro. E lá foram ripostar aos tiros que ouviam, numa grande sêde de chacina. Mas roubaram-lhe tudo. Tudo. Até a aliança do casamento lhe levaram. Ali esteve até de manhã. Foi buscá-lo um moço da Morgue, que o trouxe às costas como um fardo. E assim acabou o homem cheio de glória, valente, honrado, sonhador e descuidoso. Morto no escuro duma rua, na madrugada duma noite de assassínio e abandonado como um cão chaguento à porta da Morgue, mansão da Morte trágica e do Infortúnio».

Foi ainda a piedade da família que nos permitiu ver António Granjo e José Carlos da Maia. António Granjo estava num taboleiro à esquerda, coberto com um lençol ennodoado de sangue. O rosto, deitado sôbre a esquerda, está empapado de sangue negro, grandes coágulos que o tornam quási irreconhecível. Está esfurancado das balas e de golpes de baioneta, queimado da pólvora, e tem uma expressão selvagem de quem entrou na Morte por arrombamento de porta. A camisa, esgargalada está empapada de sangue negro, que as fontes de numerosos buracos deixaram correr. E, num monte de carne esfurancada, que um fato côr de pinhão

veste ainda, dorme a alma do que foi jornalista e escritor notável, grande republicano, combatente da Flandres, homem honesto e valente. Jaz num taboleiro da Morgue, a mesma Morgue para que êle ainda há pouco dera umas dezenas de contos e na mesma *cuvette* de pau que tem aconchegado os restos de muito desgraçado humilde que a Morte toma de improviso. Não. Não morrera na guerra, e permitiram as lágrimas luminosas dos *very-lights*, escorrendo na face austera da noite, que êle visse a sua pátria vencedora, sem sonhar que viria a morrer como um lobo que a fúria de cães danados persegue.

José Carlos da Maia, hercúleo, forte, quadrado, sem pescoço, tem o casaco subido até ao cráneo e está congestionado. Talvez da raiva de morrer às mãos de bêstas-feras. A sua barba negra ergue-se na ponta do queixo, eriçada, feroz. O seu todo é o dum desesperado, dum valente que se defende e que a morte toma no meio da sua obra. Pensámos um pouco. Poupou-o a Morte quando subia a escada do portaló do *D. Carlos*. Tiros que se cruzaram nada quiseram com êle. E jaz estendido ali, a um canto da Morgue, desalinhado e revolto, o que foi ministro, governador duma possessão lon-

gínqüa, oficial de marinha condecorado, homem de fé, homem valente, homem honrado.

Três mortes! Três glórias da República, que alguém, de repelão, arremessou à terra fria, como se a República fôsse pletórica de homens como êstes. Não! Decididamente, eram inimigos da República os que à bôca de escopetas gloriosas lhes arrancaram a vida.

Voltamos confrangidos. ¿E não haverá remorso nas almas assassinas ou já de todo a Bêsta, a Bêsta, feroz, sem entranhas, sem cultura, sem outra coisa mais do que um instinto sanguinário, venceu o Homem?

ÍNDICE

PÁG.

Dedicatória 5
Guarda-Porta 7

FUMO & FLAMA

De Lisboa ao Pôrto 11
Turismo 17
A Mina 25
A Fornalha 35
Na Boa Vista 43
Em «destroyer» 53
Ao puxar da rêde 59
O Vale do Corgo 65
O pior inimigo... 71

COSMOPÓLIA

De bordo 79
Paris 87
Os tesouros de Paris 93
Divindades bizarras 99